

61 HISTÓRIAS DA AVÓSINHA

O mais belo livro de histórias até hoje publicado no mundo intitula-se:

CONTOS DO PAÍS DAS FADAS

Para dar uma idéia da excelência d'êste livro, bastará dizer: GONDIN DA FONSECA o escreveu e HENRIQUE CAVALLEIRO o ilustrou.

Lendo algumas histórias contidas neste volume, um notável escritor brasileiro exclamou:

— São maravilhosamente belas! E parecem contadas por uma criança!

Efetivamente, Gondin da Fonseca atinge neste seu livro a uma simplicidade de estilo jámais alcançada em língua portuguesa. As suas histórias (contos populares de vários países) são contadas com tanta singeleza que não se sabe o que mais nelas encante: se o maravilhoso do enredo, se o maravilhoso da linguagem.

São doze, ao todo: *O anãozinho Torto, A Mucama Infiel, Suena Murga, Rumpelstieckm, A Princesa Silenciosa, O Cavaleiro das Flores, A Bruxa da Montanha; O Condor Encantado, A Princesinha de Má-Sorte, A Velha dos Gansos, Arapusca, a Rainha Negra e O Jardineiro do Rei.* Está profusamente ilustrado. Mais de 70 gravuras, sendo seis coloridas.

São as mais belas histórias de fadas de que até hoje há notícia. Completamente desconhecidas em português, elas farão por longos e longos anos, a delícia das nossas crianças.

Henrique Cavalleiro, o maior ilustrador brasileiro, aparece neste livro com uma técnica nova, só comparável à dos grandes mestres da ilustração ingleses e americanos.

Um lindo volume ricamente impresso com perto de 100 estampas, sendo diversas a côres encadernado em originalíssima capa.

BIBLIOTECA INFANTIL DA LIVRARIA QUARESMA

HISTÓRIAS DA AVÓ SINHA

LIVRO PARA CRIANÇAS

Contendo cinqüenta das mais célebres, primorosas, divinas e lindas histórias populares, morais e piedosas (*tôdas diferentes das dos outros volumes de contos, pertencentes a esta Biblioteca*), colecionadas umas, escritas e traduzidas outras

P O R

FIGUEIREDO PIMENTEL

OBRA ILUSTRADA COM 31 GRAVURAS

desenhadas por

JULIÃO MACHADO

NOVA EDIÇÃO

1949

LIVRARIA QUARESMA

71, RUA S. JOSÉ, 73

RIO DE JANEIRO

I 20017.51



17.129
1950 CL

As *Histórias da Avósinha*, de Figueiredo Pimentel são exclusiva propriedade da Livraria Quaresma.

087.1
P644h
1949



PREFÁCIO DA NOVA EDIÇÃO

Ainda não são decorridos dois anos, depois que publicamos êstes contos infantis, com tanta propriedade denominados *Histórias da Avósinha*, e já temos o inextinguível prazer, o imenso e justo contentamento de oferecer aos jovens, leitores UMA NOVA EDIÇÃO.

Como é nosso costume, todas as vezes que reimprimos uma obra, seja ela qual fôr, a presente edição das *Histórias da Avósinha*, é inteiramente corrigida, aumentada, melhorada, refundida, recomposta, tornando-se dêsse modo um livro quasi novo, embora conserve todo o seu sabor primitivo.

Também não se passaram ainda seis anos que demos à luz da publicidade o primeiro livro para crianças que aditamos, iniciando, assim a procurada, a apreciada, a popularíssima *Bibliotéca Infantil da Livraria Quaresma*, hoje constituída por uma série de volumes exclusivamente destinados e dedicados à infância brasileira, cada qual mais curioso, interessante, e preciso.

Não precisamos mais vir a público preconizar a nossa *Bibliotéca Infantil*. Está no domínio de todo o espan-

toso, o incalculável, o grande, o extraordinário êxito que tem ela obtido — sucesso êsse único, verdadeiramente único, nos anais da Livraria, no Brasil. Basta dizer que todos os volumes que a compõem já atingiram a sexta edição, pelo menos, havendo alguns que estão na décima, na duodécima e na décima oitava edição. Não há segundo exemplo de tamanho sucesso na história das edições brasileiras — repetimo-los com justo desvanecimento.

Este terceiro volume — *Histórias da Avózinha* — é um dos melhores e mais antigos da coleção, um dos que mais bem aceitos têm sido pelos nossos jovens patricios, pelas mães de famílias, pelos educadores conscienciosos e pela imprensa. Na verdade aqui se encontram os mais célebres contos, dos que andavam apenas na tradição oral, e outros traduzidos de vários autores especialistas no assunto.

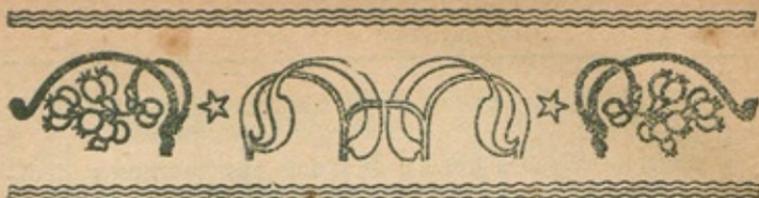
Para correspondermos à confiança dos leitores, para honrarmos o público, que nos faz a devida justiça, além de apresentarmos uma nova edição melhorada, aperfeiçoada, completa, encarregamos de ilustrar cada um dos contos o eminente artista Julião Machado.

O que é êsse notável desenhista, mestre do lapis, sabe-o de sobejo o público: aí estão as revistas ilustradas *A Cigarra e A Bruxa*; aí estão os cartazes artísticos por êle assinados; aí estão as capas de livros e outros trabalhos. Julião Machado é hoje uma possante individualidade artistica. Na Europa, seria um mestre. Em Paris, faria sombra a Jules Cheret, Mucha, Willete, Steinlen e os mais desenhistas de grande merecimento.

O que fêz êsse lapis prodigioso, essa pena de ouro do desenho, ilustrando as *Histórias da Avózinha*, poderão apreciar os leitores. Êsse livro ficou, assim, mil vezes maravilhoso. Para ilustrar Figueiredo Pimentel, só mesmo Julião Machado. *Arcades ambo*.

Correspondemos dêsse modo — repetimo-lo — a confiança do público brasleiro, que fêz da *Bibliotéca Infantiç da Livraria Quaresma* a jóia mais rara das suas estantes, onde figuram os volumes, em lugar visível, lugar de honra.

O EDITOR.



PREFÁCIO DA 1.^a EDIÇÃO

Pela terceira vez editamos um livro de contos para crianças.

Animou-nos tal cometimento o extraordinário sucesso dos anteriores — *Contos da Carochinha* e *Histórias do Arco da Velha* — que obtiveram êxito extraordinário.

Em verdade, ambos êsses livros — dizêmo-lo com orgulho — vieram preencher sensível lacuna; neles estão reunidos muitíssimos contos populares, que andavam espalhados exclusivamente na tradição oral, passando de geração em geração, sem no entanto nunca haverem sido colecionados e escritos.

Costinuamos hoje a série tão auspiciosa e brilhantemente encetada, publicando êste terceiro volume — *Histórias da Avósinha*.

Estamos certos que o presente livro, alcançará o mesmo assombroso sucesso dos dois antecedentes, porque encerra novos contos, a maior parte inteiramente inéditos, e que não estão enfeixados nas *Histórias do Arco da Velha*, nos *Contos da Carochinha*, ou qualquer outra coleção nossa, ou das que últimamente tem feito aparecer a inveja

e a imitação dos exploradores de idéias e trabalhos alheios.

As crianças brasileiras, às quais destinamos e dedicamos esta série de livros populares, encontrarão nas *Histórias da Avósinha* agradável passatempo, aliado a lições de moralidade, porque tais contos encerram sempre um fundo moral e piedoso.

E, só com a satisfação que experimentamos de sermos úteis aos nossos jovens patricios, damo-nos por bem pagos de nosso trabalho.

Rio de Janeiro, 1896.

O EDITOR.

HISTÓRIAS DA AVÓSINHA



A

NDRE' o bom Andrézinho, menino querido e estimado por todos que o conheciam, achava-se desesperado, banhado em lágrimas, aflito, porque

sabia que o seu extremoso pai estava nos paroxismos finais da vida.

Só êle velava no pequeno e desguarnecido aposento onde jazia o moribundo. A lamparina acesa derramava amortecida claridade. Era noite alta.

De súbito, o velho, quebrando o silêncio, falou:

— “Sempre foste um bom filho, André e, por isso Deus te ajudará na tua peregrinação pela terra”.

Depois, olhou tristemente o filho, pela última vez: fechou os olhos para sempre e expirou. Esta-

va morto, mas parecia dormir apenas um sono doce, calmo, tranqüilo, porque morrera serenamente, como um justo, que sempre fôra.

André, compreendendo a terrível realidade, chorava amargamente. Ajoelhado junto à cama, tendo entre as suas as mãos do seu amado morto, beijando-as com todo o respeito, deixou-se ficar na mesma posição, sempre a chorar, até que, vencido pelo sono, exausto de fadiga, adormeceu.

Sonhou. Viu o Sol e a Lua inclinarem-se diante dêle. Viu o velho, de perfeita saúde, sorrindo-se, alegre como outrora, nos seus dias de bom humor. Uma encantadora mocinha, tendo uma corôa de ouro sôbre a bela cabeça ornada de louros cabelos, estendia-lhe a mão, enquanto seu pai lhe dizia: "Eis tua noiva, André. E' a moça mais formosa do mundo inteiro".

O menino despertou.

A agradável e radiante Visão havia desaparecido. Ninguém se achava a seu lado: no quarto, só estavam êle e o cadáver.

No dia seguinte, enterraram o morto. André acompanhou tristemente o entêrro, lembrando-se que nunca mais havia de ver aquêle a quem êle tanto amara, e por quem tanto fôra amado. Ouviu o som da terra caindo sôbre o caixão; ouviu os cantos suavíssimos das preces rezadas. E chorou. As lágrimas fizeram-lhe bem, aliviando-o.

Olhou em tórno de si. O sol brilhava majestosamente, dourando as árvores verdejantes, como se quisesse dizer-lhe: “Consola-te, Andrèzinho, contempla êste Céu, tão azul, tão sereno! E’ nêle que está teu pai rogando a Deus para que sejas eternamente feliz”.

E, ali mesmo, no cemitério, o mocinho protestou consigo mesmo:

— “Prometo que serei sempre bom, porque quero reunir-me, um dia, a meu pai, que está no Céu”.

Em seguida, tendo ajoelhado e rezado mais uma vez, no sepulcro do seu querido morto, retirou-se para casa, ainda triste, porém, resignado, consolado.

*
* *
*

Alguns dias mais tarde, André resolveu abandonar a sua aldeia natal, para correr mundo em busca de trabalho.

Firmemente resolvido a executar êsse projeto, arrumou a sua trouxa, vendeu as poucas coisas que o velho deixara, conseguindo reunir apenas cinquenta cruzeiros, e pôs-se a caminho, tendo ido primeiro ao cemitério despedir-se do seu querido morto.

Por muitos e muitos dias caminhou êle, sempre em frente, atravessando planícies, montes, vales, florestas e aldeias.

Por tôda a parte, onde quer que chegasse, todos o acolhiam efusivamente, simpatizando à primeira vista com a sua fisionomia expansiva, leal, franca, honesta. E ninguém lhe recusava hospedagem.

Outras vêzes, porém, longe dos povoados, quando a noite baixava, dormia ao Deus-dará, quer em pleno campo, ao relento, quer abrigado em algum



velho tronco de árvore anosa. Não receiava as feras, os animais, os bichos venenosos, acolhendo-se sob a proteção de Deus.

Um dia jornadeava êle por uma extensa campina. Ao cair da tarde o tempo mudou bruscamente; enfarruscou-se o céu, coberto de grossas nuvens negras. Ameaçava chuva. Trovões ribombavam. Relâmpagos cruzavam-se nos ares.

Ao longe, muito longe, erguida sôbre um pequeno outeiro, alvejava uma capelinha.

André correu para ela; e, vendo a porta aberta, entrou, para fugir ao temporal, que acabava de desabar.

Ajoelhou-se a um canto, fêz a sua oração e adormeceu.

Pelo meio da noite, despertou. A tempestade cessara. A noite tornara-se calma. Pela porta aberta, o luar entrava, iluminando a igreja.

Foi só então que o rapaz reparou: no centro da nave estava um esquife aberto, com um cadáver, que não haviam tido tempo de inhumar. Não teve mêdo porém, pois sabia que os mortos não voltam; e que só os vivos fazem mal, quando são maus.

Depois de fazer uma breve oração, por alma daquele finado, ia de novo adormecer, quando ouviu barulho de passos. Ato contínuo, entraram dois homens: dirigiram-se para o caixão, e fizeram menção de carregar o corpo.

— “Que querem os senhores com êsse morto?” perguntou o mocinho, intervindo. “Deixem-no em paz, pelo amor de Deus!...”

— “Não”, respondeu um dos dois malfeitores. “Vamos atirá-lo fora, para servir de pastos aos urubus, porque êle nos devia dinheiro e morreu sem nos pagar”.

— “Ignoro a quanto montava a dívida”, disse o moço. “Tôda a minha fortuna é cinqüenta cruzeiros. De bom grado lhos darei, se os senhores me

prometerem que não exercerão tão mesquinha vingança”.

— “Pois sim”, concordaram os dois perversos. “Já que o senhor paga por êle, deixá-lo-emos apodrecer sossegadamente.”

André deu-lhe o dinheiro, e os malvados retiraram-se.

Ao amanhecer, o generoso mocinho saiu da igreja, e prosseguiu na jornada, embrenhando-se numa floresta que viu em frente.

Tendo-a atravessado, ao cabo de alguns minutos encontrou um rapaz, pouco mais ou menos de sua idade, que lhe perguntou:

— “Para onde se dirige você, caramada?”

— “Vou por êsse mundo em fora, até encontrar trabalho”, respondeu Andrézinho.

— “Então vamos juntos, que eu sigo o mesmo destino”, disse o outro. E perguntou em seguida: “Como te chamas?”

— “André... E tu?”

— “Miguel...”

Os dois moços caminharam lado a lado, ambos alegres, ora rindo, ora cantando, conversando, despreocupados dos prazeres da vida e das fadigas da jornada.

Era dia alto, quando pararam para almoçar, à sombra de uma frondosa árvore, dividindo irmanamente o farnel que cada um trazia.

Pouco depois viram passar, a alguma distância

do lugar em que se achavam, uma velhinha, muito velha, encarquilhada e trêmula, carregando um molho de lenha que havia catado na floresta. Curvada àquele pêso, a custo caminhava a pobrezinha.

De súbito, a velha escorregou, e caiu ao chão, soltando gritos lamentações. Os dois companheiros correram prontamente em seu socorro, tentando



levantá-la. Viram, porém, que a infeliz havia fraturado uma das pernas.

André propôs carregá-la até a casa, mas Miguel sossegou-o. Tirando do bôlso uma pomada, esfregou o lugar fraturado, e a velhinha depressa ficou curada, como se nada houvesse sofrido.

Querendo pagar o relevante serviço que Miguel acabava de lhe prestar, a velha presenteou-o com três varinhas verdes que colhera, dizendo-lhe que eram preciosíssimas.

Sorriu-se André, vendo a insignificância do presente, mas Miguel guardou-as com o máximo cuidado, pois sabia que virtude continha, e de que maneira se serviria delas.

Os dois amigos caminharam o dia inteiro; e quando a noite desceu, repousaram ao luar, sem cama, nem travesseiros, ao ar livre, mas assim mesmo satisfeitos.

Rompeu a aurora. Pelo meio-dia, seguindo por extenso campo a perder de vista, sob um sol causticante, os dois companheiros encontraram um soldado caído, sem fala, exausto de fôrças, semi-morto.

Miguel tirou do seu sacco de viagem um vidrinho, abriu com uma faca os dentes cerrados do soldado, e fê-lo engulir algumas gotas do liquido — uma água vermelha, que o frasco continha. Imediatamente o militar voltou à vida; comeu um pedaço de pão e queijo, que lhe ofereceu André e pôde marchar.

Querendo testemunhar ao generoso Miguel o seu reconhecimento, obrigou-o a aceitar a espada que trazia; e despediu-se dêles.

À tarde jornadeavam ainda os rapazes, quando ouviram nos ares os sons deliciosos de uma doce música. Levantaram a cabeça, e viram um grande cisne branco, que cantava... cantava... enfraquecendo gradualmente a voz... voando cada vez menos... descendo... descendo até cair morto, junto aos dois companheiros de viagem.

Miguel, vendo-o morto, servindo-se da espada que lhe dera o soldado a quem socorrera, cortou-lhe as asas, dizendo para o seu camarada:

— “Estas asas valem ouro, meu amigo. Vou levá-las”.

E meteu-as no saco, em companhia das três varinhas da velha e do sabre do soldado.

Passados dois dias mais, chegaram finalmente a uma grande e populosa cidade, que souberam ser a capital do reino de Bogador.

Pernotando numa hospedaria, informaram-se com o hoteleiro dos usos e costumes da terra.

Souberam que o rei Iris IV era excelente príncipe, dotado de bom coração, o que não sucedia, porém, com a princesa Lucília.

Essa moça, extraordinariamente formosa, causando pasmo a tôdas as pessoas que a viam, um só minuto que fôsse, era cruel, era má, era perversa.

O rei, querendo casá-la, ela permitiu a todo o mundo pretender-lhe a mão, quer fôsse fidalgo ou plebeu, milionário ou mendigo, sob a condição de adivinhar, em três dias consecutivos, no que estaria ela pensando no momento de falar ao pretendente. Se a pessoa adivinhasse, desposá-la-ia, vin-

do a reinar por morte do pai; senão adivinhasse, morreria enforcado na praça pública.

Mais de dois mil rapazes, de tôdas as classes, de tôdas as partes do globo, haviam se sujeitado a tais condições, mas nem um só conseguiu adivinhar-lhe os três pensamentos.

E Lucília, bárbara, impiedosa, sem coração, não tivera pena de um só, mandando enforcá-los todos.

Iris IV afligia-se com aquilo, mas nada podia fazer. O povo também sofria.

André ficou horrorizado, ouvindo a narração, daquelas atrocidades; e amaldiçoava a princesa, opinando que devia ser açoutada, para castigo da sua maldade.

Ainda estava sob tão desagradável impressão, quando ouviu na rua grande rumor de gritos, exclamações, hurras e vivas. Correu à janela. Era a princesa Lucília, que passava montada a cavalo, e o povo aplaudiu-a, subjugado pela sua extrema beleza, tôdas as vêzes que a avistava.

Mal a viu, André empalideceu. Era a Visão, que vira em sonhos, no dia da morte de seu pai. Ficou alucinado. Esqueceu tudo quanto acabavam de lhe contar, para amá-la, amá-la doidamente, apaixonadamente.

Desde êsse momento, tomou a resolução inabalável de se apresentar candidato à sua mão. Debalde o hoteleiro, que com êle logo simpatizara, lhe repetiu que a princesinha, por demais perversa, não

tinha coração, espalhando-se mesmo a lenda de que era uma feiticeira, auxiliada pelo Diabo. Debalde o seu companheiro de viagem tentou dissuadi-lo daquela terrível idéia.

André não os atendeu. Na manhã seguinte, vestiu-se o melhor que pôde, e encaminhou-se para o paço, pedindo uma audiência ao rei.

Assim que o soberano viu aquêlê moço, formoso, simpático, alegre, atraente, e soube que se apresentava como candidato à mão de sua filha, ficou desesperado. Contou-lhe com a máxima franqueza qual era o caráter da maldosa princesinha, e mostrou-lhe num dos jardins reais, esqueletos sem conta dos pretendentes.

Não conseguiu, porém, fazê-lo mudar de resolução.

Então, o velho monarca, mandou chamar Lucília, apresentou-lhe André, que ao vê-la mais apaixonado ficou.

Marcou-se o dia seguinte para a primeira prova da adivinhação.

*
* *
*

Na cidade, a consternação era geral. Lastimavam todos a sorte do belo e amável estrangeiro, pois ninguém duvidava que havia de ser fatalmente vítima da maldade de Lucília. Fizeram-se preces públicas. Fecharam-se os teatros; nem um só

divertimento público funcionou. Tôda a gente trajava luto.

Êle era o único que se encontrava calmo, contando que Deus o auxiliaria no momento da adivinhação.

À noite deitou-se tranqüilo, como costumava, depois de ter feito as suas orações, e não tardou em adormecer.

Miguel, também, deitou-se em outra cama, no mesmo quarto da estalagem, e fingiu que dormia. Assim, porém, que viu o companheiro ferrado no sono, levantou-se sorrateiramente. Abriu o seu sacco de viagem, apanhou as duas asas do cisne que matara, e colou-as nas espáduas, bem grudadas, munuiu-se de uma das três varinhas que lhe dera a velha da floresta; e, tornando-se invisível, voou pelos ares, em direção ao palácio de sua majestade el-lei Iris IV, soberano de todo o vastíssimo país de Bogador e terras circunvizinhas.

Aí esperou algum tempo. Pouco depois, viu abrir-se uma das janelas dos aposentos da princesa, e ela aparecer, voando com asas pretas, envolta num grande véu de filó alvissimo.

Miguel, sempre invisível, voou acompanhando-a mas a fustigá-la com a varinha, sem piedade.

Longa foi a viagem pelos ares, até que finalmente chegaram a uma gruta que havia no meio da mata. Morava aí o horrível feiticeiro Barraguzão, que era o padrinho de Lucilia.

A moça, tendo entrado, contou-lhe o que se havia passado: a chegada do novo pretendente, a vinda dela pelos ares, sentindo, entretanto, que a açoitavam. Pediu-lhe conselho como responderia no outro dia, por ocasião da audiência.

O infame bruxo explicou-lhe que as pancadas que ela sentira eram da neve, caindo; e recomendou-lhe, no momento em que André se apresentasse para lhe adivinhar o pensamento, pensasse numa coisa muito simples. E combinaram que seria nas botinas dela.

Lucília despediu-se; e voltou, voando pelos espaços, sempre seguida de Miguel, que invisivelmente, não cessou de chicoteá-la, até que chegasse ao palácio.

O misterioso companheiro, deixou a moça entrar, voltou para a hospedaria; desgrudou as asas, que guardou cuidadosamente, e deitou-se, sem que Andrézinho houvesse dado por falta d'ele.

Este acordou cedo, e começou a vestir-se, sem se preocupar sequer com a sorte que lhe estaria reservada se não adivinhasse o pensamento da princesa. Todo entregue à sua paixão, só pensava em Lucília, amando-a cada vez mais.

Quando ia saindo para o palácio, para se submeter à primeira prova, ainda não havia decidido como responder.

Então Miguel chamou-o, e aconselhou-o:

— “Olha, André, naturalmente a princesa para

te desnortear, há de pensar numa coisa muito simples. Assim, acho que te debes lembrar de um dos objetos de seu vestuário: nas botinas, por exemplo”.

“Pois sim”, respondeu êle. “Direi que é nas botinas que ela está pensando”.

No momento solene da audiência, perante a côrte reunida, em presença do rei e dos grandes dignatários, do reino. André compareceu, Lucília, lá estava, deslumbrante de beleza, mocidade e graça, sentada num trono de ouro e marfim.

— “Então, em que estou pensando”.

— “Nas botinas de vossa alteza”, respondeu o moço.

A princesa ficou desapontada, mas não teve remédio senão confessar que era verdade. Entretanto, não desanimou, recordando-se que ainda faltavam duas provas, não sendo provável que o pretendente se saísse tão bem em ambas.

*
*
*

André passou o dia inteiro satisfeitíssimo, e assim todo o povo. Já tinham alguma esperança que o jovem estrangeiro pudesse adivinhar os outros dois pensamentos.

A noite, o rapaz deitou-se calmamente, confiando em Deus. Logo que o viu adormecido, Miguel levantou-se devagarinho, como fizera na véspera,

apanhou outra vez as asas do cisne e a segunda das três varas que lhe dera a velhinha da floresta.

Repetiu-se ponto por ponto a cena da noite anterior. O misterioso companheiro de viagem, voando invisivelmente pelos espaços, acompanhou Lucília, fustigando-a sempre, até à caverna do horrível bruxo.

Aí, narrou Lucília o que se tinha passado, e Baraguzão, o feiticeiro, aconselhou-a que pensasse nas luvas.

Miguel, que tudo ouvira, ao despertar disse a André que havia sonhado tôda a noite com a princesinha e as luvas, e pois aconselhava-o a que referisse a elas, quando lhe perguntasse em que estava pensando.

O moço obedeceu, e Lucília quase morreu de dor, vendo-o adivinhar pela segunda vez o seu pensamento.

A população estava em delírio, sabendo que havia sido coroada de bom êxito a segunda prova. Fizeram-se deslumbrantes festas, para comemorar o acontecimento.

Na terceira noite, André dormiu calmo e sereno, como nas precedentes, e Miguel levantou-se sem barulho. Abriu o seu sacco de viagem; grudou nas omoplatas as duas asas brancas do cisne; muniu-se da terceira e última varinha com que o brindara a

velha da floresta; pôs à cinta a espada do soldado que socorrera; e, descerrando a janela, voou em direção ao palácio real.

Pouco depois, do mesmo modo que nas noites anteriores, apareceu Lucília, e ambos, Miguel — sempre invisível, açoutando-a sem cessar — voaram para a caverna do feiticeiro.

Longa foi a confabulação. A princesa estava desesperada, porque André já havia adivinhado duas vezes seguidas, e podia sair-se bem da terceira.

O bruxo, porém, sossegou-a:

— “Não! êle tem acertado porque tens pensado em coisas simples. Amanhã pensarás em minha cabeça. O estrangeiro não me conhece, naturalmente não sabe sequer que existo, e assim perderá”.

Lucília muito satisfeita, accitou o conselho: e partiu para o palácio.

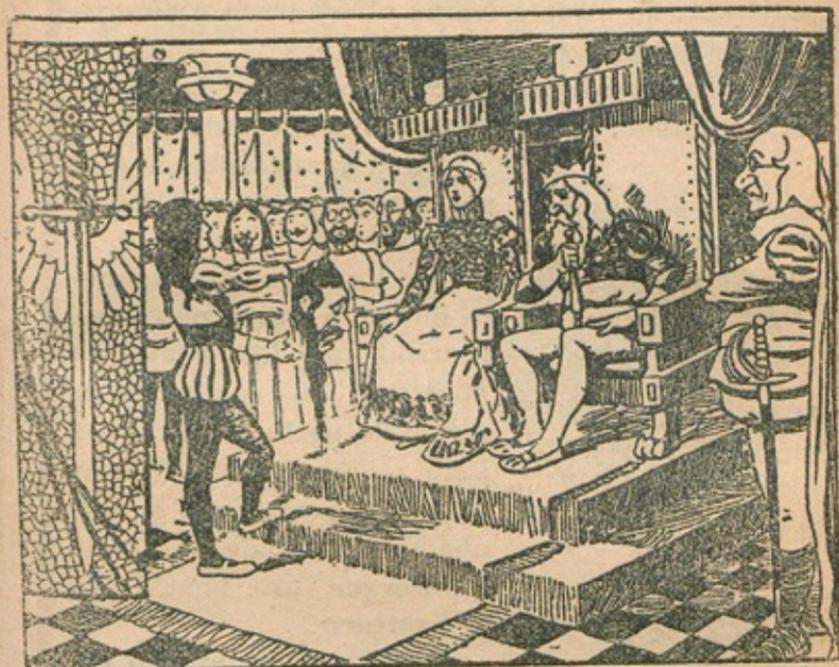
Miguel deixou-a sair; e, vendo-se só com Barraguzão, puxou da espada, e, de um golpe decepou a cabeça. Embrulhou-a num lençol, e voou para a estalagem.

À hora da audiência, André pediu-lhe conselho como deveria responder, vendo o bom êxito das duas primeiras vêzes.

Então Miguel deu-lhe o embrulho, contendo a cabeça do feiticeiro, recomendando que só o abrisse no instante em que a princesa lhe perguntasse no que estava ela pensando.

O moço executou fielmente o que mandara o seu misterioso amigo.

Lucília, mal avistou a cabeça do bruxo, compreendeu tudo, mas não teve remédio senão receber o estrangeiro por espôso.



Celebraram-se imponentísimos festejos para a realização do casamento. O povo inteiro exultou de alegria.

Entretanto, a formosa princesa, perversa como era, sem coração, não amava o noivo.

Foi ainda Miguel que o socorreu. Deu-lhe um frasquinho contendo um precioso líquido côr de ouro, recomendando-lhe que misturasse no chá destinado a Lucília, na noite do casamento.

A moça, ao bebê-lo, sentiu uma grande dor no peito, mas ao mesmo tempo olhou terna e amorosamente para o espôso.

Lucília amava pela primeira vez na vida, e continuou a amar. Estava quebrado o encanto.

No dia seguinte, Miguel apareceu ao companheiro e disse-lhe:

— “Eu sou a alma daquele morto, a quem não consentiste que dois perversos atirassem ao campo para servir de pasto aos urubus. Com o único dinheiro que possuías, compraste a minha tranqüilidade no túmulo. Porque foste bom, Deus te protegeu.

Agora, minha missão está finda. Sê feliz!”

Acabando de pronunciar tais palavras, transformou-se em luminosa nuvenzinha, e desapareceu nos ares.





ASTANTE velho já, fatigado de uma longa existência de trabalhos e cansaças, exausto de forças. e doente de velhice — porque a velhice é também uma doença — estava tio Benedito, o bom e estimado velhote tio Benedito: oitenta anos pesavam-lhe às costas, como um grande fardo que êle a custo carregasse.

Na sua mocidade, e mesmo durante parte da velhice, ninguém trabalhava mais que êle, honesto sempre, mourejando, dia e noite, para sustento de sua familia.

Não podendo fazer serviço algum, alquebrado pela idade, veio morar em casa de Augusto, seu filho mais moço, já com um filhinho de três para quatro anos, o pequenino e interessante Luís, vivo e esperto como poucos.

Velho e enfêrmo, qual estava, tio Benedito como

que vovera à primeira infância; e, por isso, eram precisos inúmeros cuidados com êle, que mal se sustinha sozinho, trêmulo, muito trêmulo, quase sem poder andar.

Quando se sentava à mesa, para o almoço, e para o jantar, derramava a sopa na toalha, quebrava pratos e copos, com as mãos fracas, como uma criança arteira e estouvada.

Augusto, e sua mulher, Henriqueta, aturavam-no com dificuldade, zangados, contrariados, aborrecidos principalmente com o prejuízo diário que o pai lhes dava.

Afinal, não podendo mais suportar o velho, resolveram comprar uma cuia; e às horas das refeições sentavam-no no chão, perto da mesa dando-lhe a comida naquela tosca vasilha.

Quando Luisinho, o pequenino viu que o avô não se sentava mais à mesa, ficou ficou triste, mas não disse palavra. Estranhou aquilo porque a sua almazinha desabrochava formosamente para o bem; e se não manifestou a sua impressão, foi por supor que assim se fazia sempre com os velhinhos, que não se sentavam à mesa, nem comiam em pratos, como os outros.

O pequenino Luís, era o único que verdadeiramente estimava o ancião, próximos entre si aquela primavera e aquêl invern, aquela criança e aquêl velh, ambos na infância, ambos no crepúsculo da vida.

Dias depois, Augusto e Henriqueta viram o filhinho entretido a brincar com alguns pedaços de tábuas, um martelo e pregos, como não tinha por costume fazer.

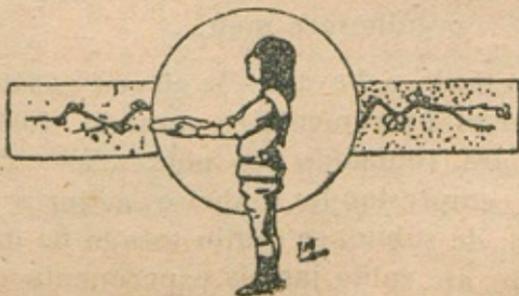
A mãe, estranhando aquilo, perguntou:

— “Que estás fazendo aí, Luisinho,”

— “Estou fazendo um prato, para dar de comer a papai e a mamãe, quando eu fôr grande, e eles já estiverem velhinhos como vovô”, respondeu ingênuamente a criança.

Henriqueta e Augusto olharam-se confusos, vexados e arrependidos da sua ingratidão, e de novo trouxeram o pai para se sentar à mesa, em sua companhia.

Desde êsse dia, trataram-no com o respeito, o desvêlo e a consideração que os filhos devem aos pais.





CONTAM que, em outros tempos, há milhares e milhares de anos, quando nada existia do que hoje existe, viveu em certa cidade um rico fidalgo, o barão de Macário, tão poderoso e opulento, quão orgulhoso e mau.

Uma tardê, achava-se êle no seu escritório, contemplando àvaramente a grande fortuna que acumulara, roubando aos pobres, às viúvas e aos órfãos, emprestando dinheiro a juros elevados, quando, de súbito, se sentiu tocado de um raio de bondade, até então jamais experimentado pelo seu coração empedernido.

Lembrou-se que já estava velho; e que, com aquela idade, nunca fizera o menor benefício a pessoa alguma, sem ter dado jamais uma única esmola sequer. Arrependeu-se então, do seu passado.

Nessa mesma tarde, Augusto, um infeliz sapateiro, seu vizinho, que vivia na maior pobreza, carregado de filhos, veio bater à porta, suplicando que lhe emprestasse cem cruzeiros, para se ver livre de uma penhora, e poder comprar o material que precisava para os trabalhos de sua profissão.

— “Em vez de cem cruzeiros, darte-ei mil cruzeiros, Augusto”, disse o barão, “om a condição, porém, que, se eu morrer primeiro, você irá vigiar meu túmulo, nas três primeiras noites depois do meu entêrro”.

O sapateiro prometeu, acoçado com estava pela necessidade, e o fidalgo deu-lhes os mil cruzeiros.



Dois meses depois, o barão de Macário morreu; e Augusto, lembrando-se de sua promessa, como era homem de palavra, foi cumpri-la.

Duas noites passou êle em claro, no cemitério da cidade, cheio de medo, mas sem que ocorresse novidade alguma.

Na terceira e última, dirigia-se para ir velar junto ao túmulo, quando avistou um soldado encostado ao mausoléu.

— “Eh! camarada!” bradou. “Que fazes aí? Não tens medo de estar no cemitério?”

— “Eu não tenho medo de coisa alguma”, respondeu o militar. “Vim para aqui, porque não tenho onde pousar esta noite”.

Puseram-se ambos a conversar, enquanto o sapateiro contava ao soldado por que motivo ali se achava.

Passou-se o tempo, sem que êles o sentissem, quando o relógio da tórre da igreja bateu compassadamente as doze badaladas fúnebres da hora terrível da meia-noite!...

Então, nesse momento, próximo dêles surgiu de súbito, sem que soubessem de onde vinha, um homem vestido de vermelho, com os olhos chispando fogo, e cheirando fortemente a enxofre.

Era o Diabo, que lhes ordenou:

— “Retirem-se daqui, rapazes! a alma dêste homem, que foi um grande usurário na terra, pertence-me, e eu vim buscá-la”.

— “Senhor vestido de vermelho”, disse o soldado, “o senhor não é meu superior, nem mesmo um oficial. Não posso, pois, obedecer-lhe; e, assim,

digo-lhe que se retire daqui, pois aqui chegamos primeiro”.

O Diabo, vendo aquêle militar destemido, não quis puxar barulho, e lembrou-se de comprá-lo, perguntando-lhe quanto queria para se ir embora.

— “Aceito o negócio que me propõe, sr. Satanaz. Basta que me dê o dinheiro, em ouro, que uma das minhas botas puder conter”.

O Diabo saiu, e foi pedir emprestado a um judeu seu amigo, que morava naquela mesma cidade.

Enquanto não vinha, o soldado puxando o rifle cortou a sola da bota do pé direito, e colocou-a por cima de um túmulo aberto.

Quando Satanaz chegou, vergado ao pêso de um saco de ouro, esvasiou-o, peça por peça, dentro da bota. O dinheiro caía todo na sepultura.

— “Olé!” disse o capataz do Inferno, “esta tua bota parece-me mágica!”

— “Vá buscar mais!”... — mandou o soldado.

Mais de dez sacos foram assim trazidos pelo Diabo. As moedas escorregavam pelo cano da bota, e iam cair no túmulo, de modo que a bota jamais se enchia. Satanaz, desesperado, ia trazendo saco por saco. Na ocasião em que carregava o décimo saco, cheio de moedas de ouro, eís que amanheceu de repente. O galo cantou; o sol rompeu; e o sino da igreja bateu alegremente, chamando para a missa.

Satanaz deu um berro e desapareceu...

Estava salva a alma do barão de Macário...

O soldado e o sapateiro Augusto repartiram entre si a grande fortuna que o Diabo deixara na cova; e foram viver ricos e felizes, empregando uma boa parte do dinheiro em dar esmolas aos pobres.



O Violino



ARIO era um mocinho, alegre e esperto, estimado por todos os que o conheciam.

Um dia, despedindo-se de sua família e de seus amigos, saiu de casa, para ganhar honradamente a vida. Ele era o mais velho dos cinco filhos que tinha o tio Pedro; e como a miséria lhes batia à porta forçoso foi que o moço saísse para não sobrecarregar o pai em prejuízo dos irmãos menores, e também para ver se melhorava de sorte.

Ao despedir-se, o pai lhe dera por tôda fortuna uma moeda de prata; e êle julgou-se rico, porque não conhecia o valor do dinheiro.

Caminhava alegremente pela estrada que conduzia à cidade, quando encontrou um velhinho, abrigado à sombra de uma árvore, gemendo e chorando.

Dotado de excelente coração, Dario tratou desveladamente do enfêrmo, e deu-lhe a sua única moeda de prata.

O velhinho, agradecido, disse:

— “Já que foste tão caridoso, vou fazer-te um presente. Aqui tens êste violino. Tôdas as vêzes que o tocares, quem o ouvir não poderá resistir ao desejo de dançar”.

Dario saiu satisfeito com o presente, e pouco adiante encontrou-se com um judeu, homem avarento, que espoliava todo o mundo, emprestando dinheiro a altos juros, em troca de bons e valiosos penhores de prata, ouro e pedras preciosas, que nunca mais entregava aos respectivos donos.

Naquele mesmo instante o judeu acabava de perder um vintém, e procurava-o aflitadamente, como se se tratasse de imensa fortuna.

O moço ofereceu-se para ajudá-lo; e, como tinha boa vista, enxergou a moeda de cobre caída no meio dos espinhos. Ia apanhá-la, mas o avarento não o consentiu, pensando que Dario fôsse capaz de roubá-la.

— “Ah! judeu” disse Dario consigo mesmo: “desconfias de mim! Deixa estar que mo pagará...”

Esperou sentado; e, assim, que viu o miserável dentro dos espinhos, começou a tocar o violino.

O judeu, escutando aquêles harmoniosos sons, começou a dançar; e quanto mais Dario tocava, tanto mais êle saltava, quase sem fôlego, rasgando a roupa, ferindo-se nos espinhos.

— “Pára... pára!... cessa êsse violino do diabo! Pára, que já não posso mais”, berrava o judeu, desesperado, sempre a dançar.

O rapaz, porém, continuava sempre a vibrá-lo.

— “Pelo amor de Deus, pára com essa música, que te darei uma bolsa de ouro!... disse enfim, o avarento.

— “Ah! isso é outro falar!” respondeu o mocinho, emudecendo o mágico violino, depois que o judeu atirou a bolsa.

No dia seguinte, chegando à cidade, Dario foi prêso. O judeu tinha ido queixar-se que havia sido roubado por êle.

O moço foi condenado à morte.

No momento em que subia para a fôrça, pediu que lhe permitissem tocar pela última vez o violino.

O avarento, que estava ao pé do cadafalso, gritou logo:

— “Não o deixem tocar mais!... Não o deixem tocar!...”

O juiz porém, que não via razões para recusar, acedeu.

Dario começou a vibrar o violino, e imediatamente todos — juiz, carrasco, soldados, homens, mulheres, velhos e crianças — todos começaram a dançar.

— “Basta!” gritava o juiz.

— “Basta!” gritava o povo.

Dario cessou a música. O juiz convenceu-se de que o rapaz não era criminoso, perdoou-o, e mandou enforcar o judeu.



O MIUDINHO



E M companhia de vários fidalgos, d. Bias, poderoso príncipe, herdeiro do importante reino de Avalão, foi uma vez à caça, embrenhando-se numa imensa e intrincada floresta, que havia às portas da cidade. Não conhecendo o caminho, sua alteza, tendo-se afastado de sua comitiva, perdeu-se no mato, e não houve meio de poder dali sair.

Depois de andar léguas e léguas, chegou, extenuado, a uma caverna aberta numa grande montanha. Residia aí uma família de gigantes, composta de pai, mãe e filha.

O gigante, que se chamava Ragarrão, estava fazendo lenha para o jantar. Arrancava facilmente com uma só mão, velhas árvores, que nem vinte juntas de bois poderiam sequer balançar.

Ragarrão, avistando o príncipe, que lhe pareceu um anãozinho, comparado com êle, por lhe não chegar nem até aos joelhos, exclamou:

— “Oh! que homem tão miudinho! Que queres aqui, anão?”

O príncipe contou-lhe a sua história; e Ragarrão disse:

— “Bem; visto isso, ficarás aqui, como meu criado”. E ficou chamando d. Bias de Miudinho.

Passado algum tempo, a filha do gigante, Clandira, apaixonou-se por d. Bias e d. Bias por ela.

Ragarrão, desconfiando da coisa, chamou o príncipe, e disse-lhe:

— “Contaram-me que tu te gabavas de ser capaz de edificar, em uma só noite, um palácio para mim e minha filha. Se tal não fizeres, amanhã, pela manhã, matar-te-ei”.

O príncipe ficou desesperado; e chorava amargamente, quando apareceu Clandira, que lhe falou:

— “Não te desesperes, meu querido príncipe. Amanhã, pela manhã, o palácio estará feito”.

Assim foi, porque Clandira era encantada.

Quando Ragarrão viu aquela obra, não pôs dúvida que houvesse sido feito pela filha, e disse à mulher:

— “Amanhã matarei Miudinho, antes que êle queira casar com minha filha”.

Clandira ouviu a conversa. Foi ao quarto de Miudinho, fê-lo levantar-se; e, roubando da estrebaria um cavalo, que, de cada passada, caminhava sete léguas fugiu com êle.

Pela manhã, Ragarrão, dando por falta de Miudinho e da filha, calçou as botas de sete léguas que haviam pertencido ao célebre Pequeno Polegar (*), e saiu atrás dos fugitivos.

Quando os ia alcançando, Clandira, transformou-se num regato; Miudinho, num prêto velho; o cavalo, numa árvore; o selim, em laranjas, e a espingarda que levavam, num beija-flor.

Ragarrão, chegando perto, perguntou ao negro:

— “Você viu passar por aqui um moço e uma moça, montados a cavalo?”

O africano riu-se estupidamente, e fêz um gesto dando a entender que era surdo.

Ao mesmo tempo, o beija-flor voou em direção ao gigante, e quis furar-lhe os olhos.

(*) A bellissima história do Pequeno Polegar acha-se incluída nos Contos da Carochinha, além de dezenas de outras, cada qual mais linda, esplêndido livro para crianças também pertencente à Biblioteca Infantil,

Ragarrão, aborrecido, voltou para a casa, e narrou à mulher o que lhe havia sucedido.

— “O’ palerma!” bradou ela. “Pois não sabes que o negro velho era Miudinho; o regato, nossa filha; a árvore e as laranjas, o cavalo e o selim; e o beija-flor, a espingarda. Volta de novo e agarra-os”.

Nisso, entretanto, os fugitivos desencantaram-se, e partiram a todo o galope.

Ragarrão, porém, saiu-lhe outra vez ao encalço; e ia encontrá-los, quando se transformaram — a moça, numa igreja; Miudinho, em padre; o cavalo e o selim, no sino e no badalo; e a espingarda no missal.

O gigante entrou na igreja e interrogou o cura:

— “Vossa Reverendíssima não viu passar por aqui um moço e uma moça montados a cavalo?”

O padre, que estava dizendo missa, não respondeu, e começou a rezar.

Ao cabo de muito tempo, Ragarrão, aborreceu-se, e retrocedeu.

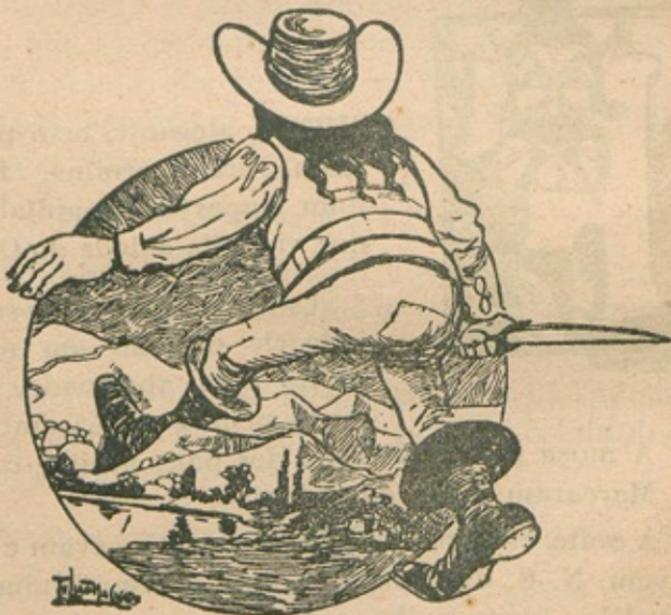
— “Oh! tolo!”, disse a mulher, quando viu o que de novo lhe sucedera. “Volta para trás. O padre é Miudinho; a igreja, Clandira; o sino e o badalo, o cavalo e o selim; e o missal, a espingarda”.

O gigante voltou furioso, fazendo vinte léguas por segundo. Avistou finalmente os fugitivos; mas, quando ia pegá-los, Clandira atirou para trás um punhado de cinza.

Formou-se uma neblina muito densa, que Ragarão não pôde atravessar.

Voltou para casa, e desistiu da idéia de os agarrar.

O príncipe d. Bias chegou, então, ao seu reino, e casou-se com Clandira, que se desencantou, deixando de ser da raça dos gigantes, para vir a ser uma moça lindíssima.





FORMOSA, elegante, bem prendada, era Carolina, filha dum importante capitalista, que vivia na cidade do Ouro.

Um dia, apresentou-se no palacete paterno um moço muito bem apessoado, que vinha pedi-la em casamento.

A moça para satisfação dos pais, aceitou-o. Marcaram o dia das núpcias.

À noite, enquanto os convidados dançavam e folgavam, N. S. da Conceição, que era madrinha de Carolina, apareceu-lhe, e disse-lhe:

— “Minha filha: fica sabendo que te casaste com o Diabo, metido na figura dêsse bonito moço.

Não faz mal, porém. Logo mais, êle há de te levar para casa. Deves, então, dizer a teu pai que queres ir montada no cavalo mais magro e mais feio que aqui houver. Quando chegares à encruzilhada do caminho, teu marido há de tomar a direita; tu tomarás a esquerda, mostrando-lhe o teu rosário. Verás, então, o que acontecerá”.

Perto da meia-noite, o marido manifestou desejos de se retirar, mandando selar os cavalos. Para Carolina, veio um esplêndido alazão, muito gordo e lustroso. A moça, porém, recusou-o, declarando que só montaria no animal mais feio, magro e lazarento, que houvesse na estrebaria.

O pai admirou-se muito daquelle pedido, mas acedeu aos desejos da filha.

Os noivos cavalgaram e partiram.

Chegando ao lugar em que a estrada fazia uma cruz, o Diabo quis que a moça tomasse a direita, e fôsse adiante.

— “Não, vá você na frente, que sabe o caminho de sua casa. Eu nunca fui lá”, respondeu Carolina sem mais demora.

Tomou a esquerda, e mostrou-lhe o rosário.

Ouviu-se, então, um grande berro, que o diabo soltou. A terra abriu-se. Sentiu-se forte cheiro de enxofre, e o demônio sumiu-se para as profundezas do inferno.

Carolina disparou o cavalo até chegar muito longe. Ai, cortou os cabelos, e vestiu uma roupa de homem — calça, colete e paletó, feitos de uma fazenda verde, completamente verde.

Continuou a viagem, e chegou à capital do reino, onde foi servir no exército. Sendo promovida, pouco depois, ao posto de sargento, ficou sendo conhecida por Sargento Verde.

O rei, ao ver aquêlo formoso inferior das suas guardas, tomou-lhe grande amizade, e destacou-o para sua ordenança particular, querendo-o sempre em sua companhia.

A rainha apaixonou-se por êle; e tentou seduzi-lo, chegando mesmo a propor-lhe casamento, porque naquele país tôda a gente podia casar-se quantas vêzes quisesse. No entanto, o Sargento Verde recusou traír o seu soberano.

Em vista disto, a rainha foi ao marido e disse-lhe:

— “Saiba vossa majestade que o Sargento Verde declarou ser capaz de subir e descer as escadas do palácio, montado no seu cavaço, a tôda a brida, dançando e atirando ao ar três ovos, e aparando-os, sem que nenhum dêles caia e se quebre”.

O rei mandou chamá-lo, e perguntou se era verdade aquilo.

— “Eu não disse tal coisa, real senhor; mas como a rainha, minha senhora, o afirmou, vou tentar fazê-lo”.

O Sargento Verde saiu dali muito triste, e sentou-se à porta da casinha, que lhe haviam dado para morar, quando seu cavalo o sossegou, dizendo:

— “Não tenha receio. No dia marcado, faça o que tem de fazer”.

Assim sucedeu; e a rainha ficou desesperada, vendo-o executar fielmente o que ela havia inventado.

Alguns dias depois, ela tentou novamente seduzi-lo; mas, como da primeira vez, elle não quis traçoar o rei.

— “Saiba vossa majestade que o Sargento Verde disse ser capaz de plantar uma laranjeira pequenina, à hora do almôço e que, à hora do jantar, já estará carregada de laranjas”.

O rei chamou-o, e mandou-o fazer aquêlê milagre; e tendo o Sargento consultado o seu cavalo, conseguiu executá-lo, com grande mágua da rainha, que queria vê-lo enforcado.

Mas a perversa criatura nem por isso cessou de perseguir-lo; e, pela terceira vez, dirigiu-se ao rei:

— “Saiba vossa majestade que o Sargento Verde declarou ser capaz de ir ao fundo do mar, e tirar a princesa, que ali está encantada.

Carolina, dessa vez, quase morreu de desânimo, julgando impossível sair-se bem daquela difficilma emprêsa.

O cavalo, porém, acalmou-a, aconselhando:

— “Muna-se a senhora de um garrafão de azeite, um punhado de cinza, e um agulheiro. Monte em mim; chegue à praia, e, com a espada corte as ondas em cruz, que as águas hão de se abrir. Entre pelo mar a dentro; chegará à caverna, onde jaz a princesa encantada. Ai encontrará um dragão marinho, que guarda a moça. Roube-a; monte-a na garupa, e corra a todo galope. O monstro há de persegui-la. Assim que estiver quase a nos pegar, derrame primeiro o azeite; depois a cinza; e por último, o agulheiro.

Carolina procedeu como lhe ensinara o cavalo. Entrou no mar, raptou a princesa; e partiu a todo dar.

O dragão marinho perseguiu-a. Quando ia quase pegando-a, ela derramou o garrafão de azeite; formou-se uma grande lagoa, onde o dragão se meteu, quase se afundando.

Ia novamente alcançá-los. Carolina despejou a cinza. Formou-se um nevoeiro espesso atrás dela, como se fosse uma montanha.

O monstro, depois de inúmeras difficuldades, passou e voou.

Ia quase pega não pega o Sargento Verde, quando êste espalhou o agulheiro.

Apareceu uma cêrca de espinhos, que entraram no corpo do dragão marinho, matando-o logo.

Chegando ao palácio, o Sargento Verde contou a sua história, e voltou a ser a formosa Carolina.

O cavalo, que era um príncipe, desencantou-se e casou com ela.

A rainha foi condenada à morte, para castigo das suas perversas mentiras.



O PATINHO



ANÇOS, patos, marrecos e outras aves da mesma espécie residiam em vasto cercado que o dono da casa lhes dera por domínio. Viviam bem, satisfeitos da vida, contentes com a sorte porque nesse cercado havia uma pequena lagoa, onde, durante o dia, iam se banhar, catando com o bico bichinhos que apareciam à beira do lago, ou comendo peixinhos que podiam apanhar, quando nadavam.

Em certas épocas do ano, aves de países distantes vinham de passagem por aquelas regiões; e estacionavam na lagoa, para descansar das grande fadigas que traziam, voando de um para outro lugar,

Era lindo ver-se, então, aquela porção de aves aquáticas, nadando pela lagoa soltando gritos de contentamento.

Ora, uma vez, estava uma velha pata chocando alguns ovos que pusera, deitada num ninho de fôlhas.

E andava muito intrigada, meio desapontada, por causa de um ôvo, um só ôvo, enorme, colossal, esirranho, que, sem ela saber como, viera parar no meio dos outros. Supunha ser de alguma das aves que por ali passavam, e que, inconscientemente, o pusesse em seu ninho, assim que ela começara a postura.

Estava a velha pata no chôco, havia já quase quatro semanas, e só faltavam quatro dias para os patinhos saírem dos ovos, o que ela esperava com paciência, quando um belo dia, apareceu picado um primeiro ôvo.

Foi uma alegria em todo o bando, e as comadres vieram dar-lhe os parabéns.

Ela, satisfeita, agradecia as visitas, dizendo que, dentro de dois dias, tencionava levar os patinhos à lagoa, para aprenderem a nadar.

Dias depois, saiu finalmente o último patinho. Só faltava o ôvo grande que, no entanto, nem sinal dava de estar picado.

As outras aconselhavam à velha pata que abandonasse o intruso. Aquêlê ôvo, evidentemente muito diverso dos outros, enorme, não era dela; e,

assim cometia uma tolice vivendo em cima dêle, a chocá-lo. Patas houve que asseveraram poder até ser de um bicho, um ôvo tão grande; e que êsse bicho, crescendo poderia comer todos os patos do bando.

Mas a pata não ouvia tais conselhos. Disse que queria ver que ave sairia dali; que aquilo era ôvo de ave, se estava vendo; e que enquanto não saísse, ela não abandonaria o ninho.

Sete dias depois de sair o último patinho, a velha pata viu o ôvo grande picado, e apareceu um bicho, parecido com pato, é verdade, mas todo torto, escuro e aleijado.

Depressa a pata se arrependeu de ter chocado um bicho tão feio. Mas, como era boa, e não querendo dar o braço a torcer, mostrando-se aborrecida de ter na sua ninhada um pato desgraçoso, repugnante, nada falou às comadres.

Na manhã seguinte, bem cedo, disse para os filhos:

— “Vamos, meus patinhos, hoje é dia de sairmos do ninho; quero levá-los à lagoa e apresentá-los às suas tias e a seu pai, o pato velho”.

Quando a pata apareceu, foi uma festa geral, e houve enorme alegria no bando. Todos a felicitaram elogiando os patinhos.

Uma pata, porém, mais indiscreta, reparou no patinho aleijado, e disse para as companheiras: “Onde teria ela arranjado aquilo?”.

— “Olhe que bicho a nossa comadre chocou!”

Desde então, não cessaram caçadas, remoques, debiques, vaias dadas por todo o plumitivo bando na mãe e no filho. E a coisa chegou a tal ponto que a pata, aborrecida, desgostosa, começou a odiar o aleijado.

No entanto, o infeliz palmipede vivia modestamente, sem fazer mal a ninguém, sabendo nadar melhor que todos, mas sempre repellido.

O tortinho não podia viver naquele bando, tantas eram as beliscadas que lhe davam, tal era o inferno em que vivia.

Assím, resolveu fugir; e, um belo dia, nadando pela lagoa a fora, distraiu-se, a ponto de quando chegou a noite, já estar do outro lado, à margem de um juncal muito grande.

Aí chegando, procurou um lugar onde passar a noite, e dormiu até pela manhã.

No outro dia achou que o local era bom, e viveu, aí satisfeito, sem ter mais quem o ferisse. Uma vez, estando a banhar-se na lagoa, viu dois pássaros voando muito alto, tão alto, que quase encostavam nas nuvens. O aleijadinho, ao vê-los, sentiu uma coisa dentro de si, e soltou um grito estrídulo, tão forte, que se admirou de ter realizado um feito tão sublime, como aquêles som altíssimo que dera.

Passou o resto do dia triste, pensando naquelas duas aves, que haviam passado tão perto do céu, voando tão serenas. Pediu a Deus que lhe desse

também forças para fazer o mesmo que aquelas lindas aves.

E a sua existência deslizava-se tristíssima, sem prazeres de espécie alguma, solitária, enfadonha, aborrecida, monótona, quando, uma madrugada, cedo, o silêncio do juncal foi quebrado por inúmeros latidos de cães e tiros de espingardas. Eram caçadores que tinham vindo em busca de aves aquáticas.

Assim que o patinho viu aquela porção de gente a matar pássaros, e cachorros perseguindo diversas aves, escondeu-se muito triste em uma capoeira. Fechou os olhos, e esperou a morte.

Os caçadores levaram todo o dia a atirar; e, à noite, depois de se reunirem, o patinho fugiu daquela lagoa, pensando que no dia seguinte podiam voltar e talvez êle não escapulisse.

Foi andando pelo mato, até que encontrou uma casinha, onde morava uma velha, em companhia de um gato e de uma galinha.

A velhinha, ao ver o novo hóspede, começou a tratá-lo muito bem, imaginando que era uma pata, a qual, do mesmo modo que a galinha, lhe daria ovos, frescos e excelentes, para o seu sustento.

O patinho vivia contente pelo bom trato, que recebia da velha, apesar da má vontade que lhe mostravam o gato e a galinha.

Passados dois meses, a velha viu que o pato era macho, e por isso perdeu a esperança dos ovos.

Começou, então, a maltratar o bichinho que, vendo-se perseguido pelos dois companheiros, o gato e a galinha, começou a maldizer de sua sorte.

Dizia o gato:

— “Sabes caçar ratos? Se não sabes, vai-te embora, pois não tens serventia”.

— “Sabes pôr ovos?”, perguntava a galinha. “Então, vai-te embora, pois não tens serventia”.

E o patinho, vendo-se assim injuriado diariamente, uma bela manhã, desapareceu da casa da velha.

Pensando na sua vida amargurada, seguiu caminho em fora, quando viu de novo dois pássaros que voavam muito longe, bem alto.

Reconheceu naquelas aves as mesmas que, uma vez, haviam passado por êle, na lagoa, e soltou segundo grito.

Ficou admirado de tê-lo dado tão alto, e quase morreu de contentamento quando ouviu os dois pássaros responderem ao seu chamado.

Êles voavam, porém, alto, muito alto, e não mais responderam.

O patinho foi muito triste, andando sempre, até que parou no lagozinho de um jardim de casa rica.

O pobrezinho, desde que saíra da lagoa, com medo dos caçadores, nunca vais vira água onde pudesse banhar-se.

Entrou nágua, e começou a dar gritinhos de contentamento.

Nisso apareceram dois grandes patos, brancos tão brancos como a neve, nadando em direção a êle com as asas levantadas, fazendo de velas.



O patinho aleijado, vendo dois patos tão bonitos, dirigindo-se para êle, envergonhou-se e abaixou o pescoço, para se esconder.

Nisso viu que a sua imagem reproduzida nágua, era semelhante à dos patos brancos.

Uma criança, que ouvira os gritos do patinho, ao entrar no tanque, veio ver que pássaro assim gritava, e exclamou:

— “Que lindo cisne! meu pai, venha ver. E’ mais bonito que os nossos, que existem no lago; como é formoso!”

E pôs-se a dar-lhe migalhas de pão.

O patinho aleijado, que ouviu chamarem-no de cisne, e de bonito, ficou maravilhado de tanta felicidade, e começou a nadar garbosamente, à semelhança dos outros, com as asas levantadas, parecendo as velas enfunadas de uma embarcação.

*
* *
*

Mais tarde explicou-se o caso.

O ex-patinho devia ser filho de algum cisne, que passando por acaso pela morada dos patos, pusera um ovo no ninho da velha pata.

O aleijado, agora transformado em magnífico, lindo cisne, ainda viveu muito feliz em companhia de seus dois irmãos, os cisnes do lago.





H

Juliano

OSTIAF VI era rei de um vasto país, e um dos soberanos mais opulentos e mais poderosos da terra. Apesar disso, porém, era um monarca tão bom, tão magnânimo, tão justiceiro, que mais parecia um pai, que um rei.

Hostiaf tinha um filho, Julião, que era tão bom quanto êle.

Um dia, o rei estando a caçar, animado e satisfeito, embrenhou-se dentro de um espinheiro, a fim de apanhar um passarinho que havia matado. Os espinhos, porém, eram tantos, que o pobre rei nêles se espetou, e cegou de ambos os olhos.

O rei e o príncipe voltaram para a casa muito tristes pela infelicidade que acabava de suceder; o povo, que amava o seu soberano, ao saber da desgraça, cobriu-se de luto. Em tôdas as igrejas, capelas e oratórios pariculares, fizeram-se muitas promessas para ver se o bom rei recobrava a vista.



Um dia o príncipe Julião saiu de casa, dizendo ao pai que ia buscar remédio a fim de lhe curar a cegueira.

Saindo da cidade, penetrou em uma floresta muito grande; e, sentindo-se bastante cansado, sentou-se numa pedra, e chorou.

Nisso um bezouro de ouro começou a voar ao redor dêle, e perguntou-lhe:

— “Príncipe Julião, por que choras? Acaso aconteceu-te alguma desgraça?”

— “Choro”, disse o príncipe, “porque meu pai está cego. Procuro um remédio para a sua cegueira, mas ainda não o achei. Tenho sido tão bom e agora sou ferido no que tenho de mais querido neste mundo. Que devo fazer?”

— “Continua a ser bom, que alguém te há de proteger”, respondeu o lindo inseto.

Julião levantou-se de onde estava sentado, e encaminhou-se para uma cidade que existia no fim da floresta. Aí chegando, viu alguns homens dando com um pau em um cadáver.

Indagando o que queria dizer aquilo, responderam que aquêlê homem estava apanhando, depois de morto, porque tinha deixado dívidas, e os costumes da terra era se proceder assim com os caloteiros.

O jovem teve pena do morto, pagou-lhe as dívidas, e mandou enterrá-lo.

Quando os homens se retiraram, o príncipe ouviu um zumbido perto dêle, e viu o bezouro de ouro que lhe disse:

— “Estou te acompanhando desde que saiste do palácio. Sabia que eras bom, e agora certifiquei-me mais com a ação que acabaste de praticar, mandando enterrar êsse pobre homem. Em paga disso, vou ensinar o remédio que há de curar a cegueira de el-rei teu pai. Vai ao reino dos Papagaios. Entra lá à meia noite, despreza os papagaios bonitos, e procura o mais feio e velho, que está numa gaiola de pau, e traze-o. Depois, tira-lhe o sangue, e molha com êle os olhos do teu pai, que recobrará a vista”.

*

* * *

O príncipe tanto andou, que chegou ao Reino dos Papagaios. Assim que bateu meia-noite, entrou.

Ficou deslumbrado com o que viu: ricas gaiolas de ouro, de brilhantes e de pedrarias, que ofuscavam a vista; papagaios de tôdas as côres, cada qual mais lindo.

Apanhou o papagaio, com a gaiola que lhe pareceu mais bonita, deixando a um canto um papagaio, velho e triste, em uma gaiola já podre, tôda enferrujada.

Quando o rapaz ia saindo, o papagaio deu um grito. Os guardas acordaram, perseguiram-nos, e prenderam-no.

O jovem foi conduzido à presença do Rei dos Papagaios, que perguntou o que queria êle com aquela ave apanhada em seu reino.

O pobre moço contou a história de seu pai; e o rei, condoendo-se dêle, disse que lhe daria o papagaio, se trouxesse uma espada do Reino das Espadas.

O jovem aceitou a proposta. Ia muito triste; e, chegando mais adiante, encontrou o mesmo Besouro que lhe disse:

— “Por que estais tão triste, príncipe Julião?”

O moço contou o que lhe havia sucedido no Reino dos Papagaios.

— “Eu não disse! Foste apanhar o papagaio bonito, e deixaste o velho e feio! Aconteceu-te essa desgraça, mas ainda há um remédio: vai ao Reino das Espadas. Aí verás muitas — ricas, lindas e ofuscantes. Não te importes com essas; apanha a

mais feia, mais velha e mais enferrujada, que lá existe, a um canto”.

O moço seguiu em demanda do Reino das Espadas.

Assim que aí chegou, ficou maravilhado; viu espadas de ouro, de prata e de brilhante. Sem considerar no que fazia, apanhou a mais bonita, não se lembrando da recomendação do Bezouro. Ia saindo, quando a espada deu um estalão, tão forte, que os guardas acordaram, e prenderam-no, levando-o à presença do Rei das Espadas.

Julião contou a história de seu pai; e o rei, tendo pena dêle, prometeu dar-lhe a espada, se êle trouxesse um cavalo do Reino dos Cavalos.

Saiu dali o príncipe, arrependido de não ter seguido por duas vêzes os conselhos do Bezouro, quando êste apareceu mais uma vez:

— “Príncipe Julião, já sei porque vais tão triste. Não quiseste, inda desta vez, ouvir meus conselhos. Vai ao Reino dos Cavalos, e traze de lá o mais feio, mais velho, mais magro. Não te importes com os bonitos, gordos e bem arreados. Procura o que está a um canto, muito magro”.

Quando o príncipe entrou, à meia-noite, no Reino dos Cavalos, pasmou, vendo os mais lindos cavalos de puro sangue, que existiam em todo o mundo. E disse consigo mesmo:

— “Oral pois eu mesmo hei de levar aquêlo cavallo, tão magro, que nem me aguentará na viagem! antes êste aqui, que é forte!”

E trouxe o mais bonito de todos — um cavallo todo preto, de crinas e cauda de ouro, com arreios de brilhantes.

Ainda bem Julião não tinha saído, quando o cavallo relinchou, tão alto, que todos os soldados se levantaram e o prenderam.

O jovem dessa vez julgou-se perdido, porque os soldados disseram que êle ia morrer.

Pediu, então, para ir à presença do Rei dos Cavalos, a quem contou a sua triste história.

O rei, penalizado, disse que lhe daria o cavallo se fôsse furtar a filha do rei vizinho.

O moço aceitou a proposta, mas pediu que lhe dessem um bom cavallo, para poder sair-se bem de uma emprêsa tão perigosa. Deram-lhe um animal muito bom, que andava tanto como o vento.

No meio da estrada, encontrou-se êle outra vez com o Bezouro, que lhe disse:

— “Por que estais tão triste, principe?”

O príncipe contou tudo quanto lhe acontecera no Reino dos Cavalos.

Não podendo mais conter-se, o Bezouro falou:

— “Príncipe Julião, eu sou a alma, daquele homem a quem mandaste enterrar, e cujas dívidas

pagaste. Ando protegendo-te, desde que saíste do palácio de teu pai. Não tens querido seguir meus conselhos. Ouve, porém, o que te vou dizer, porque esta é a última vez que te apareço. Monta neste cavalo; entra à meia-noite no palácio do rei vizinho; põe a filha na garupa; larga rédea ao teu cavalo e foge depressa. O teu cavalo anda como o vento, e por isso não há receio de te apanharem; mas toma cuidado de não olhares para trás. Passa pelo Reino dos Cavalos, para te darem o teu. Segues diretamente para casa, e não dês ouvidos a ninguém. Anda sempre pelo caminho real; não procures atalhos. Vai depressa, que teu pai está agonizando”.

O príncipe fez tudo quanto lhe disse o Bezouro encantado.

Antes, porém, de chegar em terras do Reino encontrou-se, com os irmãos, que vinham buscar notícias suas.

Quando o viram com uma princesa tão bonita e objetos tão ricos, começaram a aconselhá-lo que devia passar por um atalho do caminho, porque, além de ser mais perto, evitaria dessa maneira os ladrões, que andavam em bandos pela estrada.

Julião acreditou nêles; e, tendo saltado do animal, para beber água em uma fonte, os dois o jogaram para o fundo de uma caverna.

Depois, os perversos apanharam tudo quanto pertencia a Julião, e marcharam em direção ao palácio de seu pai.

Supondo-o morto, entraram com tôda a riqueza do príncipe. A moça, porém, ficou muda; o papagaio triste, com a cabeça debaixo da asa; a espada começou a marear; e o cavalo emagrecia cada vez mais.

Estando o príncipe quase para morrer, na caverna, apareceu-lhe o Bezouro, que, ainda dessa vez, o livrou da morte, tirando-o dali.

Voltou para casa, e mal pôs o pé na escadaria, a moça começou a falar; o papagaio voou para o seu ombro; o cavalo soltou um relincho muito forte, e principiou a engordar; e a espada luzia que nem um brilhante.

Ao entrar, tirou um bocado de sangue do papagaio, e o pôs sôbre os olhos do seu velho pai que recobrou logo a vista.

*
* * *

Os irmãos, amedrontados com o aparecimento do mais moço, a quem julgavam morto, atiraram-se do alto da tórre do palácio, à calçada, morrendo no mesmo instante.

O príncipe Julião casou-se com a formosa princesa que trouxera; e, mais tarde, por morte de seu pai, veio a reinar sempre querido e abençoado pelo seu povo.





NÁCIO Peroba era um infeliz pescador, homem muito caridoso, honrado e de excelente coração. Tendo se casado cedo, sua mulher mimoseou-o com muitos filhos. Além deles, tinha que alimentar alguns sobrinhos órfãos, sua velha mãe e seu sogro. Por isso, a pesca, de que sempre vivera, até então, já lhe não bastava para sustentar tão numerosa família, e êle vivia desesperado.

Um dia, foi pescar, como costumava. Debalde lançou as rêdes ao mar, repetidas vêzes, durante todo o dia: nem um só peixe, por mais pequenino que fôsse, conseguiu apanhar. Ao anoitecer, regressava tristemente para casa, quando, a poucas braças da casa, viu um robalo deitar a cabeça fora

d'água. E foi com espanto que o pobre homem ouviu o peixe dizer:

— “Inácio Peroba, se prometeres trazer-me, o que encontrares quando chegares a casa, lança as rêdes nágua...”

Peroba prometeu, lembrando-se que, assim que chegava, de volta da pesca, a primeira coisa que lhe aparecia era a sua cadelinha “Mimosa”... Atirou as rêdes, e recolheu tanto peixe, tanto, que encheu a embarcação.

Chegando à casa, a primeira coisa que viu foi um filhinho, que nascera em sua ausência.

O pescador ficou triste; mas, como era homem de honra, cumpriu fielmente a sua palavra. Dizendo à mulher que ia dar a criança a criar, levou-a à praia e jogou-a ao mar.

A criança não morreu. Mal as águas se tinham aberto, apareceu uma grande concha, puchada por peixes, que a apararam, levando-a para o palácio do rei.

*
* *
*

O menino cresceu. Haviam-no batizado com o nome de Remi.

Quando tinha cêrca de vinte anos, o Rei chamou-o e disse-lhe:

— “Vou fazer uma viagem de quinze dias. Fica com as chaves do palácio, mas não abras porta alguma, senão matar-te-ei quando chegar”.

O rapaz não pôde conter-se. Assim que o Soberano dos Peixes partiu, abriu a porta de um quarto. Dentro havia três grandes caldeirões — um com ouro fervendo, outro com prata, e o terceiro com cobre. Abriu novo quarto e viu três cavalos muito gordos — um prêto, um russo-queimado e um alazão, comendo carne fresca, em vez de capim. Abriu o terceiro, onde se achava um grande e gordo leão, que, ao contrário dos cavalos, tinha capim para comer e não carne. Por último, abriu o quarto aposento. Viu uma bonita mesa de escritório, com as gavetas cheias de papelinhos brancos e verdes, dobrados, e armas de tôda a espécie.

O rapazinho, como era árteiro, quis trocar a comida dos animais, dando capim aos cavalos e carne ao leão, mas o alazão falou:

— “Não faças isso. Teu padrinho te matará, quando chegar. Agora, se quiseres sair daqui, vai ao quarto onde está a mesa; tira dois papéis — um azul e outro branco; veste-te com a melhor roupa que encontrares; pega numa boa espada; monta num de nós, e leva o outro pela rédea, sai do palácio, mergulhando primeiro a cabeça no caldeirão de ouro. Teu padrinho, ao regressar, há de ir ao teu encalço. Assim que estiver quase a pegar-te, larga um dos papéis; mais tarde o outro; e deixa o resto por nossa conta”.

Remi obedeceu pontualmente, depois de ter dou-

rado os cabelos, que ficaram lindíssimos. Montou o alazão, e foi puchando o russo-queimado.

Seguiu viagem a todo galope. Ao cabo de vinte dias, o Rei dos Peixes chegou a palácio. Vendo que o afilhado fugira, cavalgou o preto, e foi à sua procura.

Depois de muito andar, avistou-o. Então o cavalo alazão disse a Remi que largasse o papelzinho branco. Imediatamente formou-se espêsso nevoeiro, que o Rei a custo furou. Quando o conseguiu, o rapaz já estava longe.

Dando de esporas, já ia de novo o alcançando, mas Remi, a conselho do alazão, abriu o papel verde. Formou-se um espinhal.

O Rei disse para o cavalo preto:

— “Se conseguires passar comigo êste espinhal, eu te desencantarei”.

— “Tira-me, então, os arreios”, disse o animal.



Mas, quando iam chegando ao meio, o cavalo atirou-o ao chão, e seguiu sozinho.

Passados alguns dias mais, chegaram perto de uma cidade.

Aí o cavalo alazão tomou a palavra:

— “Nós vamos ficar aqui encantados em pe-

dras. Deixa conosco tua roupa e tuas armas, e continua sozinho. Mais adiante encontrarás um boi morto; abre-o; tira-lhe a bexiga, e cobre com ela a cabeça para esconder os cabelos. Vai e segue tua vida. Quando precisares de nós procura-nos”.

O rapaz executou aquelas recomendações.

Chegado à cidade, encontrou um palácio. Falou ao jardineiro, que estava trabalhando, e pediu-lhe emprêgo. O jardineiro aceitou-o como ajudante, e o moço ficou empregado.

Na palácio toda a gente gostava d'êle, porque Remi era bom trabalhador, mas achavam-no muito esquisito por não ter um só fio de cabelo. Por isso chamaram-lhe “O Moço Pelado”.

Uma vez, julgando-se êle a sós, tirou a bexiga de boi, e apareceu com os seus lindíssimos cabelos de ouro. A mais moça das filhas do Rei, viu-o e ficou apaixonada.

Tempos depois, houve importantes cavalgadas, às quais toda a gente compareceu.

O “Moço Pelado”, que havia ficado sozinho, mal viu o palácio deserto, correu para onde estavam os cavalos, e contou-lhe tudo.

O russo-queimado surgiu deslumbrantemente arreiado. O rapaz vestiu-se com roupas próprias, e entrou na liça, onde ganhou os prêmios, oferecendo a argolinha de ouro à filha mais moça do rei.

Ninguém sabia quem era aquêles formoso mancebo de cabelos de ouro, montado num cavalo sem igual. Só a princesinha foi quem ficou meio desconfiada, e por isso mesmo, mais apaixonada.

No segundo dia correram-se novas cavalgadas. O rei querendo saber, a todo custo, quem era o misterioso cavaleiro, que excedia a todos, em garbo e valentia, conquistando os prêmios, mais ricamente vestido e montando o melhor animal, mandara um numeroso batalhão para prendê-lo.

O “Moço Pelado”, mesmo assim não se mostrou receioso. Entrou na arena; e, dado o sinal de partida, avançou na frente de todos, ganhando ainda desta vez, a argolinha de ouro.

Como no primeiro dia, ofereceu à princesa, e, fazendo um cumprimento geral, disparou o cavalo que voou por cima dos soldados, espantados com aquela audácia e ligeireza.

No terceiro e último dia de festa, tudo sucedeu como nos antecedentes, com a diferença que havia mais gente, e que soldados armados de baionetas, em maior número, foram colocados em tôdas as saídas a fim de evitar a fuga do jovem cavaleiro.

Rari, porém, sempre confiado e protegido pelos seus três cavalos encantados, ganhou o prêmio, e conseguiu safar-se, sem que o atingissem as pontas das baionetas e o chuveiro de balas disparadas contra êle.

Nunca se soube, e nem se desconfiou sequer quem fôsse o vencedor das cavalgadas. Apenas a princesinha tinha uma ligeira suspeita de que era o ajudante dos jardins reais, o guapo e formoso mancebo. Entretanto, nada disse, e as coisas continuaram no ramerrão diário.

Passados tempos, o rei anunciou que, quem matasse uma fera terrível que desde muitos anos devastava o país, causando tãda sorte de horrores e estragos, casaria com sua filha mais velha.

Sabendo disso, Pelado foi consultar o russo-queimado, que lhe disse:

— “Arranja um espêlho, que colocarás no meu peito, e vai dar combate ao bicho. Quando êle vir a sua imagem reproduzida, ficará atrapalhado; e poderás, então, matá-lo”.

A coisa passou-se como dissera o cavalo.

No dia seguinte, a fera amanheceu morta.

Ninguém se acusou, todavia, como tendo sido o autor, e o monarca julgou-se por isso dispensado de cumprir a palavra.

Resolvendo casar as três filhas no mesmo dia, mandou que elas escolhessem noivos.

As duas mais velhas quiseram dois poderosos príncipes ao passo que a mais moça declarou terminantemente que só se casaria com o “Moço Pelado”, ajudante do jardineiro real.

O rei, como a estimava muito, não teve remédio senão aceitá-lo como genro. Ordenou que se preparasse um grande banquete, no qual tôdas as aves seriam caçadas pelos seus futuros genros.

Mas nenhum dêles, a não ser o “Moço Pelado”, nada conseguiu matar. Um dos príncipes, encontrando-o no mato, carregado de caça, e não o conhecendo, propôs-lhe comprar tudo, ao que êle aceitou, exigindo, porém, recibo.

Na ocasião do banquete, o rei pediu que cada um dos genros contasse uma aventura curiosa, que lhes houvesse sucedido.

O primeiro, levantando-se, tirou do bolso o cotoço da língua da fera, e declarou:

— “A maior façanha que tenho feito em tôda a minha vida, foi matar o bicho que assolava o país. Não o disse naquela época, por modéstia”.

O segundo, tomando a palavra, disse:

— “Tenho feito muita coisa notável, que não quero lembrar. Direi apenas que fui eu quem caçou tôdas essas aves que estamos comendo”.

Todos os convivas aplaudiram muito os altos feitos de tão valentes príncipes.

Chegando a vez de Remi, falou êle:

— “E eu tenho a dizer que êsses dois moços mentiram descaradamente. A prova é que, o que o pri-



meiro apresentou, foi o cotôco da língua, porque quem matou a fera, fui eu e aqui mostro a ponta. Quanto às aves, eis o recibo que me passou o segundo, o que

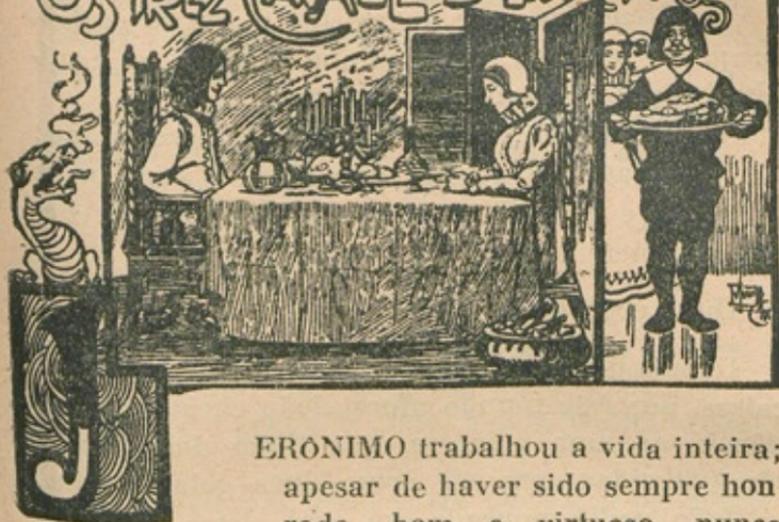
demonstra que também fui eu quem as caçou”.

Dizendo isso, arrancou a bexiga de boi que lhe cobria a cabeça e apareceu com os seus formosos cabelos de ouro, reconhecendo-se assim, nêle o moço misterioso das cavalgadas, para vergonha dos dois príncipes intrujões.

Os três cavalos desencantaram-se, tendo cumprido a missão que lhes fôra destinada de proteger o filho de Inácio Peroba.



OS TRÊS CAVALLOS ENCANTADOS



ERÔNIMO trabalhou a vida inteira; apesar de haver sido sempre honrado, bom e virtuoso, nunca pôde fazer fortuna.

Aos cinqüenta anos de idade, era tão pobre como quando nascera, crescendo a circunstância de que era chefe de numerosa família, a quem tinha forçosamente que vestir e alimentar.

Além de quatro filhas, tinha ainda três rapazes: João, Pedro e Manuel.

Quando João, o mais velho, completou vinte e um anos, chegou-se para o pai, e assim falou:

— “Meu pai, já estou homem feito e quero ganhar a minha vida, correndo mundo, para ver se sou feliz”.

O pai, muito triste separou-se dêle, dizendo:

— “Meu filho, que queres tu? O pouco dinheiro que te reservei, sem a minha bênção? ou a minha bênção, sem dinheiro algum?”

— “Dinheiro”, respondeu êle. E acrescentou:

— “Quando a roseira que plantei, começar a murchar, é porque estou em perigo. Mande Pedro em meu auxilio”.

Disse e partiu

Depois de andar muitas terras, ter visto muitas coisas, por êste mundo afora, João chegou à residência de uma princesa, que tinha duas irmãs, tão parecidas com ela como duas gotas d'água.

João pediu pousada em casa dessa princesa, que se chamava Rosalina.

À hora da ceia, Rosalina chegou-se para êle:

— “Meu hóspede”, disse ela, “em minha casa todo o mundo é bem recebido; mas, quando nos sentamos à mesa fazemos sempre uma aposta. Vamos começar a ceiar; aquêle de nós dois que comer mais que o outro, é senhor dêsse outro... Está feita a aposta?”

O rapaz aceitou, sentindo-se com uma fome devoradora, em resultado da longa viagem.

Rosalina comeu muito; e, quando não podia mais, pediu licença para ir até à cozinha ver um petisco que mandara preparar pelo cozinheiro.

Aí mandou a irmã substituí-la. João que não sabia da semelhança, que havia entre as irmãs,

de nada desconfiou, e via que já não podia mais comer, ao passo que a moça cada vez parecia ter mais fome.

Afinal não pôde mais, e cruzou os talheres; ficando dessa maneira cativo da princesa.

Já por esse tempo, a roseira que plantara, começara a murchar, cada vez mais.

Pedro, o segundo filho, vendo aquilo, disse ao pai:

— “Meu pai, João corre perigo, e eu quero ir em socorro dêle”.

— “Pois bem”, disse o velho. “Que desejas? a minha bênção sem dinheiro ou dinheiro sem a minha bênção?”

— “Desejo dinheiro” respondeu Pedro.

Horas depois, saiu de casa.

Tanto andou, que um dia foi ter justamente à casa da princesa Rosalina e suas irmãs. Antes de Pedro partir, disse ao pai:

— “Se meu craveiro murchar, é porque corro perigo. Mande Manuel me socorrer”.

Assim que Pedro chegou ao palácio da princesa pediu pousada. À hora do jantar aconteceu o mesmo que a João.

Em casa, o craveiro começou a murchar.

Manuel, o mais moço, vendo as duas plantas murchas, pediu licença ao pai para ir socorrer os irmãos.

O pai fêz a mesma pergunta que tinha feito aos outros dois filhos, e êle respondeu que queria a bênção, unicamente, sem a menor quantia.

Quando Manuel saiu de casa, encontrou uma velhinha, que era Nossa Senhora, sua madrinha assim disfarçada. Sem se dar a conhecer, a velha entabolou com êle grande conversa e terminou por lhe dizer onde se achavam João e Pedro. Narrou-lhe tudo quanto havia sucedido aos dois moços, e o que Rosaãina costumava fazer para ter presos tantos homens.

Por último, aconselhou-o que aceitasse a aposta, mas que não permitisse a princesa, levantar-se, porque ela faria a troca por sua irmã, sem que êle desconfiasse, embora prevenido como estava.

Manuel chegou à casa da princesa. À hora do jantar, aceitou a aposta, em tudo semelhante às outras, que lhe fêz Rosalina.

Procedeu como sua madrinha lhe ensinara, e, quando a moça quis levantar-se, não consentiu, ganhando por isso a aposta.

Manuel não quis a princesa como escrava. Contentou-se em soltar todos os presos que lá se achavam.

Os três irmãos, quando se viram juntos, ficaram alegres, e foram correr mundo.

No meio do caminho, porém, João e Pedro, revoltaram-se contra o outro, tomaram tudo quanto êle possuía, e levaram-no cativo.

Seguiam os dois a cavalo, bem montados, e o pobre do Manuel, a pé, pela estrada a fora, triste de sua vida, e chegaram a um país onde existiam misteriosos animais, que tôdas as noites vinham estragar as hortas, e os jardins do rei, não havendo quem pudesse dar cabo dêles.

Assim que Pedro e João souberam do caso, foram-se oferecer ao rei para matá-los.

Entraram na floresta, e ficaram a conversar, esperando as feras.

Mas, já para o meio da noite, uma noite muito quente, começaram a se sentir fatigados, e pegaram no sono, de modo que, no dia seguinte, pela manhã, foram dizer ao rei, envergonhados, que nada tinham conseguido.

O rei expulsou-os do palácio, como intrujões.

Chegou a vez de Manuel, que se foi oferecer para matar os animais, que tanto estragavam os jardins.

Chegando à noite, muniu-se de sua violinha, e começou a cantar e a tocar, para se distrair do sono, que já lhe pesava nas pálpebras.

Pelas onze horas, ouviu enorme barulho.

Prestou atenção, e viu três cavalos encantados, que se encaminhavam para as hortas, não podendo porém, entrar porque se apresentou em frente dêles.

Cada um dos cavalos, peliu-lhe uma fôlha de couve, que o moço deu.

Disse, então, o primeiro cavalo:

— “Quando se vir em algum perigo, diga “Valei-me, meu cavalo prêto”.

O segundo falou:

— “Quando se vir em algum perigo, diga: Valei-me, meu cavalo baiol!”

O terceiro disse:

— “Quando se vir em algum perigo, diga: Valei-me, meu cavalo russol!”

Em seguida partiram.

No dia seguinte, os jardins e as hortas do rei apareceram em perfeito estado, e Manuel ganhou muito dinheiro.

Pedro e João desapareceram envergonhados.

Vivia Manuel satisfeito, gozando dos rendimentos que o rei lhe dera, quando soube que a princesa Catarina, filha única do rei, dissera que só se casaria com um homem que, a cavalo, subisse as sete escadarias do palácio real, e lhe tirasse a flor que ela tinha na cabeça.

Marcou-se o dia para a festa, e ninguém conseguiu passar da primeira escadaria.



Manuel lembrou-se do cavalo, e disse:

— “Valei-me meu cavalo preto!”

Surgiu um cavalo preto, como azeviche, com arreios de prata.

Manuel, montou, e chegou até à terceira escadaria no meio de vivas entusiastas e aclamações porque nenhum cavaleiro se apresentara em animal tão bonito e tão bem arreiado.

No segundo dia, os cavaleiros se apresentaram e nada fizeram.

Já supunham a festa terminada, quando apareceu um cavalo baio, muito mais bonito que o preto do dia antecedente, com arreios de ouro.

O povo, ao ver aquêle cavaleiro, que era Manuel, ficou deslumbrado.

O cavalo foi até a quinta escadaria.

No terceiro dia o povo já estava impaciente por ver chegar o cavaleiro, que em dois dias seguidos, tanto se distinguira dos seus contendores, e aparecia tão ricamente montado.

Assim que apareceu em frente ao palácio, em seu cavalo russo, com arreios de brilhantes, o povo não se conteve em aplausos sem fim.

O próprio rei estava impaciente pelo resultado, pedindo a Deus que fôsse êle o vencedor.

O cavalo russo chegou até o último degrau da última escadaria e parou. O moço fêz uma cortesia, e tirou a flor do penteado da princesa.

Todo o mundo queria ver de perto tão intrépido cavaleiro.

Efetuu-se o casamento da princesa, no meio de aplausos da população, que veio em massa saudar os recém-casados.

Manuel mandou buscar o seu velho pai.

Os três cavalos encantados mudaram-se em três príncipes, que assim estavam transformados para castigo de gravíssimos crimes, cometidos devendo permanecer em tal estado, enquanto não fizessem uma ação meritória.





K

UI-QUI-RI-QUI. Có-có-ró-có!

Num terreno de grande chácara, pertencente a opulento capitalista, viviam em profusão, galos, galinhas, pintos, perus, patos, marrecos, galinholas, pavões — tôdas as espécies de aves domésticas, numa palavra. Vida regalada passavam êles alimentados à farta. A única exceção era um pobre pintinho, que vivia muito triste. Por ser muito pequeno e magro, os companheiros levavam todo o dia a beliscá-lo, de modo que o infeliz pintinho andava sempre ferido, e quase sem comer, porquanto as galinhas não lhe deixavam um grãozinho de milho sequer.

Vivia o coitadinho muito triste de sua vida, pensando em fugir de perto dos outros, devido aos maus tratos que constantemente recebia, quando, uma vez, mariscando, viu um papelzinho, e disse:

— “Bravo! agora estou com a minha vida ganha! Vou levar esta carta ao rei, e êle com certeza, em paga, há de mandar-me dar milho bastante para eu comer durante a minha vida inteira”.

Ficou o pintinho tão satisfeito, pensando em arranjar uma casinha para morar, onde pudesse passar os dias longe do terreiro, livre das beliscadas de seus companheiros, que cantou pela primeira vez:

— “Qui-qui-ri-qui!”

Os outros, ouvindo aquela voz desconhecida, olharam e viram-no a cantar.

O Galo velho, pastor do terreiro, perguntou:

— “Quem é que canta aquí neste terreiro sem minha ordem?”

— “Sou eu”, disse o Pintinho, “porque achei uma carta, e vou levá-la a el-rei nosso senhor”.

Disse, e partiu em direção ao palácio real.

Depois de muito andar, parou para descansar das fadigas de viagem. Estava beliscando a terra, pensando na fortuna que o rei havia de dar, quando passou uma Raposa, que, avistando-o, lhe dirigiu a palavra:

— “Bons dias, sr. Pinto. Por aqui por estas alturas? Onde vai tão cedo?”

— “Qui-qui-ri-qui”, retorquiu o Pinto, “vou levar esta carta a el-rei nosso senhor”.

— “Se não é abuso, sr. Pinto, pedia-lhe para me levar em sua companhia. Desejava ver o palácio do rei. Dizem que é muito soldados, e que a gente, só de o ver, se diverte”.

— “Não faço dúvida em levá-la, dona Raposa. Se quiser, entre aqui no meu papinho, que a conduzirei até lá”.

A Raposa fêz o que o Pintinho mandou, e lá seguiram os dois em demanda do palácio.

Andaram muito; e, depois de já bem cansados, o Pintinho encontrou um riaço. Desanimou de seguir viagem, por não poder atravessar a nado um rio tão grande e com tanta correnteza.

Encarapitou-se em cima de uma pedra; e, muito triste, pensava num meio de transpor o rio, quando êste lhe falou:

— “Olé, sr. Pinto, por que se aflige tanto? Há meia hora o estou vendo a olhar para mim, com cara tão triste. Diga-me o que sente. Talvez lhe possa ser útil”.

— “E’ o caso, senhor Rio, que tenho de levar esta carta a el-rei, nosso senhor, mas não posso, porque não tenho coragem de o atravessar a nado”.

— “Não seja essa dúvida, sr. Pinto. Pô-lo-ei na outra margem, sem risco de sua própria vida, mas

com a condição de me levar também em sua companhia”.

— “Pois bem, entre no meu papinho, e vamos ver o rei”, respondeu êle.

O Rio entrou, e seguiram viagem os três: o Pintinho, a Raposa e o Riô.

Mais adiante encontraram um espinheiro.

— “Onde vai sr. Pinto, com tanta pressa?” inquiriu êste?

— “Qui-qui-ri-qui, vou ao palácio do rei levar-lhe esta carta, e não quero me demorar, porque pretendo lá chegar antes da noite”.

— “Quer levar-me em sua companhia? Talvez eu lhe seja útil”.

O espinheiro entrou também, e seguiu com seus companheiros para o palácio do rei.

Chegados aí, o Pinto dirigiu-se à guarda do palácio, dizendo que tinha uma carta para entregar a sua majestade real. A sentinela não quis deixá-lo entrar. Êle, porém, tão alto falou, tanto cantou, que o rei, ouvindo aquêlê barulho todo, chegou à janela e perguntou porque razão aquêlê Pinto fazia tamanha algazarra.

— “Saberá vossa real majestade que êste Pinto quer por fôrça entrar, para entregar uma mensagem”, disse o soldado.

— “Pois deixe-o entrar”.

O rei recebeu o papelinho do bico do Pinto, e vendo que era um simples pedaço de papel sujo, ficou zangado com aquêlê atrevimento, e mandou que seus vassallos o pusessem no poleiro, em meio das galinhas e galos, que no palácio havia em grande quantidade.

Assim que êle entrou, os outros vendo um hóspede novo, começaram a beliscá-lo.

Nisso gritou a Raposa:

— “Sr. Pinto, espere que vou defendê-lo. Ensinarei a êsses tratantes que não se maltrata assim uma ave tão distinta”.

Saiu do papo do pintinho, e começou a comer tôda a criação que existia no poleiro.

Em seguida, saíram ambos a tôda a pressa, fugindo do cozinheiro que havia corrido a ver o que havia de extraordinário ali para que as galinhas tanto gritassem.

Quando entrou e não viu ave alguma, alguém foi comunicar ao rei que o Pintinho, que na véspera levava a carta, e que fôra metido no poleiro, em castigo do seu atrevimento, fugira, tendo matado as galinhas.

O rei, exasperado, mandou que um batalhão fôsse logo em procura do fugitivo e que o trouxesse vivo ou morto.

Já estava o Pinto muito longe, e fugia a bom fugir, quando ouviu tropel de animais, retinir de espadas.

Compreendeu que era gente mandada pelo rei para prendê-lo.

Soltou o rio do seu papinho, que, estendendo-se pelo campo afora, impediu a marcha do batalhão.

Os soldados levaram muito tempo a arranjar canoas que os conduzissem à outra margem.

Nesse intervalo, ia o Pintinho ganhando terreno. Corria sempre, para se livrar dos seus perseguidores.

O batalhão conseguiu, finalmente, transpor o rio e correu a tôda a brida atrás do Pinto.

Mestre Pinto vendo-se assim quase alcançado pelos seus perseguidores, deixou sair do papo o espinheiro que formou espêssa, impenetrável cêrca de espinhos, impedindo, assim, os soldados de continuarem a emprêsa.

O galináceo, livre, finalmente de tantos perigos, voltou para o terreiro, mas teve vergonha e receio de entrar, com medo das pancadas que viria sofrer dos companheiros.

Começou a espreitar por trás, de uma cêrca, e não avistando nenhum dos antigos companheiros, atreveu-se a entrar.

Ficou maravilhado, vendo o bom trato que a nova geração, assim que saía do poleiro, lhe dava.

Fizeram-lhe muitas festas, e ofereceram-lhe casa, comida e o lugar do galo velho pastor de terreiro, que havia morrido dias antes, porque nesse tempo, o Pintinho era um frango bonito, prêto, com penas douradas nas asas.

Assim ficou êle sendo o galo, dono do terreiro e viveu longos anos, muito feliz no meio dos seus iguais.





O PAPAGAIO ENCANTADO



LONGE, muito longe daqui, lá para as bandas onde o sol nasce, dizem que existia maravilhoso país diferente em tudo e por tudo do nosso.

Governava-o um soberano, um rei, que fez a felicidade dos seus súditos, pelos generosos dotes de coração que abrigava; pelo seu amor e respeito à Justiça, ao Direito, à Liberdade, à Igualdade e à Fraternidade; e, sobretudo, pela sua grande sabedoria.

Chamava-se Marval, e tinha três filhas, qual delas a mais bonita: a primeira tinha por nome Alice — a do meio, Rosa, e a terceira — Amanda.

Um dia ordenou-lhes o pai que elas lhe con-

tassem todos os dias, pela manhã, o sonho que por acaso, cada uma tivesse durante a noite.

As meninas receberam essa ordem com certa estranheza. Contudo, como eram muito obedientes, prometeram cumprir o que lhes era mandado.

A noite, antes de se deitarem, em conversa, começaram a discutir aquela ordem absurda e tão fora de propósito.

Dizia Alice, a mais velha:

— “Estou admirada da ordem que o nosso pai nos deu, manas, tão exquisita é ela; e nem sei que farei amanhã, se acaso sonhar uma tolice, como às vezes sucede a gente sonhar. Com certeza terei pejo em narrá-la”.

— “Eu não”, disse Rosa, “não tenho verbonha alguma de meu pai, e contarei tudo, se tiver algum sonho”.

— “E eu”, falou Amanda, a caçula, “já que, é a vontade do meu pai, dir-lhe-ei tudo nem que saiba zangar-se êle depois comigo”.

No dia seguinte, pela manhã, Marval mandou dizer às moças que já estava à espera, para elas lhe contarem os seus sonhos.

As duas primeiras nada tinham sonhado, por isso nada disseram. Amanda, porém, sonhara que

por aquêles dias havia de se casar com um príncipe muito lindo e muito rico, senhor de um país onde as casas eram de ouro, e pedras preciosas, e que cinco reis haviam de lhe beijar a mão, achando-se entre êles seu pai.

O monarca, zangadíssimo, com a filha, declarou que se ela sonhasse outra vez semelhante coisa, e tivesse coragem de lhe relatar outro sonho, assim tão soberbo, mandaria matá-la.

As duas irmãs ficaram tristes, quando souberam do sonho de Amanda, e foram lhe pedir para não contar outro, que por ventura tivesse, no mesmo sentido, sendo nesse caso preferível mentir.

— “Papai disse que te mandaria matar. Ora, bem, sabes que palavra de rei não volta atrás. Por isso, acho bom nada mais lhe narrares”.

No dia seguinte, a menina quis enganá-lo. Mas, como não sabia mentir, chegou-se para êle, chorando muito, e lhe contou entre lágrimas, o sonho da véspera, que se repetira naquela noite.

Marval enfureceu-se com a desobediência da filha, pensando que ela estava procedendo propositadamente. Mandou, pois, que os criados a levassem para uma floresta distante, e a matassem; trazendo-lhe o dedo mindinho, como prova de sua morte.

As irmãs, tendo noticia da sentença, de joelhos, pediram ao rei que a perdoasse, pois se Amanda havia contado o sonho, foi porque lho tinha sido or-

denado; que elas duas lhe haviam aconselhado não repetir a narração, mas, como era muito verdadeira, não quis mentir, e confiara na bondade do pai para absolvê-la.

— “Antes papai a mande prêsa para a Tôrre do Castelo”, opinou Rosa, “sem poder sair, senão uma vez por ano”.

Continuando a suplicar o perdão da irmã, ou, pelo menos, a comutação da pena, Rosa e Alice inventaram mil castigos. O rei, todavia, foi inflexível; não revogou a ordem, e as meninas saíram dali com o coração cheio de dor, pela próxima perda da irmãzinha que tanto estimavam.

No outro dia, assim que rompeu a madrugada, a princesa Amanda partiu para a Floresta Negra, tôda de luto, com um véu prêto que lhe cobria completamente o rosto a ponto de torná-la desconhecida.

Ordenara-lhe Marval o uso dêsse véu, para que a côrte ignorasse o fato, e não comesçassem a propagar a sua maldade.

Os próprios criados de confiança, que forau designados para matar a princesa, não sabiam quem era aquela moça tôda de prêto, com um véu tão espêsso, que não deixava ver sequer a sua fisionomia.

Antes de chegarem à Floresta Negra, os emissários reais encontraram uma velhinha, uma mendiga que todos os dias ia receber esmolas que Amanda lhe dava.

Esta velhinha, que era adivinha, ao ver passar aquela gente tão cedo, ainda de madrugada, conheceu logo a princesa, e gritou:

— “Adeus, princesa Amanda, minha benfeitora, filho do muito poderoso rei Marval! Desejo-lhe muitas venturas. Vá depressa, que seu noivo está à sua espera!...”

A moça, que ia muito triste pensando na sua sorte desgraçada, mais triste ficou, por se lembrar que a pobrezinha ia passar sem esmolas.

Não obstante não poder parar, nem um segundo, sob hipótese alguma, a carruagem em que ia, teve ela ainda tempo de atirar uma moedinha, que se achava por acaso no bolso do vestido.

A velha, compreendendo o bom coração da menina, exclamou:

— “Deus nunca desampara os bons, princesa Amanda! Nossa Senhora há de acompanhá-la e protegê-la!”



Ora, entre os criados que haviam ida levar a princesa, para matá-la na Floresta Negra, achava-se um de nome João, já velho, que a tinha criado. Sabendo pelas palavras da mendiga, que a moça a quem levavam para assassinar tão cruelmente, ser a sua querida, a sua extremosa, sua diletta filhinha — como êle chamava e considerava a princesa —



protestou logo no não cumprimento da ordem real,

sucedesse o que sucedesse.

Firme nesse propósito, logo que o cortejo chegou à entrada da Floresta Negra João disse aos seus companheiros que fôra êle o encarregado de matar a moça; e por isso que o esperassem ali, pois não precisava de ajudante para tal serviço. Levou a menina para longe, no meio da mata, e como estimava muito a princesinha, teve pena de matá-la. Trouxe, todavia, para o rei não desconfiar, o dedo mínimo de Amanda, como prova de sua morte, e em cumprimento à ordem que recebera.

Assim que a jovem Amanda se viu só, principiou a chorar de medo, porque ouvira dizer que aquela floresta era mal assombrada. Começou a andar;

e, andando muito, já bastante fatigada, chegou a um buraco.

Aproximou-se dêle, e assim que transpôs a entrada percebeu que quanto mais caminhava, tanto mais largo se tornava êle, do mesmo modo que o terreno mais pedregoso e cheio de raízes, se cobria de relva fina e macia, que seus pés cansados pisavam.

Prosseguindo sempre, deparou-se-lhe deslumbrante palácio todo de mármore, côr de rosa, e com janelas e portas de ouro.

Sentindo-se bem, ficou residindo aí, satisfeita, almoçando, jantando e ceiado, sem no entanto ver pessoa alguma, o que de algum modo a impressionava.

A única coisa que quebrava o silêncio dêsse palácio, era um papagaio, que falava dentro de um quarto fechado e cujas portas jámais se abriam.

* * *

Havia algum tempo já que Amanda ali se achava, vivendo, cada vez mais serena e feliz, apenas muitíssimo triste, quando um dia, lhe apareceu um moço formoso, ricamente vestido. Entregou-lhe êle a chave do quarto, dizendo que podia abri-lo, o que fêz sem mais demora.

Foi um deslumbramento. Ficou maravilhada de ver papagaio tão grande, tão bonito, de asas tão

douradas que parecia o sol, e tendo na cabeça um diamante de inexcedível preço, e lindo, lindíssimo, sem igual no mundo.

Ao ver aproximar-se a moça, a ave sacudiu as penas, contentíssimo, e disse:

— “Bons dias, princesa Amanda, filha do rei Marval! Como vem tão bonita, tão formosa!”

— “Mais formoso do que eu, és tu, meu lindo papagaio dourado...”

Ainda bem não havia terminado a última palavra, e o papagaio transformou-se no lindo moço que lhe tinha aparecido para lhe dar a chave do quarto.

Esse moço era sua alteza o príncipe imperial Calcim, filho e herdeiro de Manarés XI, imperador da região das Pedras Raras. Fôra transformado num papagaio, e deveria permanecer nesse estado até encontrar uma princesa que descobrisse o palácio subterrâneo e o desencantasse.

Assim, meses após, celebrou-se o seu casamento com Amanda, comparecendo cinco reis tributários do imperador Manarés XI, entre os quais se achava o rei Marval para beijarem a mão da noiva.

Todos os outros beijaram a mão da princesa, mas, quando chegou a vez de Marval, a nova imperatriz recusou-a.

Escandalizado com tão grave injúria, à vista dos outros reis, Marval perguntou o motivo do procedimento da princesa.

Calcim, querendo dar uma satisfação da recusa, perguntou a Amanda por que assim procedia com um rei tão ilustre e senhor de uma nação poderosa e amiga.

A moça narrou, então, a sua história, que foi ouvida por todos com a máxima atenção. Marval foi muito censurado, mas, mostrando-se arrependido, obteve o seu perdão, e viveu feliz ainda muitos anos.





ANUEL Borba, depois de trabalhar a existência inteira, velho e cansado já, próximo do fim, via-se como no princípio da sua carreira, cada vez mais pobre, ganhando o indispensável para não morrer de fome. Tôda a sua fortuna consistia em uma roça que cultivava com os dois filhos.

Ao chegar a casa, uma tarde, teve notícia que a mulher dera à luz um menino muito desenvolvido e forte que ficou se chamando Anselmo. Não obstante ser pobre, fi-

cou muito contente com o nascimento do filho, que prosperava dia a dia, a oĩhos vistos, cada vez mais, a ponto de ser, ao cabo de um mês, do tamanho de um homem. Além disso, comia como um gigante; só se contentava com um boi inteiro para jantar!

Borba, vendo que não podia sustentar um filho assim, aconselhou-se com Bárbara, sua mulher, e combinaram os dois de mandar o rapaz procurar a vida.

Anselmo não se incomodou com a notícia. Pediu apenas que o pai mandasse fazer uma bengala de ferro, uma foice e um machado, grandes e pesados.

Assim que tais instrumentos ficaram prontos, partiu êle a correr mundo.

*
*
*

Depois de muito andar, chegou à casa de um lavrador, e ofereceu-lhe os seus serviços, que foram aceitos.

Sendo incumbido de fazer uma roça, em três ou quatro foiçadas, pôs abaixo tôdas as matas da fazenda.

O fazendeiro assustado com semelhante empregado, deu uma desculpa qualquer, e despediu-o, dizendo que não precisava mais dêle.

À hora do jantar, quandó apresentaram a comida comum, recusou-se Anselmo a jantar, dizendo

que, o que estava na mesa não chegava nem para o buraco de um dente, e pediu, para aliviar um pouco a fome com que estava, um boi e dois sacos de farinha.

O fazendeiro mandou dar-lhe o que pedia, e muito admirado, ficou quando o viu devorar tudo. Então, cada vez mais amedrontado, despediu-o.

Partiu o nosso herói em busca de novo emprego, chegando ao palácio de um rei.

Perguntando o que sabia fazer, Anselmo respondeu:

— “Saberá vossa real majestade que sei fazer tudo, e sou capaz de tudo neste mundo”.

À vista disso, o rei, para experimentá-lo, mandou-o caçar seis leões que andavam devastando os arredores.

O moço aceitou a incumbência, e pediu um carro com três juntas de bois.

Passou seis dias nas matas, onde estavam os leões. Em cada dia matava um boi para comer, e prendia um leão, que amansava e atrelava ao carro.

No fim dêsse tempo, cortou árvores das mais grossas e trouxe-as para a cidade, no carro puxado pelos leões amansados.

O povo, ao ver aquêle carro com árvores enormes, puxado por leões, correu a contar o que via.

Assim que Anselmo chegou à praça em frente ao palácio real, o rei mandou que os soldados matassem os seis animais ferozes, e avisassem o homem que sáisse o mais depressa possível, sob pena de ser fuzilado.

Recebendo tal intimação, ficou Anselmo admirado de ter feito coisa que zangasse a real majestade, e indagando porque motivo o expulsavam do reino, não obteve resposta alguma.

Desconsolado por ver que ninguém queria aceitar seus serviços, partiu da cidade, protestando que não se empregaria mais.

— “Agora vou trabalhar por minha conta; não quero mais saber de patrões, pois tenho sido infeliz com meus amos. Quero experimentar a vida, sem ter que dar satisfação a pessoa alguma”.

Jornadeava êle por uma estrada muito larga e muito comprida, a ponto de se perder de vista, quando, depois de muito caminhar, encontrou um rio.

Parando, para descansar, viu um homem atravessá-lo, sem se molhar.

— “Como é que você anda nágua, sem se molhar?”, indagou. “Como se chama você?”

— “Eu me chamo o Homem-Peixe. Você está admirado de me ver passar êste riacho; quanto mais se soubesse que acabei de atravessar todo o mar!”

— “Quer vir em minha companhia?”, perguntou Alselmo.

— “Quero”, disse o Homem-Peixe.

— “Pois então, passe-me para o outro lado”.

O Homem-Peixe carregou-o nas costas e caminhou para a outra margem.

Seguiram os dois companheiros, quando, depois de andarem muito tempo, encontraram um homem cortando cipó e emendando-o para fazer um laço.

— “Que fazes aí, homem? Como te chamas?”

— “Chamo-me o Homem-Laçador. Estou a fazer este laço para laçar uma boiada que está pastando num campo, dez léguas daqui”.

— “O que me dizes, Homem-Laçador, é admirável! Queres vir em nossa companhia ”

— “Pois não; e até estimo, porque não gosto de viajar só”.

E lá seguiram os três companheiros a procurar a vida, por este mundo de Cristo em fora.

Pararam numa casa abandonada, no meio de uma floresta, e combinaram que o Homem-Peixe fôsse buscar comida para os três.

O companheiro encontrou no caminho um molequinho, muito prêto, com uma carapuça dourada na cabeça, que lhe pediu fogo para o cachimbo.



O Homem-Peixe, não quis dá-lo; e o moleque, para se vingar, arrumou-lhe o cachimbo na cabeça, com tanta fôrça, que o prostrou sem sen-

tidos, no chão.

Quando voltou a si, já não encontrou mais o pretinho, mas dirigiu-se para casa, contando aos outros o que lhe havia sucedido.

Disse o homem-Laçador:

— “Qual! Homem-Peixe, você é um moleirão! amanhã quem vai sou eu; quero ver se o molecote me põe também por terra, sem sentidos”.

E assim fêz.

Estava já o laçador muito longe, quando lhe apareceu o moleque, pedindo-lhe fogo para o cachimbo.

O Laçador não quis dar, e os dois começaram a lutar numa briga muito feia que durou mais de uma hora. Afinal, o moleque de carapuça dourada lhe deu com o cachimbo tal pancada na cabeça, que

o pôs por terra, desacordado. Quando o Laçador deu acôrdo de si, voltou envergonhado para casa e contou aos companheiros o que lhe acontecera.

Anselmo começou a caçoar, chamando ambos maricas, moleirões, e disse que era êle quem iria no dia seguinte.

De manhã cedo, partiu com a sua bengala de ferro e, depois de muito andar, em um lugar afastado encontrou o tal moleque, que lhe disse:

— “Olá, Anselmo, como vai?...”

— “Bem, obrigado. E tu, como vais, moleque?”

— “Bem. Muito obrigado. Dá-me fogo para acender o meu cachimbo?”

— “Não, moleque, não dou; e retira-te já daqui senão... senão...”

Meteu-lhe a bengala, e o moleque meteu-lhe o cachimbo.

Travaram uma luta medonha de mais de duas horas.

Afinal, Anselmo deu-lhe com a bengala de ferro, com tanta fôrça, que o moleque se viu de repente sem a carapuça dourada na cabeça.

Anselmo apanhou-a, mais que depressa.

— “Dê-me a minha carapuça, pelo amor de seu pai”, dizia o moleque, de joelhos.

— “Só ta darei, se me deres as três princesas que tens em teu poder”, respondeu o valentão.

— “Não posso, porque não são minhas”.

— “Então, vai-te daqui, negro amaldiçoado!”

O negro, que era o Diabo, que vigiava as três princesas, foi andando... Anselmo acompanhou-o.

De repente, o moleque entrou por um buraco, feito na terra, sempre acompanhado por Anselmo, que não deixava de o perseguir.



Chegaram a um palácio riquíssimo, todo de ouro, onde havia muita gente trabalhando em caldeiras, em fogo, em ferro, e outros metais.

Aí chegando, o moleque pensou que o outro tinha medo do que via, e pediu a sua carapuça. Respondeu Anselmo que só a entregaria se o negro lhe desse as três princesas.

O Diabo, vendo que era o mais fraco, resolveu-se a entregá-las.

— “Agora, só te darei a carapuça se me puseres lá fora”, disse Anselmo.

Satanaz não quis e êle meteu-lhe outra vez a bengala.

Vendo o Diabo que de todo não podia com Anselmo, fêz tudo quanto êle exigia.

O Homem-Peixe e o Laçador, que tinham ido à espreita, assim que viram três moças lindas saírem daquele buraco, fugiram com elas, enganando dessa forma o companheiro.

Anselmo não se incomodou muito com aquilo.

Recebera êle de cada uma das três moças um lenço, e sabia que mais tarde ou mais cedo havia de lhes descobrir o paradeiro.

O Homem-Peixe e o Homem-Laçador, souberam que elas eram filhas de um rei poderoso, que habitava não longe dali, se fossem por mar, e muito longe se a caminhada fôsse feita por terra. Seriam, então, precisos dois anos para se chegar lá.

O Homem-Peixe disse:

— “Com isso não me incomodo, minhas formosas princesas, pois até anão melhor nágua do que em terra; o que está me impedindo de fazer a viagem por mar é que não as posso levar e mais o meu companheiro”.

— “Não seja esta a dúvida, Homem-Peixe. Se te comprometeres a nos levar por mar, sem perigo, vou fazer um laço para prender as três lindas princesas e nós dois as levaremos”.

Ficaram combinados.

Chegados ao palácio, o rei recebeu com alegria as filhas, e já tratava os dois companheiros como filhos.

Nesse intervalo, Anselmo, cansado de procurar as três princesas, sonhou que os três lenços que ellas haviam dado eram encantados, e se elle quisesse o conduziriam ao palácio do rei.

Acordou muito satisfeito, apanhou o primeiro lenço e disse.

— “Vôa, meu lenço, para o colo de tua dona”.

O lenço virou papagaio, e desapareceu.

Quando a princesa o viu, lembrou-se do seu salvador, e disse:

— “Meu pai, só me casarei com o dono dêste lenço”.

Anselmo fez o mesmo com o segundo, que foi cair no colo da segunda princesa, que repetiu ao rei o que sua irmã dissera.

Vendo os dois lenços se transformarem em lindos papagaios, Anselmo pegou no terceiro:

— “Vôa, lenço, que a princesa me deu, vôa e leva-me até o castelo d’el-rei, seu pai”.

O lenço transformou-se num grande papagaio, com um selinzinho de ouro nas costas,

Anselmo cavalgou-o, e quando deu acôrdo estava no palácio.

Descoberto o embuste, Anselmo casou-se com a mais bonita das princesas. Os dois companheiros foram expulsos, depois de Bem castigados.

As outras duas princesas casaram-se com dois príncipes vizinhos, senhores de um reino amigo.





O TEMPO em que os animais falavam, nesse mesmo tempo chamado do Onça, em que se amarravam os cachorros com linguças, achava-se uma onça dormindo a sesta, esganchada num galho de árvore, quando exclamou:

— “Qual! isto assim não tem jeito! Estou há largo tempo a procurar cômodo neste pau, e nada de poder dormir! Vou fazer uma casa para morar”.

Foi a um lugar da floresta, e depois de procurar bem, disse:

— “E’ aqui mesmo; melhor lugar não poderia encontrar”.

Roçou o mato que ali havia, capinou tudo muito bem.

Mestre Cabrito também andava com vontade de fazer casa de moradia. Saindo, uma vez, em busca de local apropriado, deu com o roçado que dona Onça tinha feito horas antes. e disse:

— “Bravo! Que belo sítio êste aqui! Parece feito de propósito para uma casinha!”

Dizendo isso, pôs-se logo a cortar grossos paus para servirem de esteios à casa; fincou no chão, e foi descansar.

No dia seguinte, chegou dona Onça, e vendo os esteios já fincados, exclamou:

— “Com certeza, é Deus quem me está ajudando. Ontem, apenas limpei o mato, e hoje já venho encontrar os esteios da casa!”

Cortou mais paus; fêz a cumieira; pôs as travessas e retirou-se.

Quando o sr. Cabrito chegou, e viu aquêles progressos na construção, exclamou:

— “Qual! Decididamente Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, está me ajudando! Estou encantado de Graça... Não pode ser outra coisa. Por isso, mãos à obra sr. Cabrito, quanto mais depressa, melhor”.

Então colocou caibros na casa, e nesse dia deu por findo o serviço, achando que havia trabalhado muito.

Quando dona Onça veio, ainda mais admirada ficou. Nada disse, todavia. Pregou as ripas e os enchimentos, e foi-se embora.

O Cabrito pôs as varas, os portais e as janelas e saiu.

A Onça cobriu a casa de telhas.

O cabrito assoalhou, e fêz o teto.

Um dia, um, outro dia, outro, trabalharam sucessivamente os dois animais, sem no entanto jamais se encontrarem, cada um pensando que era Deus que o protegia.

Ficando pronta a casa, dona Onça fêz a cama e deitou-se.

Ainda não tinha ferrado no sono, quando chegou também o Cabrito, que, vendo a Onça, disse:

— “Não, comadre Onça; esta casa é minha. Fui eu que finquei os esteios, pus os caibros, os portais, as janelas, etc.”.

Depois de muita discussão, a Onça, que já estava com vontade de comer o Cabrito, falou:

— “Bem, compadre, não é preciso fazer questão; vivamos juntos, como bons amigos”.

O Cabrito, embora com muito medo, aceitou a proposta da Onça, mas, por precaução, armou a cama longe, perto da janela, para poder escapular ao primeiro sinal de perigo.

Achava-se ainda na cama, aos primeiros albos da madrugada, quando a Onça se virou para êle e lhe disse:

— “Vou dizer-lhe uma coisa, compadre Cabrito: quando estou zangada, começo a franzir o couro da testa. Tome cuidado”.

— “E eu, comadre Onça”, respondeu o outro, fazendo-se forte, mas, com verdadeiro pavor, — “quando estou com raiva, começo a sacudir as minhas barbichas, e se der algum espirro, então fuja, porque não estou para brincadeiras”.

Vendo que o outro fugia, a Onça saiu, dizendo que ia buscar alguma coisa para comerem.

Meteu-se atrás de uma moita, num mato muito cerrado, pertinho de um regato, onde os outros bichos costumavam ir beber água.

Apareceram diversos animais, mas a Onça não se mexeu. Quando, porém, chegou um cabrito grande, muito gordo, de um salto caiu-lhe ela em cima e matou-o.

Arrastou-o até a casa e, dẽ fora, já vinha gritando!

— “Abra a porta, compadre Cabrito, para eu poder passar com a minha caça!”

Mestre Cabrito, já desconfiado daquele barulho, imaginando ser alguma cilada que lhe armava ela, respondeu no mesmo tom:

— “Está aberta, comadre; basta empurrá-la.”

Quando o Cabrito viu o seu companheiro teve muito medo, e disse consigo mesmo:

— “Se ela matou êste, que é maior e mais forte que eu, como não procederá para comigo?”

E protestou ficar cada vez mais alerta.

Ofereceu-lhe a Onça um bocado de carne, mas o Cabrito não aceitou dizendo já ter almoçado.

*
*
*

No outro dia, foi êle quem disse à Onça:

— “Agora, comadre, sou eu quem vai à caça. Vou arranjar alguma coisa para comermos”.

Embrenhou-se pela floresta a dentro, quando viu uma onça muito grande e gorda.

Disfarçou, e começou a cortar cipós fortes.

A onça, chegando perto, indagou:

— “Amigo Cabrito, para que é que está você cortando tanto cipó?”

— “Oh! amiga onça, não sabe do caso? Então não sabe que o mundo está para vir abaixo, que um grande dilúvio, e grande ventania vem cá para a terra? Trate de si, que é o que deve fazer. Eu vou-me amarrar com êstes cipós, porque não quero morrer já”.

A Onça, com medo, escolheu um pau bem grosso e pediu ao Cabrito por tudo quanto havia, que a amarrasse.

O Cabrito amarrou-a perfeitamente, com uma porção de cipós, e, quando a viu bem segura, matou-a.

Desatou o cipó que a prendia, e começou a arrastá-la até à casinha.

Quando chegou, disse à sua comadre, que ficara em casa:

— “Comadre Onça, trago comida para dois dias, venha ver, e vamos esfolar o bicho, que está gordo que faz gôsto”.

A Onça, quando viu uma companheira sua, morta pelo Cabrito, teve muito medo, mas nada disse.

Começaram os dois a ter medo um do outro.

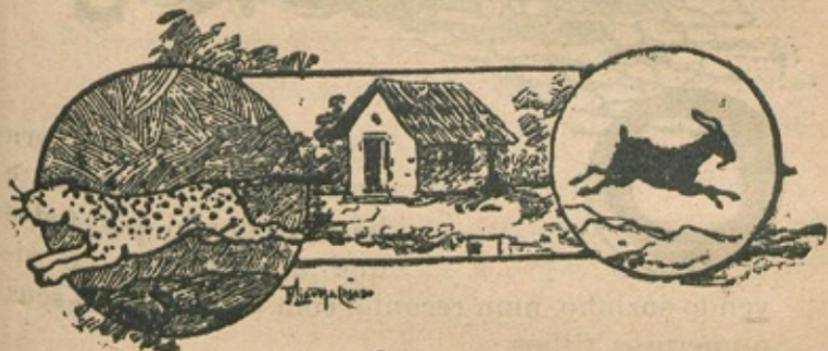
Um dia, o Cabrito estava perto da janela, tomando fresco, quando viu a Onça com o couro da testa todo enrugado, o que nela era sinal de raiva.

Teve receio. Começou a sacudir as barbinhas, e deu um grande espirro.

A Onça ouvindo-o e lembrando-se que era o sinal da zanga do cabrito, pulou de cima da cama e começou a correr com uma desesperada, por êste mundo afora.

O Cabrito, por seu lado, fugiu também, em direção oposta, com medo da Onça...

E os dois ainda hoje se evitam...





O SR. ALEIXO Pitada era um homem honrado e bom, estimado por todos que o conheciam, e vivendo sozinho, num recanto, com sua mulher e seus numerosos filhos.

O pobre velho, trabalhava na roça todo o santo dia, plantando legumes e tratando das frutas, e, aos domingos, vinha com o taboleiro de quitanda, à cidade, para vender a sua mercadoria.

A mulher, que se chamava Engrácia, fazia o serviço da casa; ia ao mato cortar lenha, e à noite ainda ajudava o marido, descascando o feijão e amarrando os molhos de vagens.

Apesar de trabalharem assim, tanto, passavam mal, viviam na maior miséria, e nunca tinham dinheiro para comprar o que precisavam, havendo até dias que nem tinham pão para os filhos.

— “Olha, Engrácia; não podemos dar sustento a nossos filhos, senão trabalhando mais que um boi de canga. Por conseguinte, se viermos a ter mais algum, levá-lo-ei para a cidade, em domingo, quando fôr vender quitanda, e dá-lo-ei a quem quiser aceitá-lo, mesmo ao Diabo, se êle me aparecer”.

— “Não diga isso, Aleixo, olha, que não será mais uma bôca que nos virá atrasar a vida”.

— “Já te disse, mulher; se nascer mais algum filho, dá-lo-ei a quem quiser. Até ao Diabo, repito”.

Meses após tiveram outro filho; e, no domingo seguinte, quando o homem foi levar a quitanda ao mercado, a mulher vestiu o pequeno e entregou-o ao marido.

Assim que Pitada chegou à cidade, encontrou na entrada da rua que ia dar ao mercado um cavaleiro bem vestido, perguntando o que era aquilo que levava no braço.

— “E’ um filho que minha mulher teve há uma semana, meu nobre senhor, e eu trouxe o pequerucho para ver se alguém quererá ficar com êle. Sou muito pobre, e não posso sustentar meus filhos.

São tantos, que resolvi dar os que vierem a nascer a quem os quiser”.

— “Pois, eu aceito o menino, bom homem. Se tens que o dar a outro, dá-mo, que cuidarei bem dêle”.

O pai entregou a criança, e depis de vender tôda a quitanda, voltou para casa muito satisfeito por ter encontrado fàcilmente um homem, tão distinto, de tão belas maneiras, que lhe pedisse o pequerucho.

Chegando a casa, contou tudo à espôsa, que exclamou:

— “Que Deus o proteja, e faça dêle um bom cristão!”

O cavalheiro que tinha tomado o menino para criar era o Diabo, que ouvira lôda a conversa do casal, e viera buscar a criança.

O menino vivia muito contente no palácio de seu protetor, onde nada lhe faltava, divertindo-se bastante porque passeava e brincava em todos os lugares.

Notava, porém, que seu padrinho (como êle chamava Satan) nunca lhe havia mostrado três quartos existentes no palácio, que estavam sempre fechados e nos quais nunca tinha entrado.

Mas, como o respeitava muito, jamais desejou entrar naqueles aposentos, que tanto despertavam a sua curiosidade.

Uma vez o Diabo, indo fazer uma viagem, chamou o menino, que então já tinha quinze anos, e lhe disse:

— “Vou dar um passeio, e como me demoro alguns dias, deixo contigo as minhas chaves. Podes correr o palácio todo à exceção destes três quartos, onde não deves entrar, o que te proibo expressamente”.

Demorou-se Satan fora do palácio quase um mês; e quando voltou pediu as chaves ao menino, que as entregou sem receio, pois tinha cumprido fielmente as ordens recebidas.

Passado tempo, fêz segunda viagem e, antes de partir, entregou ao afilhado as chaves com a mesma recomendação.

Mas, o rapaz desta vez não pôde conter a sua curiosidade, e supondo que o padrinho nunca viesse a sabê-lo, foi abrir os quartos.

Descerrando a porta do primeiro, ficou deslumbrado.



Era um quarto todo forrado de cobre, transformado numa estrebaria, também de cobre, onde se via um cavalo castanho muito lindo, e que corria muitíssimo.

Entretanto, no segundo aposento, mais admirado ficou; viu outro quarto todo de prata, e uma estrebaria também de prata, onde comia um cavalo branco, mais bonito e mais veloz que o castanho, o primeiro.

Entrou no terceiro compartimento, e não pôde conter um grito de surpresa.

Era todo êle de ouro, e também a estrebaria, na qual estava comendo um cavalo preto mais bonito ainda que os anteriores, e que não corria: voava.

Aquêles três cavalos eram encantados.

O castanho chamou-o, e disse-lhe que não tinha tempo a perder, porque o Diabo ia chegar da viagem; e, se o encontrasse ali, era capaz de matá-lo.

O menino ficou com muito medo, mas o cavalo recomendou:

— “Vá à cozinha e embrulhe um pedaço de sabão num papel, noutro alfinetes, ponha um pouco d’água em um vidro e venha ter comigo depressa. Mas não se demore, senão não respondo por sua vida”.

O mocinho fez tudo aquilo, e quando voltou, o animal tornou a falar:

— “Agora entre no quarto de ouro, porque ao sair estará dourado, e monte em mim, que quero salvá-lo”.

O Maldito, ao chegar, não encontrou o afilhado.

Correu para os quartos e não vendo o cavalo castanho, compreendeu que o menino fugira.

Montou no cavalo preto e, como havia vento, voou, avistando-o horas depois.

Assim que o castanho se viu perseguido pelo seu dono, que já estava perto, disse para o menino:

— “Depressa, jogue o papel com sabão!...”

Apareceu imediatamente um morro de sabão muito alto, que o cavalo não podia subir, pois escorregava.

O Diabo voltou para casa aborrecido, mas de repente lembrou-se que, se tivesse levado uma faca, bastaria para cortar o sabão para poder passar.

Montou novamente e, quando já o ia alcançando, o castanho disse:

— “Depressa, jogue o vidro com água, senão estamos mortos!...”



Transformou-se o vidro em grande lagoa, e Satan, vendo tanta água, voltou com medo de se afogar.

Chegando à casa lembrou-se que com o poder que tinha, podia fazer desaparecer a lagoa.

Tomou de novo o cávalo e voou em perseguição do fugitivo, e quando lá chegou não encontrou mais lagoa alguma.

Foi voando, até que chegou a vê-los de novo.

O castanho, assim que sentiu a aproximação do Diabo, disse:

— “Atire os alfinetes, senão estamos perdidos!”

O menino fêz o que aconselhava o seu cavalo e viu formar-se atrás de si um espinheiro tão cerrado que ninguém podia passar.

O Diabo, na fúria de pegar a criança, quis romper à fôrça o espinheiro, ficou prêso, e de tanto se debater para sair, morreu todo espetado.

*

* *

Os outros dois cavalos foram ao encontro do menino, e depois de andarem muito chegaram à capital do reino, onde governava um rei poderosissimo.

Êste rei tinha uma filha chamada a princesa Aurora.

Quando ela viu aquêlê moço dôurado, ficou apaixonada, e foi dizer ao pai que só se casaria com êle, custasse o que custasse,

Sua majestade recusou-se terminantemente, porquanto o moço não era filho de rei, nem mesmo fidalgo.

E receiando que Aurora ficasse ainda mais apaixonada, ordenou que os soldados formassem um grande quadrado, o colocassem no centro e o fuzilassem.

A princesa sabendo daquela ordem, pediu-lhe que não fizesse aquilo, porque seria a morte do mancebo, que não poderia escapar a tantas balas.

O soberano recusou-se e as suas ordens foram executadas fielmente.

O moço pediu, antes de entrar no quadrado, que o deixassem morrer montado no seu cavalo.

Deu-se a voz de preparar... apontar... e partiram os tiros.

Aurora, ouvindo aquêles estampidos, teve um ataque e desmaiou.

Assim que a fumaça se dissipou, viu-se o moço dourado montado no cavalo preto, voando, do outro lado do quadrado.

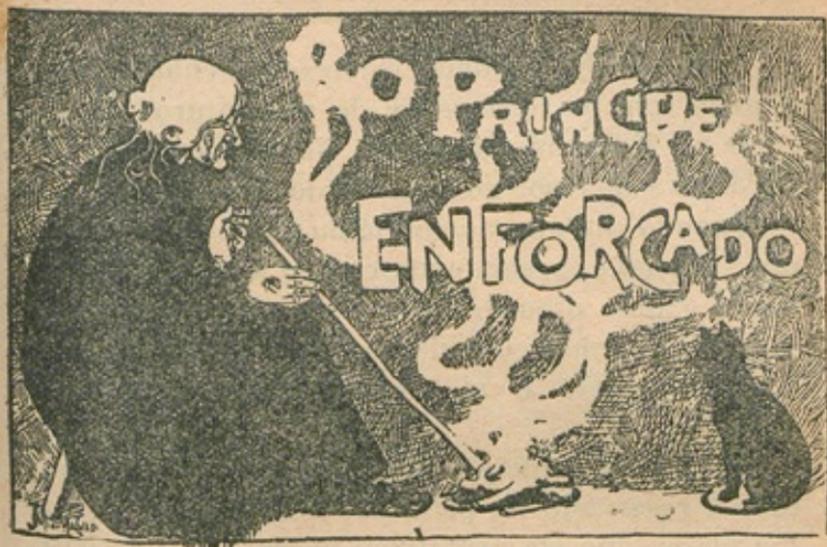
*
* * *

O monarca, em vista daquele caso extraordinário, verdadeiro milagre, estupendo, inaudito, consentiu no enlace, compreendendo que não se tratava de uma pessoa vulgar.

Assim, pouco depois celebrou-se o casamento, e logo que o padre abençoou o casal, viram-se três pombos brancos voando pelo céu em fora.

Eram os três cavalos que iam para o céu, já que o moço dourado não precisava mais de proteção deles.





PAÍS grande, importante, populoso e rico, era o que governava Edmundo XXII, rei poderosíssimo. Na capital do reino existia

uma velha, tão velha, que já contava mais de duzentos anos.

Essa velha, a tia Joana, como todos a chamavam, vivia na floresta numa casa arruinada, tendo por única companhia um gato.

Dizia-se que ela era adivinha ou bruxa, e era de acreditar porque tudo quanto dizia saía certo.

Nunca vinha à cidade, salvo sendo chamada por alguém que quisesse saber do seu futuro.

O rei Edmundo tinha um filho único, Roberto, herdeiro e sucessor no govêrno do país.

Quando sua alteza completou quinze anos, a rainha, sua mãe, preocupada com o seu futuro, querendo a todo o custo saber o que lhe reservava o destino, mandou convidar a velha feiticeira, para vir ao palácio e aí ler a "buena dicha" do príncipe.

A velha, a princípio não quis dizer o futuro que estava reservado ao príncipe, mas a rainha tanto lhe pediu, que ela profetizou haver o príncipe Roberto de morrer enforcado.

A rainha, desde êsse dia, viveu imersa em profundissima tristeza.

Roberto, notando que sua querida mãe vivia sempre no quarto, chorando inconsolável, perguntou-lhe o motivo porque andava tão desesperada.

A rainha nada lhe quis dizer pretextando molestia. Mas o jovem príncipe tanto insistiu, que a pobre mãe não teve remédio senão revelar a causa de sua tristeza.

O moço não se arreceiou do destino que lhe estava reservado.

Disse que não se incomodava com o gênero de morte que teria, porquanto tinha de morrer um dia e, nesse caso, tanto se lhe dava ser desta ou daquela maneira.

Pediú então, já que lhe estava destinada aquella sorte, que os pais lhe dessem licença para ir correr mundo, a fim de morrer em país estranho, longe dos seus, e não afligir os pais com o espectáculo de sua morte horrorosa.

O rei, só a muito custo, lhe concedeu a licença pedida.

Roberto aprontou-se para a viagem. À despedida, a rainha deu-lhe dinheiro que bastasse para se sustentar durante o resto de sua vida.

*

* *

Começou o príncipe a correr mundo; e depois de haver percorrido muitas cidades e reinos foi ter a um pequeno povoado onde existia uma capelinha erguida no alto de um morro, dedicada a S. Miguel.

O povo dêsse lugarejo era muito pobre, de modo que não só a igrejinha como S. Miguel e a figura do diabo e as demais alfaias do templo tudo, já se achava em péssimo estado.

O príncipe Roberto, apiedando-se da miséria em que estavam a capela e as imagens, mandou concertar tudo à sua custa.

Resolveu, então, demorar-se aí por algum tempo à frente dos operários, administrando as obras.

Concluídas que foram, o pintor, disse que ficara um resto de tinta, pois não pintara o Anjo Mau, por lhe parecer que não merecia a pena, com que o príncipe não concordou, ordenando que pintasse também a figura do diabo.



Quando ficou pronto e nada mais faltou, retirou-se da povoação levando consigo a bênção do povo, que só assim vira a sua capelinha restaurada.

Roberto continuou a viagem, a correr mundo, indo ter à casa de uma velhinha, na beira de uma estrada solitária, a quem pediu pousada por uma noite.

A velha, que era uma bruxa muito má, conse-deu-lhe a pousada pedida e mostrou-lhe o quarto onde êle devia passar a noite.

O moço, entrando no quarto que lhe fôra destinado, começou a contar o dinheiro que tinha no bôlso.

A feiticeira, que estava à esp̄reita, pelo buraco da fechadura, ficou admirada de vêr tanto dinhei-

ro e correu para a cidade, dizendo que em sua casa estava um estrangeiro a lhe roubar toda a fortuna.

A policia acompanhada de soldadós bem armados, dirigiu-se para lá e deu voz de prisão ao príncipe, conduzindo-o para a cadeia amarrado, peños pulsos, com duas cordas grossas.

Ficou Roberto na cadeia à espera do resultado do processo, quando um dia soube que fôra condenado à força por gatuno.

Quis se defender, mas nada conseguiu.

Como era aquela a sua sina, depressa se resignou.



Chegando o dia de ser executada a sentença, seguiu o príncipe Roberto para a praça em direção à força, no meio de uma escolta de soldados de armas embaladas.

São Miguel, que estava na capelinha que o príncipe mandara consertar, virou-se para o diabo e disse:

— “Então, agora não estás mais bonito?”

— “Estou, sim”, respondeu êle.

— “Sabes quem te mandou consertar?”

— “Sei. Foi aquêlê honrado príncipe que há tempos passou por aqui”.

— “Pois fica sabendo que êste bom príncipe a esta hora está em caminho da forca, a que foi condenado injustamente. Está todo amarrado, no meio de uma escolta e daqui a pouco estará morto. Vai defendê-lo”.

Quando o diabo ouviu o que São Miguel lhe contou, montou num cavalo prêto de crinas de fogo, veloz como um raio e voou a tôda brida para a casa da velha que dera queixa contra Roberto.

Chegando aí conduziu a bruxa, que confessou o seu crime, dizendo que o príncipe era inocente, e que ela tinha feito tudo aquilo com o fim de se apoderar da riqueza do estrangeiro que lhe tinha pedido pousada.

O rei, sabendo do ocorrido, por intermédio do diabo, imediatamente lavrou ordem de soltura para o príncipe.

Entregou-o ao diabo, que, rápido, como o pensamento, foi à praça onde estava levantada a forca, e entregou a absolvição do príncipe ao carrasco.

Já não era sem tempo. Mais dois segundos que demorasse, estaria o príncipe morto.

Roberto foi levado à presença do rei, que lhe perguntou quem era e de onde vinha.

O moço contou-lhe que era filho do rei de um país muito distante dali; que saíra do reino porque sabia que a sua sina era morrer enforcado, e não queria que a sua morte fôsse no domínio de seu pai.

O rei ficou penalizado com a história do jovem.

Obrigou a velha a restituir o dinheiro que roubara ao moço e mandou prendê-la.

Assim que se viu livre e embolsado de seu dinheiro, Roberto continuou viagem.

No meio do caminho encontrou-se com um fidalgo, montado num cavalo muito bonito e ricamente arreiado.

O cavaleiro perguntou-lhe para onde ia, ao que respondeu o príncipe que estava correndo terras e não sabia qual o seu destino, nem podia dizer onde ia pernoitar.

E pelo caminho foram andando em direção à capelinha que o príncipe, havia anos, mandara consertar.

Durante a viagem o príncipe contou ao cavaleiro a sua história, como se tinha livrado da força, mas



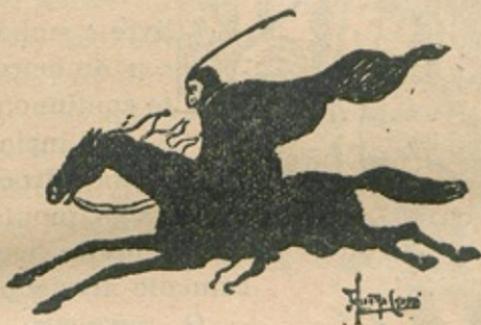
que tinha a certeza de morrer enforcado porque era aquela a sua sina.

O fidalgo, então, lhe disse:

— “E não sabeis quem vos salvou quase na hora da morte?”

— “Não”, disse o príncipe.

— “Pois sabeis que fui eu. Eu sou a figura da-
quele diabo que o pintor não quis pintar por não



valer a pena, e que ordenaste consertar e pintar. Sabendo do embaraço em que vos acháveis, vim ao vosso encontro. Podeis voltar para vossa terra. A vossa sina está desmanchada; em vosso lugar foi enforcada aquela bruxa que era feiticeira. O encanto está quebrado”.

Dizendo isso, o cavaleiro sumiu-se e foi para a sua morada na capelinha.

O príncipe, ao passar pela capelinha, entrou e começou a rezar.

Depois voltou para a sua cidade, onde encontrou seus pais que o receberam com grande contentamento.

Já o rei Edmundo sabia que a sina do seu filho estava desmanchada, porque Joana fôra ao palácio contar a história do príncipe Roberto.





QUANTOS séculos decor-
reram depois da his-
tória que vamos nar-
rar não sei, nem pes-
soa alguma poderá sa-
bê-lo, só se sabe que,
por êsse tempo exis-
tiu o Reino das Maravilhas, e
nêle uma jovem tão linda, que
nada neste mundo se lhe podia
comparar. Chamava-se a Prin-
cesa dos Cabelos de Ouro, por-
os seus cabelos eram louros, tão louros, que pare-
ciam feitos de raios de sol, e tão grandes e cres-
pos que chegavam aos pés.

O seu nome, porém, era Mirtes.

A princesa andava sempre com os cabelos desenastrados; tinha uma coroa de flores na cabeça, e usava vestidos bordados a ouro, diamantes e pérolas, de sorte que, quem a via, ficava logo apaixonado pela sua formosura.

Existia em Gabor, país vizinho, um rei ainda moço e solteiro, chamado Frederico, e possuidor de extraordinária riqueza.

Sabendo da existência da Princesa dos Cabelos de Ouro, conquanto nunca a tivesse visto, ficou apaixonadíssimo, resolvendo enviar um embaixador pedindo-o em casamento. Para isso mandou preparar um carro de ouro, puxado por cavalos brancos, e seguido de mais de cem criados, recomendando que lhe trouxessem a princesa Mirtes, a todo o custo.

O embaixador chegou ao reino das Maravilhas e entregou a mensagem. Mas, ou porque nesse dia não estivesse de bom humor, ou aquela comitiva toda não lhe parecesse a ela suficiente para uma princesa tão linda, o fato é que respondeu que agradecia muito ao rei Frederico, tão alta distinção, mas que não pensava ainda em casar.

O embaixador saiu da Corte muito triste por não regressar com ela para Gabor, voltando com todos os presentes que levava da parte de seu senhor.

Mirtes, que era sensata, sabia que uma moça não deve receber presentes de um rapaz, mas, para

o rei não tomar essa recusa, como ofensa, aceitou apenas uma carta de alfinetes.

Assim que o embaixador chegou à cidade, onde era esperado impacientemente, todo o mundo se afligiu por não haver êle trazido a Princesa dos Cabelos de Ouro; e o rei chorou, sabendo do resultado da embaixada.



Ora, havia na côrte um pagem de beleza extraordinária, tão lindo que era conhecido pelo apelido de Formoso.

Todos os estimavam muito, menos os cortesãos invejosos que se incomodavam com a preferência que lhe dava o rei Frederico encarregando-o dos seus mais importantes negócios.

Formoso, estando uma vez a conversar num grupo onde se falava da volta do embaixador, criticando de sua inépcia em comissão tão melindrosa, sem refletir no que dizia, assim se externou:

— “Se o rei me tivesse enviado em embaixada à Princesa dos Cabelos de Ouro, estou certo que a traria comigo”.

Não faltaram alcoviteiros que fossem ao rei e lhe dissessem:

— “Saiba vossa real majestade que o pagem se gaba de ser capaz de trazer a Princesa dos Cabelos de Ouro, assim que vossa majestade o mande. Considere bem vossa majestade no seguinte: Formoso, com isso quer ter a pretensão de ser mais belo que o nosso rei, pensando que se a princesa o visse, o amaria tanto que o acompanharia”.

O rei ficou desesperado ouvindo tão pérfida intriga, e exclamou:

— “Ah! êsse pagem brinca com a minha desgraça! Pois bem: prendam-no na Tôrre Grande e que o deixem lá até morrer de fome”.

Os soldados do rei foram à casa de Formoso, que já nem se lembrava mais do que dissera; arrastaram-no à prisão, e aí fizeram-lhé as maiores atrocidades.

O pobre rapaz só tinha um bocado de palha para se deitar; e teria morrido de sede se não fôsse uma pequena fonte que corria perto da tôrre onde estava prêso.

Um dia em que já não podia mais, exclamou suspirando:

— “De que se queixa el-rei meu senhor? Nunca lhe fui infiel, nunca o ofendi. Por que estou prêso quase a morrer de fome?”

Frederico, por acaso passava perto da tôrre. Quando ouviu a voz daquele que tanto estimara,



VIAO YALDO

parou para ouvi-lo, apesar dos vassalos que estavam ao pé do rei e que odiavam Formoso, dizerem:

— “Não lhe dê ouvido, real majes-



tade. Não sabe que Formoso é um tratante?

O rei respondeu:

— “Deixem-me, quero ouvi-lo”.

Tendo escutado aquelas queixas, as lágrimas subiram aos olhos.

Abriu a porta da prisão e chamou o seu pagem favorito.

Formoso veio muito triste se ajoelhar aos pés do rei, dizendo:

— “Que lhe fiz, senhor, para me tratar tão cruelmente?”

— “Zombaste de mim e do meu infortúnio, dizendo que se eu te houvesse enviado como embaixador à princesa, trazê-la-ias com certeza”.

— “E’ verdade”, disse Formoso, “eu teria feito à princesa conhecer as qualidades de tão ilustre monarca, e estou persuadido que ela não recusaria aceitar o meu ilustre rei por espôso. Suponho que isto não é caçoar nem falar mal de vossa majestade”

Frederico achou que não tivera razão para ser tão cruel.

Mandou que lhe tirassem os fêrros e levou-o consigo, arrependido da maldade que fizera.

Depois de mandar Formoso jantar em sua companhia, chamou-o aos seus aposentos e lhe disse:

— “Ainda amo apaixonadamente a Princesa dos Cabelos de Ouro, e apesar da recusa que tive, não desanimo de me vir a casar com ela. Queres ser meu embaixador?”

— “Senhor”, respondeu o pagem. “Estou pronto para cumprir vossas ordens. Se quiserdes partirei amanhã”.

— “Amanhã, não”, disse o rei, “quero mandar uma embaixada mais rica do que a primeira”.

— “Perdoa-me vossa majestade, mas não desejo levar comitiva alguma. Desejo apenas que me mande dar um bom cavalo e as cartas que devo entregar à princesa

O rei abraçou-o, vendo a disposição com que estava êle de o servir.

No dia seguinte de manhã, Formoso partiu sem pompa nem ruído, pensando no meio que empregaria para fazer Mirtes dar o sim.

Levava consigo uma pasta, onde havia tudo quanto era necessário para escrever: papel, pena, tinta, lapis, etc., e quando vinha à sua cabeça um bonito pensamento escrevia-o, no seu livrinho de notas para o não esquecer e poder dizê-lo à princesa.

Assim procedendo, o fiel pagem, pensava apenas na maneira de ser agradável à princesa para ver se ela consentia em se casar com seu amo.

Uma manhã, passando êle por um prado extensissimo, apeou-se do cavalo em que ia montado, e sentou-se em uma pedra, à margem do rio que atravessava o campo. Admirava a beleza do lugar quando viu uma piaba pular fora d'água e debater-se durante alguns segundos.

O pobre peixinho ia morrer quando Formoso o apanhou, atirando-o ao rio.

Assim que a piaba se sentiu outra vez nágua, nadou rápidamente para longe da margem, voltando, porém, logo após, para dizer:

— “Formoso, agradeço-te muito o serviço que acabas de me prestar. Se não fôsses tu, estaria morta. Talvez, algum dia te pague esta dívida.

Disse e desapareceu.

O pagem ficou admirado de ver um peixe falar, mas não se importou mais com o caso e seguiu viagem.

Em outro dia viu um corvo perseguido por uma águia.

O corvo voava para um lado e para outro, mas sempre perseguido. Estava prestes a cair no bico do seu inimigo, quando o rapaz que assistia àquela luta apanhou a espingarda e fazendo boa pontaria, matou a águia.

Vendo-se livre, o corvo, fugiu para longe, dizendo:

— “Formoso, livraste-me de uma morte certa. Se não fôsse o teu socorro, estaria nas garras do meu perseguidor. Nada valho; sou apenas um pobre corvo, mas talvez algum dia possa pagar esta dívida, porque não sou ingrato”.

Mais admirado ficou ainda Formoso, vendo um pássaro falar.

Seguiu adiante e já estava muito distante, quando ouviu uma coruja piando desesperadamente.

O pagem disse consigo:

— “Eis aí uma coruja quē está piando demais. Com certeza caiu em algum laço que caçadores armaram”.

Adiantou-se mais e viu uma grande coruja prêsa numa armadilha colocada no galho de uma árvore.

Tirou da bainha uma faca, que trazia consigo, e cortou o barbante que a prendia.

— “Não é necessário, Formoso, fazer discursos para agradecer o bem que me acabas de fazer. Sou uma coruja que para nada presta. Mas se algum dia precisarem de mim, estarei pronta para te servir. Talvez ainda te pague êste benefício que me fizeste”.

Foram estas as três aventuras mais importantes que aconteceram ao jovem pagem Formoso, no trajeto de Gabor até o palácio do reino das Maravilhas, onde residia Mirtes, a linda princesa dos Cabelos de Ouro.

II

AVENTURAS DO PAGEM FORMOSO NO REINO DAS MARAVILHAS

Formoso tinha pressa de chegar ao reino da Princesa dos Cabelos de Ouro para dar conta de sua embaixada.

Dois dias depois de sua última aventura, apor-

tava à capital. Pediu que lhe ensinassem onde ficava o palácio, e disseram-lhe:

— “Siga por esta rua, em frente, quando chegar ao fim, encontrará uma praça muito grande que tem um chafariz de mármore, o qual em vez de jorrar água, jorra leite, para os pobre que a prince-



sa manda dar. Em frente a êste chafariz fica um palácio muito bonito é aí que mora a princesa Mirtes”.

O pagem seguiu pela rua que lhe háviam ensinado, ficando maravilhado ao chegar em frente ao edifício.

Nunca vira nem mesmo imaginara em sonho um palácio rico. Era um grande castelo todo de mármore côr de rosa, com portas e portais de ouro maciço. Ao redor via-se um gradil de prata lavrada de uma riqueza maravilhosa.

Vestiu-se com a roupa mais rica que tinha e dirigiu-se para o palácio levando consigo um cachorrinho que comprara à entrada de um bosque a alguns meninos que queriam atirar o animalzinho ao rio.

Como dissemos, Formoso era um lindo rapaz.

Apresentou-se aos guardas do palácio da princesa, e dizendo-lhes o que queria, e os soldados acharam-no tão bonito, que simpatizaram tanto com êle que o deixaram passar.

Lacaios foram avisar a princesa que Formoso, o pagem de um rei vizinho, desejava uma audiência.

Mirtes ao ouvir o nome do pagem disse:

— “Formoso é um nome que significa alguma coisa; não foi à toa que lhe deram êsse nome. Aposto que é um pagem bonito e que me vai agradar”.

— “E’ verdade, princesa”, disseram as damas de honra; “é um rapaz de uma beleza extraordinária. Nós o vimos através das persianas e ficamos tão admiradas da sua beleza, que não saímos da janela enquanto êle falava com os guardas do palácio”.

Mirtes mandou então buscar o seu vestido mais rico e depois de desatar os seus cabelos louros da côr do sol, foi sentar-se no trono, dizendo:

— “Quero que êsse pagem tão bonito diga que sou verdadeiramente a Princesa dos Cabelos de Ouro”.

As damas estavam com tanta curiosidade de ver Formoso, que não sabiam mais o que faziam.

A princesa, depois de pronta, sentou-se no trono e mandou que começassem a tocar vários instrumentos e cantassem baixinho, de modo que ão interrompessem a conversa.

Conduziram Formoso à sala das audiências e, êle ao entrar, ficou admirado, tão admirado de ver uma moça tão linda, a ponto de perder a voz. Encorajando-se adiantou-se um pouco, e comunicou à princesa o fim de sua embaixada.

— “Formoso”, respondeu ela, “tôdas as razões que me dás para me casar com teu rei são muito aceitáveis, e eu aceitaria de bom grado se não fôsse o seguinte. Há um mês, indo eu tomar banho no rio, sem saber como, por descuido mesmo, caíu dentro d’água o anel que trazia ao dedo, com um enorme brilhante. A perda dêsse anel foi para mim maior que a do meu trono. Fiz um juramento de não aceitar proposta alguma de casamento, se o embaixador que para isso viesse ter cmigo, não trouxesse o meu anel. Vê, portanto, que o que te compete fazer. E não há nada neste mundo que me faça mudar de resolução”.

Formoso ficou admirado de ouvir tal juramento e retirou-se para casa muito triste, sem saber que fazer.

Dizia o pobre rapaz:

— “Onde irei achar o tal anel, e como posso encontrá-lo no fundo do rio? A princesa inventou êsse juramento para me colocar na impossibilidade de retirar o pedido de sua mão para o rei Frederico. E’ até uma loucura empreender encontrar uma jóia que saiu no rio”.

O cachorrinho, que se chamava Sultão, lhe disse:
— “Meu senhor, não desesperéis assim de vossa fortuna; tendes sido muito bom, para não serdes feliz. Vamos amanhã cedo à beira do rio”.

Formoso afogou o animalzinho e nada respondeu.

Sultão, assim que rompeu o dia, tanto gritou, tanto latiu, que acordou o amo e lhe disse:

— “Meu amo, vesti-vos e vamos até ao rio”.

O rapaz vestiu-se e caminhou insensivelmente para a margem do rio. Passeava muito triste, pensando como fazer a vontade da princesa, e já planejando o dia de sua partida, quando ouviu uma voz que dizia:

— “Formoso, Formoso!”

Olhou para todos os lados e não viu pessoa alguma.

Pensou que fôra uma ilusão e começou a passear quando ouviu de novo:

— “Formoso, Formoso!”

— “Quem me chama?”, disse êle.

Imediatamente apareceu a piaba, que lhe disse:

— “Salvaste-me a vida, Formoso, um dia à beira de um rio, muito longe daqui. Prometi pagar essa dívida. Aqui tens o anel da Princesa dos Cabelos de Ouro”.

O pagem abaixou-se, apanhou da bôca do peixe o anel, agradecendo muito.

Em vez de voltar para casa, dirigiu-se imediatamente ao palácio da princesa, com Sultão, que estava muito satisfeito de ter conseguido seu senhor ir até à beira do rio.

Disseram à princesa que o jovem pagem pedia para falar.

— “Coitado!

O pobre rapaz”, disse ela, “veio se despedir de mim, pois viu que o que eu quero é impossível, e vai dizer isso ao seu rei”.

Fizeram entrar o pagem que disse:

— “Princesa aqui está o seu anel e, portanto, cumprida a sua ordem. Quer agora receber meu rei por espôso?”

Quando Mirtes viu o anel ficou tão admirada que pensava sonhar.

— “De fato, é preciso que sejam protegido por alguma fada, porque sozinho, não acharias esta jóia”.

— “Princesa, não conheço nenhuma fada, porém, o desejo que tenho de a obedecer é grande”.

— “Já que tens tanta vontade de me servir, faze-



me outro serviço, sem o que não me casarei. Há um príncipe vizinho do meu reino que tem vontade de casar comigo. Fêz-me sabedora disso por meio de ameaças temíveis que se eu não me casar com êle desgraçará meu reino. Assim, qualquer dos meus vassallos que entra no seu país é logo morto e comido por êle. Esse príncipe é o gigante Baltazar, tão alto como a mais alta tórre. Quando vai à caça, serve-se de canhões como se fossem pistolas. E' o meu maior inimigo, por isso se queres que me case com o teu rei, vai matá-lo e traze-me a sua cabeça”.

Formoso amedrontou-se ouvindo tanta coisa de um gigante e mais ainda quando a princesa comunicou querer que êle trouxesse a cabeça do seu inimigo.

Ficou muito tempo pensativo e depois disse:

— “Pois bem, princesa, eu vou combater com Baltazar. Com certeza morrerei, porém, serei um herói”.

Arranjou armas e partiu em direção ao palácio do gigante.

Em caminho, todos que encontrava diziam-lhe que desistisse da emprêsa.

Tanto falaram do gigante, contaram tantos horrores que Formoso já estava desanimado.

Nisto disse o cachorrinho:

— “Meu amo, vá sem susão. Eu mordo-lhe os calcanhares, e quando o gigante se abaixar para ver o que é, meta-lhe a espada”

Enfim, chegou perto do palácio de Baltazar, onde encontrou ossos, caveiras de corpos humanos, que tinham sido comidos pelo gigante.

Começou a ouvir um estrondo que mais parecia trovoadas.



— “Onde estão os pequenos homens para eu trincar nos dentes”.

Era o gigante que aparecia mais alto do que as árvores.

Formoso, respondeu: — “Aqui estou eu para com minha espada quebrar teus dentes”.

Quando Baltazar ouviu aquilo olhou para todos os lados e viu o pagem mais baixo que os seus joelhos. Arremessou com fúria uma bengala de ferro muito grossa, que trazia consigo, como se fôsse uma varinha, e teria esmagado Formoso se nessa ocasião, não aparecesse um corvo, que, com o bico, lhe furou os olhos. Êste, ao sentir a dor, e vendo-se cego, começou a bater a tórto e a direito sem nada conseguir.

Formoso começou a ferir as pernas do gigante que cada vez mais se enfurecia.

Tanto sangue perdeu o gigante que, afinal caiu por terra; e Formoso, aproveitando, cortou-lhe a cabeça para levá-la à princesa.

O corvo que fôra se empoleirar numa árvore, assim que viu o gigante sem cabeça, dirigiu-se ao pagem desta maneira:

— “Não me esqueci do serviço que me fizeste há tempos, salvando-me das garras de uma águia. Não te lembras, Formosô? Agora estamos pagos”.

— “Eu é que te devo ainda, corvo”, disse o pagem. “Se não fôsses tu, estaria agora reduzido a migalhas”.

Montou a cavalo levando na garupa a cabeça do gigante.

Assim que o pagem entrou na cidade, o povo começou a gritar:

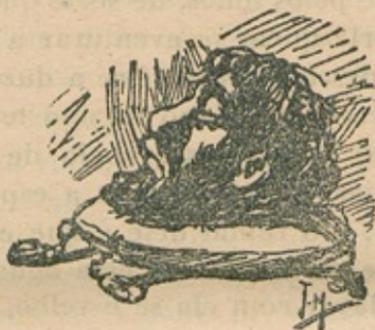
— “Venham ver o bravo Formoso que matou o gigante Baltazar”.

A princesa, ouvindo aquela enorme gritaria pensou que vinham lhe comunicar a morte do pagem.

Ficou admiradíssima ao saber que trazia a cabeça do gigante.

Formoso lhe disse:

— “Agora, princesa, nada lhe resta senão consentir em desposar o meu amo, o poderoso fei Frederico já que o nosso inimigo está morto”.



— “Consentirei em ser a esposa do teu rei, intrépido e corajoso pagem. Para isso é preciso no entanto que me prestes um último serviço. Desde já previno-te que é o mais arriscado de todos. Queres assim ou preferes dizer ao teu rei que nada conseguiste?”

— “Princesa, já que comecei, irei até ao fim”, disse Formoso, “falai que estou ao vosso serviço”.

— “Pois, então, ouve”.

III

NOVAS FAÇANHAS DO PAGEM FORMOSO

— “Consentirei em me casar com o príncipe Frederico, se me trouxeres um pouco d’água da “Gru-

ta Tenebrosa". E' uma gruta que existe perto daqui, com dez léguas de circunferência; sua entrada é guardada por dois dragões que impedem, a aproximação de qualquer mortal, deitando fogo pela boca e pelos olhos, de sorte que não pode escapar da morte quem se aventurar a ali penetrar. Quando se desce à gruta vê-se a duzentos passos um único buraco, que é ao mesmo tempo entrada e saída. Esse buraco, está cheio de serpentes, cobras, lacraias, em suma, tôda a espécie de bichos venenosos. No fundo dêle é que está a "Fonte da Beleza e da Saúde". E essa água que eu quero. Quem se lavar com ela se é velho, fica moço; se é doente, são; se é feio, torna-se bonito; e se é bonito, torna-se lindo como os amores. Compreendes, Formoso, que não posso deixar o meu reino sem ter essa água. Vai e traze-me um frasco cheio dela".

— "Princesa", disse o págem, "sois tão bela, que esta água vos é inútil. No entanto, seja feita a vossa vontade; irei buscar o que desejais, embora na certeza de não voltar".

A Princesa dos Cabelos de Ouro, não mudou de resolução e o págem partiu no dia seguinte em direção à gruta.

Sabendo do destino que levava, dizia tôda a gente:

— "E' pena que um moço tão bonito, tão amável vá à Fonte dos Dragões". Nem que fossem 'nil soldados cada qual mais valente, lá ficariam, quan-

to mais êle, que vai só. Para que anda a Princesa a pedir impossíveis?"

O pagem, entretanto, caminhava sempre. Chegando ao alto de uma montanha, sentou-se para descansar. Deixou o cavalo pastando e Sultão começou a perseguir alguns pássaros. Formoso sabia que a gruta era por ali perto, e olhava para ver se distinguia alguma coisa.

Descobriu afinal um rochedo, negro como tinta, de onde saía fumaça. Após dois minutos, viu um dragão que deitava fogo pelas guelas, com o corpo malhado de preto e amarelo, e uma grande cauda que se enroscava numa infinidade de voltas.

O cachorrinho latiu, assim que avistou tão medonho bicho, e não sabia onde se esconder, tanto era o medo que tinha.

O pagem, estando resolvido a morrer, apanhou a garrafa que a princesa lhe dera para encher. Com a outra mão segurou na espada, dirigiu-se para a entrada da gruta e disse ao cãozinho:

— "Tudo está acabado para mim. Nunca poderei apanhar esta água, guardada por dois dragões. Quando eu morrer, meu leal Sultão, enche a garrafa com o meu sangue, e leva-o à princesa, para que ela veja quanto custou o seu capricho. Volta em seguida para o reino do nosso senhor e conta-lhe a minha desgraça".

Havia apenas acabado de proferir tais palavras quando ouviu:

— “Formoso, Formoso!”

— “Quem me chama?” indagou. Olhando em torno viu por acaso no buraco de uma velha árvore, uma coruja que lhe disse:

— “Há tempos livraste-me de um laço que caçadores me tinham armado. Salvaste-me a vida. Quero te pagar essa dívida. Dá-me a garrafa que irei buscar a água da “Fonte da Beleza e da Saúde”.

Formoso deu-lha e, em menos de um quarto de hora, viu a coruja de volta com o vaso cheio.

Montou a cavalo, e apressadamente cavalgou para o palácio da princesa depois de agradecer muitíssimo ao pássaro aquêle favor que lhe fizera, livrando-o da morte.

Apresentou à moça a garrafa; e ela agradecendo, deu ordem para que se preparasse tudo para a sua viagem.

No entanto a princesa achava Formoso cada vez mais amável, e dizia:

— “Se quisesse eu te teria feito rei, e não teríamos partido do nosso reino”.

Ele, porém, respondia:

— “Nem por todos os reinos da terra, eu seria capaz de trair meu amo, conquanto vos considere mais linda que o sol”.

Passados alguns dias, a comitiva chegou, enfim à grande cidade do rei Frederico, que sabendo da vinda da Princesa dos Cabelos de Ouro, foi ao seu encontro, levando os mais belos e ricos presentes do mundo.

Semanas após, casou-se o rei com a princesa. A moça, entretanto, que amava Formoso do fundo de seu coração, só estava satisfeita quando o via, e vivia sempre a louvá-lo.

— “Eu não seria tua espôsa, Frederico, se não fôsse Formoso, que fêz coisas impossíveis. Por minha causa deves ser-lhe grato. Se não fôsse a sua intrepidez, eu não possuiria a Água da Beleza, por meio da qual nunca envelhecerei, e serei eternamente bela”.

Os intrigantes que ouviram a rainha, disseram um dia ao rei:

— “Vossa real majestade não é ciumento, e tem contudo bastante motivos para o ser. A rainha gosta tanto de Formoso, que não come no dia em que não o vê. Elogia-o a todo o momento; diz que lhe deves muitas obrigações; que êle é um herói, como se outro qualquer que fôsse designado para a embaixada não fizesse tanto como êle”.

— “Na verdade, previno-me a tempo. Prendam-no na tórre com ferros nos pés e nas mãos”, ordenou êle.

Os intrigantes e invejosos, que não viam com bons olhos as atenções e honras que os Soberanos

prestavam a Formoso, apressaram-se em cumprir a ordem real.

Encerrado nos lóbregos e úmidos subterrâneos da torre, Formoso vivia isolado e esquecido, exceto pelo carcereiro que, assim mesmo, lhe atirava por um buraco um pão duro e lhe dava água numa caneca de ferro.

Todavia, Sultão, o seu fiel cão, não o abandonou. Todos os dias vinha visitá-lo, e contava-lhe as novidades ocorridas no palácio.

Quando a princesa soube da desgraça que acontecera ao pagem, lançou-se aos pés do rei, pedindo o perdão do corajoso mancebo. Frederico, porém, enfurecido pela proteção de sua mulher ao pagem, maltratava cada vez o pobre moço.

Torturado de ciumes, julgando que não era bonito, a ponto de não saber fazer-se amar pela esposa, o rei resolveu lavar o rosto com a preciosa água da Fonte da Beleza, que se achava numa garrafa sôbre a toilette da rainha, onde ela própria a guardava, para melhor a vigiar.

Aconteceu, porém, que uma das criadas, indo uma vez espanar o lavatório, desastradamente atirou a garrafa ao chão, quebrando-a, e perdendo assim todo o precioso líquido.

Amedrontada, foi aos aposentos do rei Frederico, e apanhou uma garrafa, em tudo semelhante à que quebrara e substituiu-a.

A água que essa outra encerrava tinha a particularidade de matar a pessoa que lavasse o rosto com ela.

Frederico, que não sabia da troca feita pela criada, lavou-se na água e morreu pouco depois.

O cãozinho, assim que soube da morte do rei, chegou perto da rainha e disse-lhe:

— “Linda rainha, não vos esqueçais do pobre Formoso”.

A rainha, lembrando-se das penas e maldades que por sua causa o pagem sofrera, correu à tórre, e com as suas próprias mãos tirou os ferros que torturavam o pagem. Depois, colocando-lhe uma coroa de ouro sôbre a cabeça e o manto real sôbre os ombros, exclamou:

— “Vem, amável Formoso, faço-te rei e tomo-te para meu espôso”.

Os invejosos e perversos cortesãos que tanto haviam intrigado o ex-pagem, foram condenados à pena última, e subiram à força.

Um ano depois, findo o luto, a Princesa dos Cabelos de Ouro, celebrava o seu casamento com o valente Formoso, realizando-se imponentes festejos, que duraram sete dias e sete noites, tôda uma semana de folguedo, luminarias, bailes públicos, espetáculos gratuitos, e mil festejos diversos.





OBERTO era muito trabalhador e serviçal. Sempre que alguém precisava dos seus serviços prestava-os de boa vontade, sendo por esse motivo estimadíssimo por toda a gente que o conhecia.

Tinha êle três filhas, cada qual mais bonita, principalmente a mais moça, de beleza extraordinária, chamada Marocas.

A pobre família vivia da pesca que o homem fazia tôdas as madrugadas, indo, durante o dia, vender o peixe pelas ruas da cidade próxima.

O seu único sustento e de tóda a sua numerosa família era a pesca. Parte da noite, até romper a manhã, Roberto passava pescando. Durante o dia, ia vender o peixe de casa em casa. A tarde tratava da canoa, das linhas e das rêdes.

Feliz no seu negócio, trazia sempre a canoa cheia de peixes grandes e bons.

Um dia lançou a rêde ao mar e nada trouxe.

Lançou-a outra vez, e só vieram peixinhos pequeninos que nada valiam.

No dia seguinte, aconteceu-lhe o mesmo que na véspera. Deitou a rêde diversas vêzes; e, nada tendo conseguido, ia voltar para casa, desolado, pensando que naquele dia sua família não teria o que comer.

De súbito, ouviu uma voz que partia do mar:

— “Roberto, terás muito peixe, se me prometeres trazer o que avistares, assim que chegares à casa”.

O pescador respondeu que daria, pois sempre que chegava à praia, encontrava a cachorrinha de Marocas, que ia esperá-lo, latindo e saltando alegremente.

Tendo-o prometido, os peixes começaram a saltar para a canoa, e êle nesse dia obteve muito dinheiro com a sua venda.

*

* * *

De volta, o pobre velho ia quase abicando à praia, contentíssimo por ter dinheiro para dar à

família, quando ao olhar para a terra viu sua filha mais moça. Marocas, justamente aquela por quem tinha maior predileção.

Ficou desesperado, aturdido, triste, lembrando-se da promessa, e chegando à casa contou à família o que se tinha passado.

Quando acabou de falar, a menina respondeu:

— “Meu pai, não chore por tão pouco. Eu vou, e estou certa que é para meu bem. Com certeza serei muito feliz, e demais minha família terá sempre com que se sustentar.”

Roberto vendo como a família se sacrificava por êle de tão boa vontade, ficou menos pesaroso. No dia seguinte, pela madrugada, embarcou com ela na canoa de pesca.

Assim que chegou ao lugar onde ouvira a voz, as águas se separaram um pouco, e o pescador atirou Marocas, que desapareceu imediatamente.

Voltou para terra com a canoa cheia de peixes, sem ter sido preciso lançar a rêde.

A moça foi ter a um palácio no fundo do mar, habitado pelo Rei dos Peixes, que fôra quem havia falado ao pescador.

Encontrou aí tudo quanto lhe era necessário: salas e quartos mobiliados, vestidos riquíssimos e jóias de subido valor.

Entre essas jóias havia um anel de brilhantes, muito rico, com uma dedicatória feita pelo soberano dos Peixes.

Contudo, apesar de tudo isso, Marocas vivia tristíssima, porque não via pessoa alguma, principalmente os seus.

O serviço da casa era feito por encanto, pois nunca vira um ser vivente no palácio, e os objetos estavam sempre em ordem.

Depois de já estar habituada àquela solidão, uma noite, quando já estava deitada, a formosa Marocas ouviu ruído.

Sentiu-se receiosa, assustada, esperando ver entrar algum monstro, algum bicho que viesse matá-la.

Sossegou, porém, ao ver entrar um enorme peixe, com uma coroa de ouro na cabeça.

Era o Rei dos Peixes. Entrou silencioso, quase sem fazer barulho, andando naturalmente em sêco como se estivesse nágua.

O rei entrou dentro, e logo após saiu, aparecendo aos olhos deslumbrados da jovem um moço elegante e lindo, ricamente vestido à côrte, com trajes de gala, que bem indicavam o seu nascimento real. Sempre calado. aproximou-se da moça e pôs-se a contemplá-la, enleiado, maravilhado.

Marocas, disse-lhe então:

— “Príncipe, por que não vieste há mais tempo?”

— “Porque receei que, vendo um peixe tão feio, tivesses medo. Se vim hoje admirar tua beleza, foi porque julgava que dormias.

Desde êsse dia, Marocas e o Rei dos Peixes viveram juntos completamente felizes. O serviço do palácio continuava a ser feito por encanto. O único ser vivo que a moça via era o Rei-Peixe e sempre nessa figura.

Apenas uma vez, de sete em sete dias, deixava aquela aparência, para vir a ser o príncipe, encantador, divinamente belo, que era em verdade.

Estavam casados havia já um ano, quando, uma vez, Marocas lhe disse, rogou, suplicou, insistentemente que a deixasse ir ver sua família.

— “Podes ir”, respondeu o príncipe, “mas com a condição de só te demoraes lá uma semana. Quando quiseres voltar, põe êste anel no dedo, que imediatamente estarás aqui”. E deu-lhe um anel de aço.

A moça pôs num baú muita roupa e presentes que levou à sua família, e no dia seguinte, quando o velho Roberto veio pescar, apareceu na canoa e foi com êle para a terra.

Em casa ficaram todos muitos alegres ao vê-la, e sua mãe e suas irmãs começaram a indagar como vivia êla; se estava satisfeita; se o noivo era bonito.

Marocas respondeu que julgava que era, mas que não garantia, pois só via o príncipe de noite.

Lembraram-lhe, então, a conveniência de levar para o fundo do mar um pedaço de vela, para ver se o rei de fato era bonito.

A jovem concordou. Ao sexto dia, chegando ao palácio, não dormiu à noite, esperando que o príncipe adormecesse primeiro que ela.

Assim que o ouviu ressonar, saiu da cama, com a vela acêsa, e foi se certificar da beleza do noivo. Tendo, porém chegado a vela muito perto, deixou cair um pingo de sêbo no peixe. Ficou trêmula de medo, receiando que êle acordasse, e com o tremor, derramou mais outros pingos, os quais se transformaram em chagas.

O Peixe-rei acordou, sofrendo horrivelmente, e exclamou:

— “Fôste tu a causa destas chagas. Se quizeres viver comigo, tens que me procurar num lugar muito distante daqui, chamado “Pico do Amor”.

Assim que o peixe acabou de dizer essas palavras desapareceu por encanto, e Marocas viu-se num lugar deserto, em meio de uma mata virgem.

Começou a caminhar muito triste; e, como estava fatigada, sentou-se debaixo de uma árvore, e ouviu esta conversa:

— “O Rei dos Peixes está muito mal e ninguém pode pô-lo bom, porque não sabem qual é o remédio necessário”.

Disse outra voz:

— “Nada mais fácil, basta apanhar três de nós, torrar-nos e colocar êsse pó nas feridas”.



Disse uma terceira voz:
— “Ai de nós, se souberem disso!...”

A moça levantou-se para ver onde estavam as pessoas que assim falavam.

Ficou admirada quando viu três andorinhas, que conversavam no alto de uma árvore.

Armou um laço apanhou-as. Imediatamente torrou-as, guardando cuidadosamente o pó.

Continuou a andar, até que chegou finalmente ao

“Pico do Amor”, por onde se entrava para o palácio do Rei dos Peixes.

Soube que ele estava quase para morrer e pediu que a deixassem falar com o rei, o que o criado não consentiram. Não desanimou. Insistiu outra vez, tanto, tanto, que conseguiu mandar-lhe um prato de mingau.

O Príncipe começou a comê-lo, e quando pôs a segunda colherinha na boca, sentiu que havia um caroço misturado no mingau.

Foi ver o que era, e reconheceu o anel que tinha dado à filha do pescador.

Ordenou que trouxessem a mendiga ao quarto e reconheceu a moça.

Dias depois já estava restabelecido, graças ao remédio das andorinhas que Marocas trouxera.

Voltaram ao Palácio do Mar apanharam tôdas as riquezas e foram morar em terra.

Mandara buscar o pescador Roberto e sua família, e casaram-se dias depois.

O príncipe desencantou-se de uma vez e nunca mais se transformou em peixe.





EBASTIÃO nascera de pais opulentos. Desde a mais tenra infância vivia no meio de grande esplendor, só vestindo sêda, gorgorão, veludo, rendas finas; deitava-se em berços riquíssimos e luxuosos; tinha à sua disposição tôda a sorte de brinquedos. No entanto, a natureza fê-lo cretino, pateta, tatibitati.

Aos oito anos começou a frequentar bons colégios, e a aprender com professores célebres. Contudo, nunca perdia o ar de tolo que tinha desde criança.

O sr. Leocádio, seu pai, resolveu um dia man-

dá-lo viajar, para ver se êle assim conseguia melhorar.

Uma manhã, Sebastião saiu de casa com bastante dinheiro nas algibeiras, e começou a correr terras.

Depois de viajar algum tempo, foi ter a uma cidade onde estavam fazendo leilão de um pássaro que todo o mundo porfiava para ver se o arrematava.

Indagando Sebastião porque motivo naquela terra um passarinho custava tão caro, disseram-lhe que todo o mundo desejava possuir aquêle, porque, quando êle cantava, todos que o ouviam adormeciam no mesmo instante.

Em vista disso, o moço lançou elevada quantia e ficou com o pássaro.

Prosseguindo na viagem, foi ter a outra cidade, onde se estava vendendo um bezouro que já estava por elevadíssimo preço.

Sebastião, aproximou-se de um dos homens que estavam no leilão e perguntou:

— “Qual é a preciosidade dêsse bezouro para se pedir tão caro por êle?!...”

— “E’ que êle invisivelmente faz tudo quanto a gente mandar, e é capaz de arrombar uma porta por mais forte que seja”.

O moço arrematou o bezouro e seguiu adiante.

Chegando a outro país, viu outro leilão, onde

tôda a gente oferecia grandes somas para ver se arrematava um ratinho.

Inquirindo da vantagem de semelhante animal, disseram-lhe que aquêlê rato tinha a particularidade de fazer tudo o que se lhe mandava, e, além disso, era capaz de furar paredes sôbre paredes, sem ser pressentido.

Achando que esta terceira preciosidade poderia convir-lhe mais tarde, o rapaz arrematou o ratinho e levou-o consigo.

Ao cabo de muitos semanas de jornada chegou por fim a um reino, onde viu imensa multidão fazendo caretas em frente à janela onde estava a princesa Carlota, filha do rei.



Perguntando o que significava aquêlê povo parado a fazer gatimonhas, responderam-lhe que intentavam ver se conseguiam fazer a princesa rir; explicaram-lhe que ela, desde que nascera, nunca se rira; e que se casaria com ela quem o conseguisse, segundo promessa do rei.

Sem se importar com aquela gente, Sebastião dirigiu-se para baixo das árvores, que ficavam em

frente ao palácio, apeou-se do cavalo, e pendurou a gaiola do pássaro num galho.

Ia sentar-se, para descansar, quando se dirigiu para os animais, dizendo:

— “Agora, mestre rato, vá buscar água para o cavalo, e tu, bezouro, traze capim”.

Os dois bichinhos foram fazer o que lhes mandava seu amo. Assim que a princesa viu o bezouro trazendo capim para o cavalo, desandou em gostosa gargalhada.

As pessoas que se achavam debaixo da janela, começaram a dizer:

— “Fui eu quem fêz a princesa rir”.

— “Fui eu”, dizia outro.

E cada qual se julgava ser o único causador de tão grande acontecimento, esperando em vista disso casar-se com a intressante Carlota, e vir a reinar por morte do velho monarca.

O rei, admirado, e ao mesmo tempo para não ter dúvidas, perguntou à filha quem tinha sido o autor daquele a[s]ombro.

— “Foi aquêlê homem”, disse a princesinha, “que está sentado em baixo da árvore, com uma gaiola e outros bichos mais”.

Sua majestade imediatamente ordenou que Sebastião viesse à sua presença e comunicou-lhe que tinha de casar com a princesa.

O moço ficou espantado, por não esperar por aquilo, e como sabia que a vontade do rei havia de ser cumprida, teve de se casar.

Na noite do casamento mostrou-se êle muito acanhado. A princesa desconfiando ser pouco caso que o rapaz lhe mostrava, no dia seguinte foi dizer ao rei que estava enganada que não fôra aquêle, e sim outro, o homem que a fizera rir.



Anulou-se o casamento com Sebastião, e fez-se com outro.

Na noite do casamento, o moço que tinha voltado para debaixo da árvore, calculando a hora em que os noivos deviam ir para o quarto, falou para o passarinho:

— “Canta, rouxinol!...”

O pássaro abriu o bico e todos no palácio ferream no sono.

O rapaz dirigiu-se ao bezouro:

— “Agora, entra tu no quarto dos noivos, desarruma tudo, e e faze lá dentro uma mixórdia”.

O bezouro fêz a sua obrigação melhor do que se pode imaginar.

Ao outro dia, quando a princesa viu aquela desordem, ficou muito contrariada, e foi-se queixar ao rei que aquêle não era o homem que ela supunha, e que queria desmanchar o casamento.

O rei ficou aborrecido, e disse-lhe que esperasse mais alguns dias para ver.

Na noite seguinte, depois de todos novamente dormirem com o canto do pássaro mavioso, Sebastião, mandou o rato desmanchar tudo quanto houvesse no quarto da princesa

O rato ainda fêz melhor que o bezouro; pôs tudo numa desordem impossível.

Carlota, a princesa, ao acordar, vendo tudo aquilo, foi dizer ao pai que não havia mais dúvida, que o seu primeiro marido era o verdadeiro.

Sebastião foi chamado e ficaram os dois casados, tornando-se êle um moço desembaraçado bem falante, conversador, espirituoso e inteligente. Desde êsse dia, ambos viveram felicíssimos, e nunca mais se queixou a formosa princesa do pouco caso que lhe ligava seu marido.





ER um officio qualquer que seja elle, por mais rude que possa parecer, mesmo o mais brutal e pesado, é a melhor coisa que pode haver. E' por isso que o positivismo, a bela e nobilissima Religião da Humanidade, fundada pelo immortal filósofo Augusto Comte, exige dos seus adeptos que aprendam um officio, que tenham uma profissão, uma arte manual. Devia até ser obrigatório a todos os cidadãos.

Ora, ouçam, o que succedeu a três irmãos: João, José e Joaquim.

Vivendo numa cidade antiga, há muitos e muitos anos passados, o mais velho, João, aprendeu

para ferreiro, José para carpinteiro, e Joaquim para barbeiro.

Quando já se achavam mestres em seus ofícios os dois primeiros solicitaram do pai licença para irem ganhar a vida, e lhe pediram a bênção à hora da despedida.

Joaquim quis também ir correr mundo; mas, em vez de bênção, que não lhe enchêria a barriga, disse o perverso e mau rapáz, em tom zombeteiro, que queria a pequena herança que lhe coubera por morte de sua mãe.

Por isso foi castigado. Quando saiu de casa, ao transpor a porta da rua, deu uma topada tão forte que lhe arrancou uma unha. Foi êsse o primeiro contratempo que teve.

Enfurecido, vendo estrélas ao meio-dia, cego com a dor, exclamou:

— “Diabos te levem, porta do inferno!...”

Ouvindo-o o pai retorquiu-lhe:

— “E’ no inferno mesmo que hás de ir parar um dia, filho desnaturado!”

Joaquim respondeu com mau modo e partiu em busca de João e José, seus irmãos.

Depois de haver andado por muitas cidades, indagando sempre se não tinham visto dois irmãos, um ferreiro, e outro carpinteiro, sem que ninguém soubesse lhe dar notícias dêles, já estava desanimado de os encontrar, quando chegou, uma vez, a uma grande capital.

Como já era tarde, foi dormir na guarda do Tesouro, tendo pedido licença ao sargento comandante. Sucedeu, porém, que nessa noite os ladrões arrombaram as portas para roubar o dinheiro que ali havia.

Sendo presentidos, foram presos e também Joaquim foi tomado como cúmplice deles.

Não tendo naquela cidade quem o conhecesse, o rapaz escreveu a seu pai, mas este não lhe respondeu, justamente queixoso com as ingratidões e infâmias daquele malvado filho, indigno e desrespeitador.

Achando-se Joaquim no cárcere, cumprindo sentença, aconteceu que o ferreiro da cadeia onde estava o irmão precisasse de um oficial do mesmo ofício, e João se apresentou como ferreiro, e foi aceito, começando a trabalhar logo na forja. Como era bom oficial e muito hábil, dentro em pouco tempo passou a contra-mestre.

Mais tarde precisou-se de um carpinteiro, e José ofereceu os seus serviços.

No dia em que Joaquim dava entrada na cadeia, prêso, escoltado por seis soldados, João e José usando da grande consideração com que eram tratados, pelo administrador das prisões, por serem ótimos oficiais e homens honrados e dignos, foram empenhar-se com o rei para soltar o irmão, alegando que êle era inocente.

Sua majestade não lhes atendeu o pedido e o mais moço foi condenado à forca, ao passo que os verdadeiros ladrões que haviam arrombado o Tesouro foram absolvidos recaindo tôda a culpa, por uma dessas fatalidades inexplicáveis, um dêsse erros muito comuns na justiça de todos os países, sôbre o inocente.

No dia da execução, na praça pública, quando Joaquim já estava quase a ser enforcado, chegou um cavaleiro a tôda brida, gritando que suspendessem tudo. Dirigiu-se ao palácio do rei e disse-lhe:

— “Venho para que atendas ao pedido que te fizeram os irmãos daquele inocente, e isso quanto antes senão morrerás, e Joaquim ficará com o teu reino”.

O rei pasmado com tamanha audácia, e ao mesmo tempo encolerizado, bradou:

— “Quem és tu, homem atrevido, que vens no meu palácio para ordenar coisa que não quero fazer? Vai-te embora, senão mando-te fazer companhia àquele pobre diabo que a esta hora já deve estar enforcado”.

O cavaleiro, que era o Diabo, soltou estridente gargalhada. Em seguida encostou um dedo na frente do rei, que tombou fulminado, como se fôsse um raio que lhe tivesse caído em casa.

Ficou o ex-prêso, pois, com a coroa, e João e José tornaram-se vassallos de seu irmão.

Essa notícia correu mundo, e chegou até aos ouvidos do pai de Joaquim, que, quando soube que o seu filho era rei de um grande e opulentíssimo país, se dirigiu ao palácio, pedindo-lhe perdão pelo que tinha dito, quando saíra de casa.

Joaquim respondeu:

— “Fique sabendo meu pai, que passei por grandes aflições”, disse o rapaz. “Estive prêso por ladrão, e quase fui enforcado; vi a morte de perto, e quem me salvou foi o Diabo. Quem o há de valer nos mesmos perigos será minha mãe. Por isso quero que a traga aqui, sob pena de mandar enforcá-lo”.

O velho humilhando-se, respondeu cheio de medo:

— “Ah! rei, senhor e caro filho. Tua mãe eu a mandei matar por três crianças. Quem te amamentou foi uma vaca, que hoje pertence ao Rei das Chamas e está no Campo das Feras”.

— “Não quero saber disso. Quero já e já, sem demora, minha mãe e mais a vaca que me amamentou”.

O velho retirou-se do palácio, muito triste, quando encontrou um cavaleiro que lhe perguntou por que motivo ia êle tão aflito.

O pobre homem narrou o que acabava de lhe suceder, chorando amargamente, porque sabia que ia ser condenado à morte.

— “Pois eu vou te ensinar o remédio de alcan-

çares o que desejas. Quando tiveres percorrido os três rios dêste país, distantes um do outro mil léguas, encontrarás o que queres”.

O pai de Joaquim ficou espantado, ouvindo o que lhe dizia aquêlê desconhecido. Quis indagar de que maneira conseguiria tamanho impossível, mas não teve tempo, porquanto o misterioso cavaleiro deu de esporas ao cavalo; e partiu na disparada, rápido como um relâmpago.

O velho, pôs-se, então, a matutar.

Lembrando-se que tinha fatalmente de fugir, para ver se conseguia escapar aos furores do novo rei, resolveu seguir o conselho do cavaleiro, pois tanto lhe fazia ir para um como para outro lado, e era bem possível que tivesse lidado com Satanaz, e assim viesse a ser bem sucedido.

Pôs-se, então, a caminho, no mesmo instante, e tão depressa viajou, que, ao fim de três dias, chegou à margem do primeiro rio.

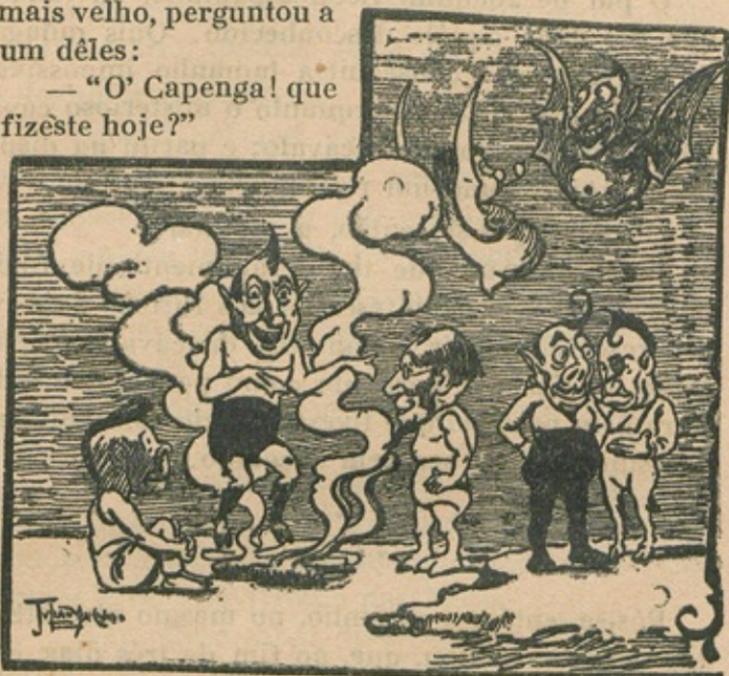
Não podendo atravessá-lo, por já ser escuro, e não ter canoa, ou qualquer outro meio de transporte, dispôs-se a passar aí a noite. Entrou num buraco ou gruta, cavado na ribanceira, e deitou-se.

Ora, era nesse lugar que os diabinhos se reuniam, à meia-noite, para se comunicarem as bruxarias que faziam pela Terra, antes de se retira-

rem para o Inferno. Julgando-se a sós, puseram-se a conversar.

O Diabo, que era o mais velho, perguntou a um deles:

— “O’ Capenga! que fizeste hoje?”



— “No reino das Chamas fiz uma mulher ter três filhos gêmeos, porque sabia que o marido havia de matá-la”.

Os outros diabinhos, cada um por sua vez, contaram então as suas proezas.

Pela madrugada findou-se a sessão; e o velho, que não tinha dormido, levantou-se do lugar onde estava e continuou a viagem.

Andou quinhentos dias e, no fim dêsse tempo, encontrou o segundo rio. Deitou-se à margem para dormir, por ser noite fechada, e não poder atravessá-lo.

À meia-noite chegaram Fadas, em vez de demônios, que ali se reuniam em certos dias do ano, em numerosa assembléia.

Sentaram-se, e a mais velha propôs:

— “Vamos contar os nossos feitos pela Terra”.

Uma delas tomou a palavra:

— “Eu fiz um rei desherdar a filha do trono”.

— “Eu encantei o Reino das Maravilhas”, disse outra, “e só o desencantará João, o Ferreiro, que é vassalo do irmão”.

— “Eu”, retorquiu a terceira, “encantei a Cidade do Amor, que será desencantada pelo José, o Carpinteiro”.

— “Eu, o Reino das Chamas, que só desencantará Jorge, pai dos três felizes, que hão de ser reis, mas só depois de andar mil semanas. Terá que passar três dias debaixo d’água, e ser comido pela serpente. Depois de tudo isso, será, então, feliz”, falou a última fada, dando-se assim por terminada a sessão.

O velho estava mais morto do que vivo por ouvir que tinha de passar por tantas provações.

Ia adormecendo, quando ouviu uma voz que lhe disse:

— “Levanta-te depressa, segue tua viagem, senão serás comido por uma serpente”.

Acordou e começou a correr. Mas já era tarde; foi engolido por uma enorme serpente, que o perseguia.

Aí, no ventre do bicho, viveu êle quatrocentas e noventa e sete semanas, quando ela entrou num grande rio, conservando-se três dias dentro d'água.

No fim do terceiro dia morreu, e foi parar na outra margem, à beira das matas encantadas no Reino das Chamas.

O velho saiu de dentro da barriga da serpente, muito magro e fraco. Adormeceu sôbre a relva macia, e ouvia outra vez a mesma voz, que lhe dizia:

“Levanta-te e acompanha-me. Pega nestas chaves, abre aquela porta e tôdas as outras que encontrares em tua frente. No último quarto verás uma caixa com uma bola de vidro, e dentro da bola um fio de cabelo. Em uma gaveta da mesa que ali verás, está uma espada. Amola-a bem, até ficar afiada como uma navalha. Em seguida quebra a bola e apanha o fio de cabelo. Corta-o nos ares. Se o não cortares da primeira vez, todos os bichos ferozes que existem nas Matas Encantadas irão sôbre ti e te devorarão. Se ao contrário, conseguires fazer o que te digo, serás feliz...”

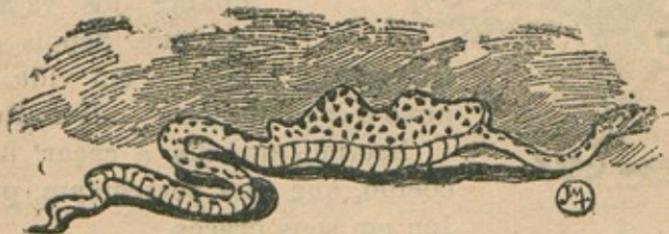
O velho seguiu, tremendo, o caminho que lhe ensinavam.

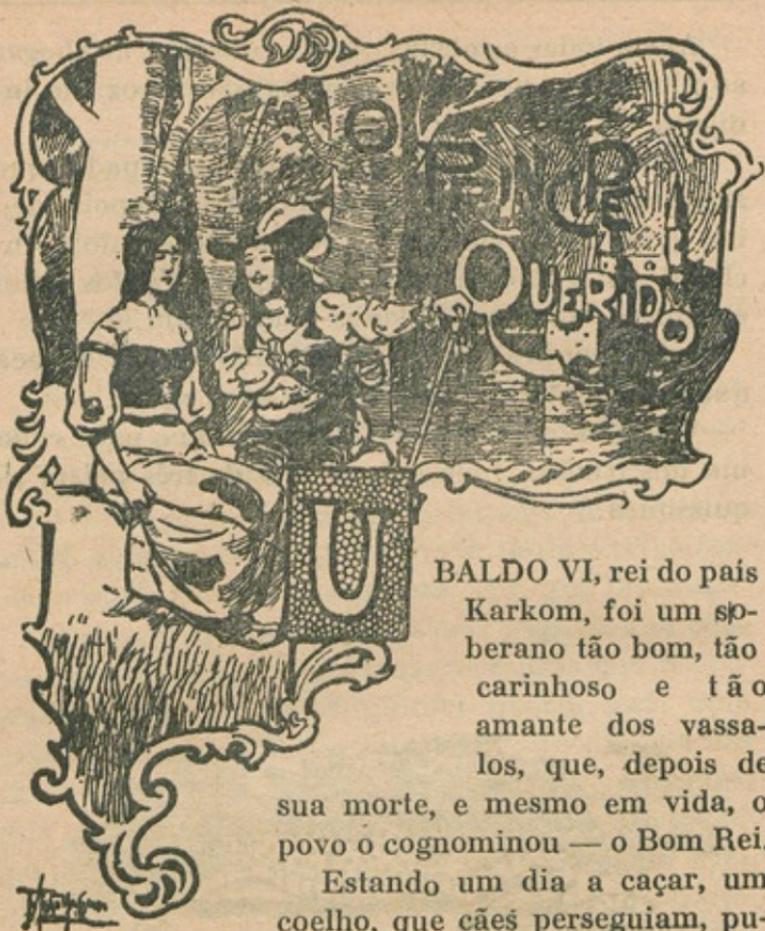
Abriu tôdas as portas que encontrou e, ao chegar ao último quarto, viu os objetos que a voz lhe indicara.

Levou um dia inteiro a amolar a espada, que ficou mais afiada que uma navalha. Depois, deu um golpe no fio de cabelo, partindo-o em dois, enchendo-se, então, a casa de sangue. Tantos eram os pingos, quantos soldados apareceram.

Apareceu-lhe, depois, sua mulher mais a vaca que amamentara Joaquim. Levou-as ao rei.

Viveram todos muitos felizes, sendo o pai e cada um dos irmãos, João e José, reis de três países riquíssimos.





BALDO VI, rei do país Karkom, foi um soberano tão bom, tão carinhoso e tão amante dos vassallos, que, depois de sua morte, e mesmo em vida, o povo o cognominou — o Bom Rei. Estando um dia a caçar, um coelho, que cães perseguiam, pulou em seus braços.

O rei acariciou o coelhinho e disse-lhe:

— “Já que te colocaste sob minha proteção, não consentirei que te façam mal”. E levou o bichinho para o palácio.

À noite, quando já estava em seus aposentos,

pronto para se deitar, apareceu-lhe uma moça formosíssima vestida de branco com os deslumbrantes e opulentíssimos trajes de uma princesa real tendo, porém, cingida à frente, em vez de uma coroa, uma grinalda de rosas brancas.

Sua majestade ficou admirado de vê-la no quarto, porque a porta estava fechada, não sabendo como podia ter ela entrado.

— “Eu me chamo Cândida, e sou uma fada”, disse ela. “Estava no bosque, enquanto caçavas, e quis ver se eras bom como todo o mundo diz. Por isso encantei-me no coelhinho, e saltei em teus braços. Queria ver se eras bom para os animais, porque sei que quem tem piedade dêles, ainda tem mais pelos homens, seus semelhantes. Se me tivesses recusado, socorro, acreditaria que eras mau. Vim agradecer o serviço que me fizeste, e garantir-te a minha proteção. Pede o que quiseres, que te prometo fazer”.

— “Linda Fada”, disse o bom rei, “deves saber o que desejo. Tenho um único filho que muito estimo e por isso lhe chamo “Querido”. Se quereis conceder-me alguma graça, sêde sua protetora”.

— “De boa vontade”, tornou a Fada, “posso fazê-lo o mais rico, o mais belo e o mais poderoso dos príncipes. Escolhe o que queres para êle”.

— “Nada disso desejo para meu filho”, respondeu Ubaldo. “Ficarei muito agradecido se fizerdes dêle o melhor de todos os príncipes. De que lhe

servirá ser belo, rico, poderoso, se fôr um malvado? Sabeis perfeitamente que seria infeliz, e que só a virtude fará dêle um homem venturoso”.



— “Tens muito razão, mas não tenho poder para tanto. E’ preciso que êle trabalhe para ser um homem virtuoso. O mais que posso prometer é dar-lhe bons conselhos, protegê-lo, repreendê-lo, e castigá-lo pelas suas faltas, se não se corrigir ou não se punir por suas próprias mãos”.

O soberano ficou satisfeito com essa promessa da fada Cândida, e morreu pouco tempo depois.

O Príncipe Querido chorou bastante a perda de seu velho pai, e daria todos os seus reinos, tôda a sua fortuna para salvá-lo.

* * *

Dois dias após a morte do rei, estando Querido deitado appareceu-lhe Cândida, que lhe disse:

— “Prometi a teu falecido pai ser tua protetora, e vim cumprir minha palavra, fazendo-te um presente”.

E no mesmo instante colocou um anel de ouro no dedo do moço, dizendo-lhe:

— “Guarda com muito cuidado êste anel, que vale mais que todos os tesouros da terra. Tôdas as vêzes que fizeres uma ação má, êle espetará teu dedo. Mas se apesar disso, persistires, perderás a minha amizade e tornar-me-ei tua maior inimiga”.

;) Dizendo tais palavras, Cândida desapareceu, deixando o príncipe admirado.

“Querido” conservou-se sensato por muito tempo, a ponto de não sentir o anel espetá-lo nenhuma vez.

Tempos depois, indo à caça, sentiu que o anel o incomodava, mas não fêz caso; e, como não encontrasse pássaro algum para matar, voltou para casa de mau humor.

Entrando em seu quarto, uíma cadelinha que possuía, chamada “Mimosa”, começou a saltar-lhe em frente, festejando-o, latindo alegremente.

— “Passa fora”, gritou. “Hoje não estou disposto a receber festas”.

A cadelinha, não entendendo o que lhe dizia o príncipe, puxou-lhe a aba do paletó, para obrigá-lo ao menos a olhar para ela.

Isto impacientou o príncipe, que lhe deu um pontapé.

Nesse momento o anel deu-lhe uma ferroada tão forte que parecia alfinete. Querido ficou muito ad-

mirado, e foi sentar-se a um canto do quarto, envergonhado da sua ação.

E dizia consigo mesmo:

— “Afinal de contas, está me parecendo que a fada brinca comigo. Que grande mal fiz em dar um pontapé num animal que me importuna? De que me serve ser senhor de um grande império, se não tenho liberdade de castigar o meu cão?”

— “Eu não brinco contigo”, disse uma voz que respondia ao pensamento do príncipe. “Cometeste três faltas em vez de uma. Estavas de mau humor, porque não gostas de ser contrariado, e pensas que os animais e os homens foram feitos para te obedecer. Ficaste zangado, o que é mal feito, e demais, foste cruel para um animalzinho que não merecia ser maltratado. Sei que vales mais que o cão; mas, se é uma coisa razoável e permitida que os grandes possam maltratar os pequenos e os fracos, agora mesmo eu, que sou Fada, podia castigar-te e até te matar, porque sou mais forte que tu. A vantagem de ser senhor de um grande império, não consiste em poder fazer o mal que se quer, mas sim todo o bem que se pode.

O jovem confessou a sua falta, e prometeu corrigir-se; mas depressa faltou à palavra. Em pequenino fôra criado por uma velha ama que lhe fazia tôdas as vontades. Se acaso desejava alguma coisa, fazia manha, gritava, batia com o pé, esperneava, a ponto de, para se calar lhe darem o que pedia.

Ficou por isso com um gênio muito irascível. E demais, a ama lhe dizia sempre que êle um dia havia de ser rei e governar o povo, de sorte que todos teriam que lhe obedecer.

Mais tarde, quando moço, o príncipe compreendeu o seu mau gênio, mas não pôde emendar-se dos defeitos que na meninice adquirira.

Dizia, então, consigo mesmo:

— “Sou bem desgraçado, em ter de combater todos os dias a minha cólera e o meu orgulho. Se me tivesse corrigido quando pequeno, hoje não sofreria tantos dissabores”.

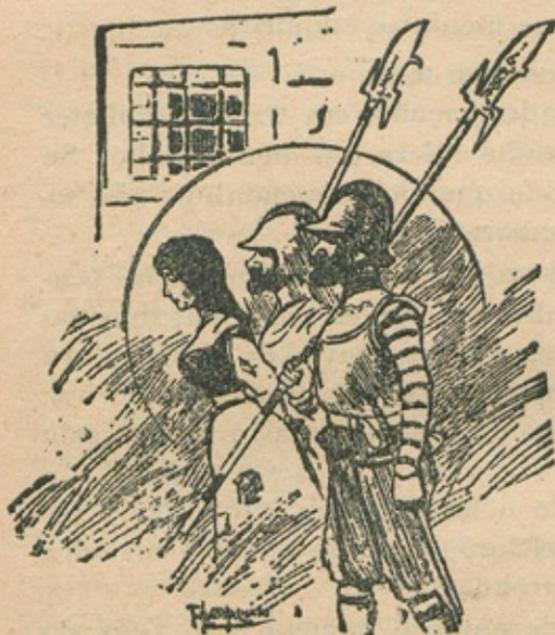
O anel ferroava-o muitas vezes. Em várias ocasiões, êle se detinha em alguma ação má; mas em outras continuava, e o que havia de singular era que o anel o picava pouco por uma falta ligeira; mas, quando fazia alguma maldade, o sangue saía do dedo.

Por fim aquilo o impacientou, e querendo ser livre, jogou o anel fora, livrando-se dessa maneira das constantes ferroadas.

Julgou-se desde então o homem mais feliz do mundo, e começou a praticar tôda a sorte de loucuras, de modo que se tornou um homem mau e perverso, que ninguém podia aturar.

Meses depois, percorrendo a passeio as ruas da capital, avistou à janela de uma casa de modesta aparência, uma formosíssima jovem, por quem imediatamente se apaixonou.

Essa moça, emõra fõsse de família paupérri-
ma, não era ambiciosa e fõra criada com muito re-
cato e honradez por seus pais. O príncipe, porém,
julgando-a fãcilmente, imaginou que ela ficaria sa-
tisfeitissima se lhe desse a mão de espõso. Assim



dirigiu-
se sem mais
demora à ca-
sinha, e per-
guntou-lhe o
nome. A ra-
pariga res-
pondeu que
se chamava
Zélia, e que
era pastora.
Então Quer-
ido propõs-
lhe casamen-
to.

— “Não,
príncipe, sei
que sois belo,

porque agora mesmo estou olhando para vossa
alteza. Mas que me serviriam vossa beleza, vossa
riqueza, lindos vestidos, carros magníficos que me
désseis, se as más ações que vos visse praticar todos
os dias, me forçariam a vos desprezar e odiar?”,
respondeu ela com a máxima franqueza. Querido

encolerizou-se muitíssimo com aquela recusa e mandou que os seus soldados a trouxessem ao palácio.

Passou todo o dia agitado, e, como estava verdadeiramente apaixonado, não teve coragem de lhe fazer mal.

Entre os seus favoritos havia um, chamado Xerim, seu irmão de leite, em quem êle depositava tôda a confiança.

Esse homem, que tinha inclinações baixas, próprias de um mau caráter, lisonjeava as paixões do seu amo, e dava-lhe péssimos conselhos.

Assim que viu o príncipe triste, tratou de indagar o motivo.

Respondeu-lhe o jovem que não podia suportar o desprezo de Zélia, e que estava disposto a corrigir-se de seus defeitos, já que era preciso ser virtuoso para agradar à moça.

O perverso Xerim aconselhou-o então:

— “Príncipe, sois muito criança, em vos incomodares com uma pastora. Se eu fôsse vossa real majestade, obrigá-la-ia a obedecer-me. Lembrai-vos de que sois rei, e que é ridículo a tão alto personagem sujeitar-se aos caprichos de uma plebéia, que ficaria muito contente em ser vossa escrava. Prendei-a a pão e água, e vereis se ela consente ou não em se casar convosco. Ficareis deshonorado, se souberem que uma moça do povo resiste aos vossos desejos”.

— “Mas não ficarei deshonrado se fizer morrer uma inocente, porque Zélia não é culpada de nenhum crime?”, replicou Querido, que ainda tinha uns restos de bons sentimentos.



— “Uma pessoa não é inocente, quando não cumpre as vontades de seu rei”, retorquiu o infame. “Contudo, é preferível que vos acusem de uma injustiça, do que de se estabelecer o princípio de desrespeito a um rei tão ilustre”.

O favorito tocou o ponto fraco do rei que, receioso de ver a sua autoridade desprestigiada, abafou a vontade de se corrigir, e partiu para o quarto onde estava a moça, disposto a fazê-la consentir no casamento ou então vendê-la como escrava no dia seguinte.

Quando o príncipe abriu a porta do quarto em que prendera a jovem, com a chave que sempre trazia no bôlso, ficou como doido por não encontrá-la. Zélia havia fugido.

Existia nesse tempo um cortesão que estimava muitíssimo o príncipe e que havia sido seu preceptor.

Esse pobre homem, chamado Salomão, mais de uma vez o aconselhara a reprimir as suas loucuras.

Querido, às primeiras vêzes, ouvira-o de bom modo; mas, por fim, impacientando-se já não queria saber mais do velho, nem dos seus conselhos, tendo retirado tôdas as regalias que o preceptor tinha no palácio.

Salomão, sendo muito sensato, os moços da corte não o estimavam, e por isso procuravam todos os meios de o molestar.

Assim que o rei deu por falta de Zélia, não faltaram intrigantes que dissessem ter sido Salomão quem havia facilitado a fuga da moça, e até contaram que alguns criados ouviram a conversa em que êle promovia a fuga.

Possuiu-se o jovem soberano de grande raiva, e mandou que trouxessem o velho Salomão prêso.

Depois de dar essas ordens, retirou-se para o quarto. Apenas, porém, acabava de entrar, a terra tôda tremeu, ouviu-se um grande trovão, e Cândida apareceu-lhe, dizendo:

— “Prometi a teu pai dar-te bons conselhos, e punir-te se recusasses segui-los; desprezaste-os; não conservaste do homem senão a figura, e os teus crimes te mudaram em um monstro de terror para o céu e para a terra. Já é tempo que eu termine a minha promessa, castigando-te. Condeno-te, a ficar semelhante aos animais quadrúpedes. Faço-te semelhante ao leão pela cólera, ao lobo pela gulo-

dice, à serpente pela ingratidão pois maltrataste o velho Salomão, aquêlé que foi teu segundo pai, e ao touro pela brutalidade. Traze em tua figura o caráter dêsses animais”.

Apenas a Fada acabava de pronunciar tais palavras, viu-se o príncipe, com horror, tal como ela dissera: um monstro com cabeça de leão, chifres de touro, patas de lobo, e cauda de serpente. No mesmo instante, achou-se em uma grande floresta, à beira de uma fonte, onde se refletia a sua horrível figura, e ouviu uma voz, que lhe disse:

— “Olha o estado a que te reduziram teus crimes! Tua alma é mil vêzes mais feia que a tua figura”.

Reconheceu Querido a voz da Fada, e possuído de furor, quis investir para ela.

— “Zombo da tua fraqueza e da tua raiva. Vou confundir o teu orgulho, colocando-te sob o domínio dos teus súditos.

A fera foi andando pela floresta quando de repente caiu num buraco muito fundo.

Era um laço que caçadores de animais ferozes armavam para fazê-los cair.

Os caçadores, que estavam à espreita, desceram, foram prender a fera e levaram-na acorrentada para a cidade, onde estava o seu palácio.

Quando lá chegaram, viram tôda a população em festas, e perguntaram o que significava aquela alegria.

Respondeu-lhes um homem do povo:

— “O príncipe Querido só gostava de atormen-
tar os seus súditos, e por isso fôra fulminado em
seu quarto por um raio. Deus não pudera suportar
tanta crueldade, e livrara a terra de tão mau rei.
Quatro homens cúmplices de seus crimes, quiseram
partilhar o reino entre si, mas o povo que sabia te-
rem sido os seus maus conselhos que prejudicaram
o príncipe, expulsou-os do país e ofereceu a Salo-
mão, a quem o príncipe Querido queria mandar
matar, a coroa de rei. Êsse digno cidadão acaba de
ser coroado, e nós celebramos o dia de hoje como
de nossa liberdade, porque Salamão é virtuoso, e
vai trazer a seu povo a paz e a abundância”.

A fera mordida de raiva a corrente em que esta-
va prêsa, ao ouvir êsse discurso, porém, mais raivo-
so ainda ficou quando chegou à praça onde estava
o palácio, e viu o velho sentado no trono, e todo
o povo a lhe desejar longa vida.

Salmão fêz um sinal com a mão, pedindo silên-
cio, e disse:

— “Aceitei a coroa que me oferecete, para
conservá-la ao príncipe Querido. Ele não morreu,
como supondes. Uma fada mo revelou; e talvez,
um dia vós o vejais virtuoso como era nos seus pri-
meiros anos. Coitado!” continuou êle derramando
lágrimas, “os aduladores o seduziram. Eu conhe-
cia o seu coração, que era feito para a virtude e se
não fôssem os maus conselhos, êle era o nosso pai.

Abominai os vossos vícios, mas lastimai o pobre príncipe, e roguemos a Deus que nos devolva o nosso rei, bom como fôra seu pai. Eu me consideraria muito feliz, se soubesse que meu sangue derramado fá-lo-ia digno de um povo bom como sois”.

As palavras de Salomão foram diretas ao coração do príncipe, que desde êsse dia começou a ser dóciã, não mais querendo partir a jaula em que estava.

O homem que tomava conta das feras, no jardim zoológico, era um bruto que a tôda a hora castigava os animais.

Querido sofria todos os castigos, manso como um cordeiro, não querendo nunca reagir contra o seu domador.

Aconteceu que um dia a jaula do tigre ficou aberta por descuido, e o desgraçado domador teria morrido, se não visse à sua frente a curiosa fera, que lutando com a outra, a matou, salvando-lhe assim a vida.

O pobre homem não sabia como acariciar a fera que a tinha salvo, quando ouviu uma voz que disse:

— “Não há uma boa ação sem recompensa”.

Nisso, o príncipe foi de súbito transformado num lindo cão.

O domador, vendo aquêlê espantoso caso, foi contar ao rei o sucedido, e êste mandou vir para o palácio o cão, que se viu feliz na sua nova transformação. Mas aí não lhe davam o alimento ne-

cessário, porque diziam que quanto mais comida lhe dessem, mais êle cresceria, de sorte que o príncipe passou novas provações, e, às vêzes, até fome.

Certa vez, recebeu êle o seu pedaço de pão e ia devorá-lo, quando viu uma pobrezinha a arrancar ervas para comer. Teve pena da pobre mendiga, e deu-lhe o pedaço de pão, dizendo consigo mesmo que êle poderia esperar pela sua ração até o dia seguinte, e a pobre parecia estar com tanta fome que era bem capaz de morrer.

Estava pensando na miséria da desgraçada, quando ouviu grandes gritos. Eram quatro homens que empurravam Zélia pelo meio da rua, forçando-a a entrar numa casa.

O cão sentiu não ser a fera que tinha sido, para poder livrar a moça que tanto amava. Contentou-se, porém, em latir, até ver se chegava alguém que a defendesse dos malfeitores.

Não aparecendo quem viesse em socorro da vítima, o cão começou a esperar por Zélia para ver se ela aparecia.

Nisso viu uma janela abrir-se e imediatamente jogarem uma porção de carne assada perto do lugar onde êle estava.

O cão, que não comia desde a véspera, estava já disposto a comer aquela carne, vinda tão a propósito, quando a pobre, vendo-o, gritou:

— “Não comas, desta carne, meu cãozinho, que está envenenada”.

No mesmo instante o príncipe ouviu uma voz que dizia:

— “Vês tu que uma boa ação não fica sem recompensa?”

E imediatamente viu-se mudado num belo pássaro azul. Começou a voar até a casa onde vira Zélia entrar, e, depois de percorrer todos os quartos, voou em direção a um bosque perto.

Qual não foi o seu espanto quando viu a moça sentada à sombra de uma árvore ao lado de um ermitão!



Assim que a viu, voou ao seu ombro, e começou a festejá-la.

Zélia encantada pela mansidão do pássaro, respondeu às carícias, e disse que havia de o amar para sempre.

Então, o pássaro se transformou no príncipe Querido, tal como a moça o tinha visto da primeira vez.

O eremitão, vendo aquilo, transformou-se também na fada Cândida, e disse:

— “Está quebrado o encanto, príncipe. Só voltarías à tua forma humana no dia em que Zélia gostasse de ti. Ela acabou de o confessar. Vou conduzir-te ao teu reino, onde está a tua espera o mais leal dos vassallos, o velho Salomão. Confia nêle, que é o teu segundo pai. Segue-lhe sempre os conselhos, que te não arrependerás”.

Mal a Fada acabou de proferir estas palavras, o príncipe Querido viu-se no seu palácio, em companhia de Zélia.

O velho Salomão, quando o viu, chorou de alegria.

Querido tomou conta do reino, e casou-se com a pastora Zélia, vivendo desde então na mais completa felicidade.

Salomão, escreveu a história do príncipe Querido, taí como acabamos de narrá-la, para ensinamento de todos, grandes e pequenos, ricos e pobres, fidalgos e plebeus, reis e vassallos, a fim de que tôda a gente se convença que a felicidade neste mundo, consiste unicamente em vivermos em paz com a nossa consciêncía, fazendo sempre o bem, mesmo à custa dos maiores sacrificios e nunca praticando o mal.





UM pobre homem, chamado Luís, vendo que não podia mais viver na cidade, por ser muito cara aí a vida, e não ter êle dinheiro para sustentar a família, foi morar na roça em companhia de sua mulher Marfa, e seu filho Renato.

Tendo assim resolvido, escolheu um lugar bem deserto, onde êle e os seus apenas se sustentavam da caça que o velho matava.

Poucos anos depois, Luis veio a falecer.

Renato estava com quinze anos de idade, quando seu pai morreu.

Compreendendo que a vida naquelas matas seria muito pesada para êle, pediu a sua mãe para voltarem à cidade, onde podiam viver do trabalho que poderia obter em alguma oficina, dizia, êle.

A velha concordou; e, reunindo o pouco que possuíam — um cavalo, uma espingarda de caça e um cão — dirigiram-se para a cidade. Era noite, quando aí chegaram. O rapaz correu tôda a cidade, e não encontrou viva alma. Bateu em tôdas as portas e ninguém lhe respondeu.

Depois de muito andar por diversas ruas, tôdas desertas, foi ter a um sobrado, o único que achou aberto.

Bateu palmas, e, não ouvindo resposta, entrou pelo corredor, subiu as escadas, correu a casa, e ninguém encontrou.

Nessa casa todos os quartos estavam abertos, menos um, que se conservava fechado.

Renato tomou conta da casa, e aí dormiu com sua mãe.

No dia seguinte ainda não viu pessoa alguma nem percebeu o menor movimento pelas ruas; e não encontrando o que comer, foi para o mato, caçar, como fazia seu pai.

Quando estava caçando, apareceu à velha Marfa sua mãe, que ficara no sobrado, o gigante Baraguzão, dizendo-lhe que devia ser morta, por ter-se apoderado da casa, sem seu consentimento, mas que, por ser mulher, a perdoava, com a condição de ela viver ali e nunca mais sair para lugar algum.

A velha ficou com muito medo, e disse que tinha um filho em sua companhia.

— “Êsse não quero para nada. Comê-lo-ei esta noite”, respondeu o gigante.

— “Qual, o senhor não pode com meu filho”, retorquiu a velha.

— “Por que? não é êle um homem como os outros?”

— “E, sim; é um homem”.

— “Pois, então, não há perigo. Pois se eu pude com todo o povo que morava aqui, nesta cidade não hei de poder com um fedelho? Tinha graça”.

— “Mas é que meu filho tem muita fôrça, e é capaz de matá-lo”.

— “Pois bem: se não posso com êle, como dizes vou te ensinar um meio de acabarmos com êle”, propôs o gigante. “Quando êle voltar da caça, deita-te na cama, finge-te doente, e começa a gritar com uma dor muito forte nos olhos. Diz-lhe que o único remédio que te curará é a banha da serpente que existe no mato. Êle, com certeza, irá matar à serpente; mas, como não poderá com ela, será mordido pelo animal e cairá fulminado”.

Ao chegar Renato da caça, ao escurecer, a velha Marfa fêz o que fôra ensinado pelo Barraguzão, e o moço tornou incontinenti para o mato, à procura do animal que havia de curar sua mãe.

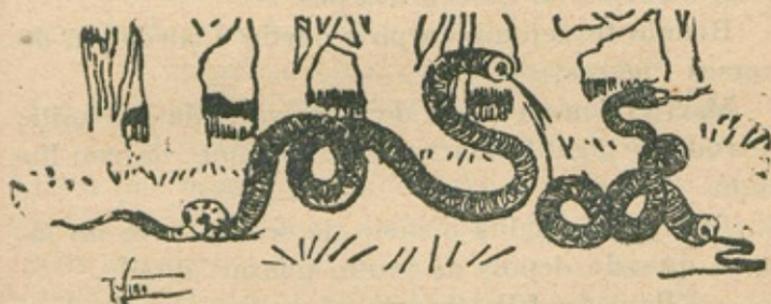
No caminho encontrou um velhinho que lhe perguntou onde ia àquela hora, por uma noite tão escura.

— “Vou matar uma serpente, que mora aqui

neste mato, para apanhar a banha, e untá-la nos olhos da minha velha mãe que deixei em casa, gritando com dores”, respondeu o bom filho.

— “Não vás”, disse o velhinho, “porque a serpente te matará. Tu não podes com ela”.

— “Irei, aconteça o que acontecer”, objetou Renato. “Como é para minha mãe, Deus me há de ajudar”.



— “Pois vai, que hás de ser feliz”, falou o velho.

E assim sucedeu. Chegando à floresta, Renato deu combate à terrível gibóia — um bicho colossal, de cêrca de vinte metros de comprimento, e conseguiu matá-la, depois de porfiada luta.

Chegando à casa, fomentou com o remédio os olhos de sua mãe, que não teve remédio senão dizer que ficara boa.

Voltando Barraguzão, à noite, ficou admirado de ver um homem tão valente, e disse a Marfa:

— “Teu filho é o homem mais corajoso que tenho visto. Agora amarra-o com esta corda, e vê se êle é capaz de a arrebentar”.

Quando o moço voltou da caça, nessa segunda vez, a velha lhe disse:

— “Meu filho, reconheço que és valente, mas duvido e aposto mesmo, como não és capaz de arrebentar esta corda que aqui está”.

O rapaz aceitou a aposta, e Marfa enleiou-lhe todo o corpo, da cabeça aos pés.

Renato forcejou o corpo e partiu a corda em diversos lugares.

Marfa ficou pasmada de tanta valentia e, à noite, quando o gigante Barraguzão chegou, narrou-lhe tudo.

Êste já não sabia o meio de se ver livre do jovem, quando depois de muito pensar, disse:

— “Bem, teu filho é forte, mas sempre desejo ver se é homem que arrebente esta corrente. Amanhã, enleia-o bem nela para ver se me escapa desta vez”.

Ao tornar Renato da caça, a mãe lhe disse:

— “Meu filho, és mais valente que cem homens juntos; teu pai não era capaz de fazer o que tens feito por minha causa. Se és tão homem assim, quero ver se eu te prendendo nesta corrente és forte bastante para a arrebentar”.

— “Isto não, minha mãe, não posso arrebentar uma corrente”.

— “Pois sim, meu filho: experimenta”.

— “Pois se minha mãe quer, vamos ver”.

Marfa enleiou-o na corrente, com a qual lhe deu uma porção de voltas em redor do corpo. Renato esforçou, mas nada conseguiu.

Neste instante apareceu o gigante, com um grande facão, e dirigiu-se para o rapaz, a fim de matá-lo.

— “Pode matar”, disse Renato. “Desejo apenas que me façam três coisas, que lhe vou pedir”.

— “Cumprirei vinte, quanto mais três”. prometeu Barraguzão, que começou a amolar a faca.

— “Primeiro: Não quero que faça uso dos objetos que meu pai deixou, isto é, do cavalo, da espingarda e do facão. Segundo: Quando me matar, não estrague o meu corpo, e parta-o em cinco pedaços. Terceiro pedido: Ponha-me dentro de dois jacás, no cavalo, com a espingarda e o facão e vá atirar-me no mato”.

O gigante fez o que lhe pediu o moço.

Nesse entretempo, o cavalo, assim que se viu com os jacás, que encerravam o corpo de seu amo partido em cinco pedaços, disparou a tôda a brida, e foi ter à casa do velhinho que Renato encontrara na floresta, quando fôra matar a serpente.

O velho tinha uma filha. Estava essa moça à janela, e reconhecendo o cavalo de Renato, pelos sinais que dêle lhe fizera seu pai, foi chamar o velho, que assim falou:

— “Minha filha, o que ali estás vendo é Renato, que vem morto, partido em cinco pedaços; vai buscar o cavalo, pois quero dar vida ao pobre rapaz”.

O velho pediu a banha da serpente, de que também guardara uma grande porção, ao sabê-lo morta pelo corajoso mancebo, juntou os pedaços do corpo de Renato, que logo ficou bom.

— “Sentes alguma coisa, meu filho? ou estás inteiramente sarado?”, inquiriu o velho, ao vê-lo restituído à vida.

— “Falta-me a vista”, respondeu Renato.

O ancião pediu certo unguento misterioso, cujo segredo só êle tinha, e com êle esfregou os olhos do moço, que recuperou imediatamente a vista.

O jovem apanhou a espingarda e o facão, e partiu para a casa do gigante.

Assim que entrou, viu Barraguzão dormindo. Enterrou o facão no peito do monstro, e matou-o.

Marfa, ao ver o gigante morto por seu filho, atirou-se-lhe aos pés, pedindo que a perdoasse.

Renato fê-la levantar-se, dizendo que nada lhe faria, por ser sua mãe.

Voltou à casa do velho, a quem contou tudo quanto fizera.

O velho então lhe disse:

— “Meu filho, a tua melhor ação é ter salvo tua mãe, que, apesar de ter sido má, sempre é tua mãe. Sou o teu anjo da Guarda, que para aqui vim, somente para te defender”.

Dizendo isso, desapareceram, subindo para o céu. Renato casou-se com a moça que o velhinho criara. Voltou para a cidade, e encontrou tôda ela povoada, porque estava apenas encantada com a presença do gigante, e só se desencantaria quando êle morresse.





ISTO e Tomaz eram
conterrâneos filhos
da mesma aldeia,
uma aldeiazinha de
Trás-os-Montes, em

Portugal. Desde crianças, sendo quase da mesma idade, eram íntimos amigos, e continuaram sempre na mesma intimidade, depois de grandes, casados e pais de filhos, vindo até a serem compadres.

Tão amigos eram que resolveram embarcar para o Brasil, já que na aldeia não tinham esperanças de melhorar de estado, ao passo que ouviam dizer que no Brasil, floria a Árvore das Patacas. Era só a gente subir aos galhos, e recolher moedas.

Assim um belo dia embarcaram no mesmo navio. Sofreram iguais privações, juntos compartilharam

as mesmas máguas, as mesmas saudades da Santa Terrinha, que deixaram, e das espôsas, os filhos, os amigos, o burro, mais a vaca, dois bezerritos, quatro leitões, e mais de dúzia e meia de cabeças de criação.

Aquí, porém, a sorte mudou. Xisto enriqueceu no comércio de escravos, e numa pôrção de negócios do mesmo gênero. Tomaz, no entanto, continuava pobre, e mais pobre se via, depois que, à imitação do compadre mandara vir a mulher. A sua vida, por último, era um horror, e vendo que não podia viver mais na cidade, onde tudo estava caríssimo, por preços exorbitantes, resolveu-se a ir pedir ao comendador Xisto, que possuía léguas e léguas de terras abandonadas, de todo incultas, alguns palmos de terreno, onde pudesse construir uma casinha de morada, e cultivar alguns produtos da pequena lavoura, que o sustentassem, mais a família, e que pudesse ir vender à vila.

Xisto, dessa vez mostrou-se compassivo e generoso: cedeu ao seu compadre pobre, a terra que necessitava, e Tomaz ali se aboletou, numa choupana coberta de sapé, que edificou por suas próprias mãos.

As duas moradas eram vizinhas. De um lado, via-se a miserável cabana de Tomaz da Abadia, e do outro, a soberba e luxuosa vivenda do "honrado comendador Xisto Manuel de Sousa e Silva".

Certa vez, Tomaz estava cavando a terra, e Xisto

se achava perto, gozando o prazer de não trabalhar, e ver o seu íntimo amigo, a mourejar como um escravo. De repente, a enxada de Tomãz bateu num corpo estranho, duro, resistente. Cavou mais, afundou o buraco, e eis que descobriu uma panela cheia de moedas de ouro.

Como as terras lhe pertenciam, Xisto apressou-se em levar o pote a casa, muito agitado, e não consentiu mais que o compadre pobre trabalhasse em suas terras. Despediu o pobre Tomaz, e chamou a mulher para verem as riquezas que existiam em sua propriedade.



Abrindo então a panela, mas encontraram apenas uma casa de maribondos. Julgando que aquilo era caçada de Tomaz, o milionário ficou possesso de raiva, e protestou que havia de lhe pregar uma peça.

Apanhou a casa, colocou-a com muito jeito num saco, para não alvoroçar os bichos, e dirigiu-se à casa de Tomaz.

Assim que o avistou, foi logo gritando:

— “Compadre, fecha as portas e deixa somente um lado da janela aberto...”

Tomaz fêz o que lhe dizia o outro.

Xisto, chegando perto da janela, jogou para dentro a casa de maribondos, dizendo:

— “Fecha agora tudo, compadre, e toma êste presente que te trago”.

Mas os maribondos assim que bateram no chão, transformaram-se em moedinhas de ouro, e o pobre Tomaz chamou a mulher e os filhos para ajuntá-las.

— “O’ compadre, abre a porã!”

— “Deixe-me compadre Xisto, já não posso mais com êstes maltidos bichos, que me matam de ferroadas”, respondia o outro, que compreendeu imediatamente o que havia sucedido, satisfeito por ver que Xisto não conseguira fazer o mal que pretendia.

E o rico ria-se da boa peça que havia pregado ao pobre.

Ficou assim o pobre rico, e o rico pobre, por querer fazer maldade que não conseguiu.



OMACACO E O MOLEQUE



AYÁ Romana era o apelido porque tôda a gente conhecia uma velhinha que possũia uma bela roça, onde havia além de muitas outras frutas, uma bela plantação de bananeiras.

Quando as bananeiras estavam carregadas de cachos, a velha não tinha por quem mandar tirá-las, de sorte que ficavam maduras, e eram comidas pelos passarinhos, ou apodreciam.

Um dia, apareceu-lhe na roça um macaco, que lhe disse:

— “O’ tiazinha, por que é que a senhora não colhe essas bananas, que já estão maduras, e não as põe na dispensa? Se não tiver quem lhe faça êsse serviço, aqui estou eu, ao seu dispor”.

Romana, aceitou o oferecimento. O macaco, porém, assim que se pilhou trepado nas bananeiras, começou a comer as maduras, e jogar as verdes para a velha, que, desesperada, jurou vingar-se.

Desde êsse dia, vivia constantemente a procurar um meio de apanhá-lo. Qual! O bicho era esperto, e ela ficava sempre lograda.

Mas, um dia, a velha lembrou-se de fazer uma figura de alcatrão, fingindo um moleque, e colocou-lhe um taboleiro de bananas bêm madurinhas na cabeça, como se as estivesse vendendo.

Poucas horas depois apareceu o macaco. Supondo que era mesmo um pretinho, pediu uma banana. O moleque ficou calado.

— “Moleque, dá-me uma banana, senão levas um sopapo”, gritou.

O moleque permaneceu calado, e o macaco desandou-lhe a mão, ficando com ela grudada no alcatrão.

— “Moleque, larga a minha mão, senão levas outro sopapo!...” repetiu o macaco.

E o moleque sempre calado.

O macaco soltou outro fobetão, e ficou com a outra mão grudada.

— “Moleque! moleque! larga as minhas duas mãos, senão levas um pontapé!...” berrou o mono, enfurecido.

Como é bem de ver, o moïêque calado estava e calado continuava.



O macaco deu-lhe um pontapé ficando com o pé prêso.

— “Moleque dos diabos, larga meu pé, que te dou outro pontapé!” exclamou.

E o moleque calado.

O macaco deu outro pontapé, e ficou com os pés presos.

Ai não se conteve mais, e disse:

— “Moleque dos infernos, larga os meus dois pés e as minhas mãos, senão te dou uma umbigada!

E o moleque calado.

O macaco deu-lhe uma umbigada, e ficou completamente agarrado ao alcatrão.

Assim que o viu prêso Yáyá Romana apareceu, foi ao mato, cortou uma varinha, e começou a dar-

lhe com tôda a fôrça uma sova enorme, enquanto ia dizendo.

— “Eu não te disse, macaco, que havias de me pagar? Toma lá agora, para não vires caçoar comigo!”

O macaco tanto se debateu, que afinal conseguiu se livrar do alcatrão, e nunca mais quis graça com a velha Romana.



ENÓBIO era empregado da Limpeza Pública; — exercia tão baixo cargo porque não encontrara de pronto outra colocação e necessitava sustentar uma numerosa família.

Trabalhava alegremente, sem se importar com os tolos preconceitos sociais, porque era um desses homens sensatos que pensam, com justa razão, que é o homem que nobilita o emprêgo, e não o emprêgo que nobilita o homem. Há varredores honrados, do mesmo modo que há ministros deshonestos.

Um dia em que estava varrendo uma rua pouco frequentada, achou uma bolsa contendo cem cruzeiros. Em vez de ficar com o achado, como era honesto, procurou o dono, e tanto fêz que o encontrou.

Mas êsse homem, que era um negociante, sovina, avaro e miserável em vez de ficar agradecido, retirou de dentro dez cruzeiros, e acusou a varredor de o ter roubado.

Foram à Justiça

O juiz, um bom, honrado e digno magistrado, ouviu a acusação, e depois a defesa. Em seguida sentenciou da seguinte forma:



— “O comerciante diz que perdeu uma bolsa com cem cruzeiros, e que o varredor Zenóbio a achou. Êle, pelo seu lado diz que a entregou sem conferir, tal como a havia encontrado. Ora, como a bolsa contém noventa

e não cem cruzeiros, que o negociante alega, claro está que não é esta. Assim, mando que entregue a bolsa ao varredor, e deverá pagar ainda por cima as custas”.

Zenóbio ficou muito satisfeito, ao passo que o outro, ainda teve que gastar mais dinheiro, para castigo de sua ganância e perversidade.



S leis do reino de Sarinham — grande e riquíssima nação, que há séculos e séculos deslumbrou o mundo pelos altos feitos dos seus príncipes e pela sua opulência, — obrigavam os soberanos reinantes a casar-se assim que completasse quinze anos de idade.

O príncipe Altir, que governava Sarinham, na época em que se passa esta história, querendo conformar-se com as leis, resolveu casar-se.

Para realizar o seu designio, ordenou que lhe

apresentassem as moças mais formosas que existissem no país, embora morassem nos confins do reino.

Os emissários, já haviam corrido tôdas as cidades, vilas, aldeias, povoados de casa em casa, e nenhuma das jovens apresentadas a Altir lhe tinham agradado.

Tinha êle perdido a esperança de casar com a moça mais linda do país, conforme desejava, e por isso vivia muito triste, quando se deu um fato interessante.

O batalhão que dava a guarda de honra do palácio, unicamente composto de moços fidalgos, escolhidos entre os mais ricos, instruídos, famosos e valentes do reino, tinha ido assistir à missa na Capela Real.

Entre os soldados, havia um jovem marquês, nascido numa província longínqua, filho de nobilíssima e antiga família, e que pouco antes fôra admitido nas Guardas do Rei.

Era a primeira vez que êle entrava na Real Capela, pois não havia ainda um mês que chegara à capital.

Estava admirando o luxo, o esplendor, a arquitetura do templo, um dos mais elegantes e célebres do mundo inteiro e percorria com o olhar as Imagens, nos Altares, cada qual mais primorosamente executada por afamado artista, quando fitou a de N. S. do Rosário, que ficava justamente a seu lado.

Não pôde deixar de soltar um grito de espanto,

ao mesmo tempo que de seus olhos jorravam lágrimas abundantes.

O general comandante, que era o príncipe Seraf, estranhando aquêlê procedimento, indagou do jovem marquês, cujo nome era Odern, a causa da exclamação que soltara e do pranto que derramava.

Odern disse que chorava porque havia se lembrado de repente de sua família, de sua casa, situada há um mês de viagem, e lembrara-se ao ver a imagem de N. S. do Rosário, que era o retrato exatissimo, perfeito, de uma de suas quatro irmãs, Gabi, a mais moça.

A notícia correu de bôca em bôcã. Muita gente zombava, não acreditava, porquanto essa imagem, era uma perfeição, um primor de escultura, um ideal de beleza, e não podia existir uma criatura humana que se parecesse com ela, quanto mais que fôsse a mesma coisa, o modelo vivo.

No entanto, a notícia chegou aos ouvidos do príncipe Altir, que mandou chamar Odern, a quem falou:

— “Se tua irmã é assim tão linda, dize-me onde mora tua família, que quero mandar buscá-la para minha espôsa”.

— “Saberá vossa real majestade”, respondeu o marquês, “que meus pais moram nos desfiladeiros do monte Camocim, distante daqui dez mil léguas por terra, e cinco mil por mar”.

O rei mandou imediatamente preparar uma esquadra para ir buscar a jovem Gabi, enviando para isso embaixadores ao pai, pedindo-a em casamento. Odern fêz parte dessa embaixada.

Ao cabo de três meses de viagem, os navios aportaram finalmente a Camocim; todos, ao verem a moça, ficaram maravilhados com sua beleza extraordinária.

O embaixador entregou a carta do rei ao velho duque Odern, que aceitou o honroso pedido do rei Altir, e deixou a formosa Gabi partir, em companhia de seu irmão.

Regressava a esquadra, quando caiu um grande temporal, que obrigou os navegantes a procurar o primeiro abrigo que se lhes deparou. Era uma enseada desconhecida, que não figurava em mapa algum.

Mas ninguém se importou com aquilo, e todos saltaram em terra, indo pedir pousada a casa de uma velhinha que ali morava.

Era uma velhinha com perto de noventa anos, magra, baixa, e horrorosamente feia, caôlha, e aleijada. Devia ser com certeza uma Bruxa, mas disse, que se chamava Sarda.

Em conversa indagou de onde vinham e para onde iam tão ilustres navegantes e soube assim o destino da embaixada real.

Aproveitando-se de uma ocasião favorável, convidou Gabi para dar um passeio pela horta, e aí chegando atirou a pobre menina no poço que ali havia.

Para não darem por falta dela, pôs em seu lugar uma filha que tinha, moça em verdade, mas horrível de feia.

Como já era noite, os viajantes não deram pela troca, e conduziram-na para bordo.

Quando os navios levantaram ferro, a velha foi ao poço, tirou dêle a moça, cortou-lhe os cabelos, furou-lhe os olhos, e deitou-a num caixão, que atirou ao mar. Mas o caixão, em vez de afundar, flutuou, e foi chegar ao reino primeiro que a esquadra real.

Pedro, um pescador, achou-o... Vendo-o muito pesado, julgou ter dinheiro e começou a gabar-se que havia achado uma fortuna no fundo do mar, e que por isso seria mais rico que o rei.

Sendo chamado à presença do monarca, Pedro disse que de fato tinha achado um caixão com dinheiro.

Altir mandou que os guardas fossem se certificar o que havia de verdade no que dizia o pescador.

Aberto o caixão, deram com a moça dentro, ficando todos com pena, de ver uma jovem formosíssima, divinamente bela, mas cega e com os cabelos cortados.

Os soldados voltaram conduzindo a moça, chegando ao palácio, um dia depois de ter aportado a embaixada trazendo a filha da velha.

O embaixador, dando conta da missão, disse ao rei:

— “Real majestade, fui alegre e volto triste: sujei-to-me, porém, à pena que me quiserdes dar. Quanto ao marquês Odern, ao ver a irmã ficar tão feia, de um dia para o outro, receiando a justa cólera de vossa majestade, lançou-se ao mar”.

— “Não há remédio”, disse o rei, “casar-me-ei com essa mulher feia”.

Efetou-se o casamento, mas o rei conservou-se sempre triste.

No outro dia, quando lhe apresentaram a moça dos olhos furados e cabelos cortados, todos da embaixada reconheceram sem demora a formosa Gabi Odern.

Contando-se-lhe o que havia ocorrido com o temporal e a hospedagem na casinha da velha Sarda, Altir desconfiou da infame bruxa, e mandou buscá-la por um navio veloz.



Sarda, a princípio negou tudo, e até fingiu desconhecer sua própria filha, mas esta era muito parecida com ela, de sorte que se descobriu tôda a falsidade das duas malvadas feiticeiras.

Por castigo, o rei mandou furar os olhos da velha e cortar-lhe os cabelos. Assim que cumpriram a ordem real, os olhos de Gabi ficaram perfeitos e cresceram-lhe os cabelos, tornando-se ela ainda mais formosa, mais deslumbrante, o verdadeiro tipo da Beleza.

O marquês Odern não havia morrido afogado. Tendo sido lançado à praia, foi recolhido pelo mesmo pescador Pedro. Sabendo que sua irmã estava viva e sã, e que casara com o rei Altir, apresentou-se em palácio, sendo magnificamente recebido pela rainha, sua irmã, e pelo seu real cunhado.

A família do duque de Odern deixou os desfila-deiros de Camocim, e veio residir na capital do reino de Sarinham, onde viveu sempre feliz e considerada.





ERMUDES era um bom pai de família, mas não sabia dar educação conveniente a seu filhos.

Um pouco fraco, deixava que eles fizessem tudo quanto desejassem, e o resultado foi que, dos três únicos filhos que tinha — João, Manuel e José, — os dois primeiros eram malcriados, insolentes, e o terceiro de gênio um pouco vivo demais.

Um dia o pai repreendeu-os, e João e Manuel zangaram-se, e fugiram de casa, sem dizer para onde. Bermudes ficou muito aflito, e mandou que José, o caçula, fôsse procurá-los.

O rapaz saiu de casa para cumprir a ordem paterna, e começou a viajar.

Ao cabo de três dias de fatigante jornada, em meio de campos, vales, montes e florestas, foi ter à choupana de uma velhinha, chamada Míriam.

Era uma velha amável, bondosa e caritativa, que o hospedou com todo o carinho, dividindo com êle a sua ceia.

Acabando a ceia, puseram-se a conversar:

— “Que vieste fazer por êstes lugares, meu netinho?”, disse Míriam, que era a Virgem Maria disfarçada em velha.

— “Minha avòzinha”, respondeu êle, “ando à procura de meus dois irmãos, mais velhos, que fugiram da companhia de meu pai, e êle quer que os leve para casa”.

— “Pois dorme, meu filho, que eu te ensinarei onde estão êles”.



No outro dia a velhinha, depois de lhe dar um bom almoço, disse-lhe que fôsse ao Reino das Três Pombas, onde encontraria os dois irmãos, porque havia ali uma grande festa na qual tomariam parte todos os jovens do país, devendo casar-se com a filha do rei, o que melhor se sobressaísse.

— “Leva”, disse Nossa Senhora, “esta vara e esta esponja, mas toma cuidado que ninguém as veja, porque teus irmãos hão de te caluniar, dizendo ao

rei que te gabas de ser capaz de ir ao fundo do mar quebrar a pedra que lá existe e desencantar as três princesas, filhas do rei, que uma Fada perversa encarcerara. O

rei há de mandar chamar-te, e tu deves sustentar que sim.

Vai, então, à beira do mar, e joga a esponja, que boiará.

Deverás acompanhá-la por onde ela seguir.

Mas não percas a varinha, e com ela bate na pedra que se

partirá ao meio. Não te assustes com a serpente que aparecer: toca com a varinha nela, que adormecerá no mesmo instante. Entra na pedra, e tira de dentro uma caixa; dá-lhe uma pancada, que se abrirá imediatamente. Dentro dela está um ovo, que tem três gemas; parte êsse ovo, e dá a clara para a serpente beber. Verás o resto”.

José agradeceu muito a Miriam, o benefício que lhe fazia, e seguiu viagem para o reino onde estavam os seus dois irmãos.



Ali chegando, viu a grande festa que se estava celebrando.

Achando-o mal vestido, os irmãos fingiram que não o conheciam, e trataram de intrigá-lo, dizendo ao rei que êle se gabava de ser capaz de desencantar as princesas.

O rei mandou chamá-lo, e perguntou se era verdade o que diziam dêle.

— “Saberá Vossa Majestade que não disse tal coisa. Mas se o rei meu senhor ordenar, estou pronto para cumprir as suas ordens”.

Todos ficaram admirados, e duvidaram do que dizia o mocinho.

No outra dia apresentou-se êle em palácio para seguir para a expedição, e o rei mandou pôr cem navios à sua disposição, dizendo que, se trouxesse as princesas, casaria com a que escolhesse, ou com a mais moça, a única que existia, por não ser nascida quando a Fada má enfeitiçou as três mais velhas; e se voltasse só, seria enforcado no mesmo dia.

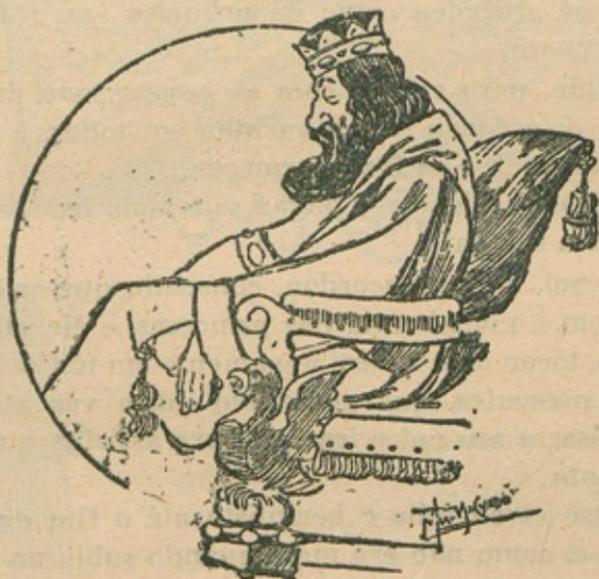
José dispensou os navios, preferindo ir a nado, com a certeza de que voltaria com as jovens.

Tôda a gente julgou impossível ir um homem nadando até à pedra, que sabiam ficar no meio do oceano, e, em vista disso, mais duvidaram do bom resultado da emprêsa.

No entanto José foi: e assim que chegou à praia, atirou ao mar a esponja, e acompanhou-a até à

pedra. Bateu com a varinha, e ela se abriu por encanto. Entrou, e viu a serpente, em quem deu também uma pancada, adormecendo-a imediatamente.

No interior da pedra encontrou a caixa, em que também deu, abrindo-se ela no mesmo instante.



Tirou de dentro o ovo, partiu a casca, deu a clara à serpente, saindo então as três princesas, que estavam no ventre do monstro.

Chegando José ao palácio do rei, juntamente com as três donzelas, todo o mundo admirou sua coragem.

João e Manuel, seus irmãos, invejosos por vê-lo tão felicitado, não ficaram satisfeitos, e foram dizer ao rei que êle dissera ser capaz de trazer a serpente viva do fundo do mar.

O rei, que não estava disposto a casar a filha com José, ordenou-lhe que fôsse buscar o bicho, sob pena de morte.

José procedeu como da primeira vez, e trouxe a serpente.

Então, para caçar com as pessoas que duvidavam dêle, tocou com a varinha em todos, a começar pelo rei, e os fêz adormecer.

Mandou, depois, agarrar seus dois irmãos e levá-los a seu pai.

O rei, quando acordou, consentiu que se casasse com a mais bonita das princesas, e êle sabendo disso, tocou com a vara novamente em tôdas as pessoas presentes, que dormiram outra vez até que chegassem seu pai e irmãos, para assistirem ao casamento.

José viveu feliz e benquisto até o fim de seus dias; e, como não era mau, quando subiu ao trono por morte do rei seu sogro, casou Manuel e João com duas de suas cunhadas.

Os rapazes mudaram de gênio, corrigiram-se, tornaram-se bons, e foram sempre considerados.



OS ANÕES



USTÓDIO era sapateiro-remendão, vivendo exclusivamente do seu ofício.

Todavia, por mais que se esforçasse, por mais que trabalhasse, nunca recebia justa recompensa do seu insano labor. Por isso era pobre, paupérrimo.

Chegou uma ocasião em que se viu quase na miséria. Haviam-lhe encomendado um par de botas de verniz. Com o lucro dêsse trabalho, que ia ser muito bem pago, desde que ficasse bom e fôsse

entregue no dia marcado, sem falta, contava comprar mais cabedal, e assim, aprontar alguns pares de botinas, que tencionava vender vantajosamente.

Contudo, no dia em que ia começar o serviço, adoeceu. Foi uma fatalidade, porque não podia dar as botas no dia designado, e, dêsse modo, ia perder o verniz, em que empatará o único dinheiro que lhe restava.

À noite deitou-se, devorado por violentíssima febre.

Pela manhã, acordou ainda mais doente. Assim mesmo, febril, tiritando de frio, e com terrível enxaqueca, tentou trabalhar. Foi procurar o verniz, e soltou uma exclamação. Na véspera apenas havia cortado o couro, e, no entanto, já estava feito o par de botas de montar, um trabalho esplêndido, digno de um hábil artista.

Foi grande a sua surpresa, e nem sabia como explicar fato tão extraordinário.

Apanhou os sapatos, examinando-os atentamente, virando-os de um lado e do outro; estavam muito bem feitos, e não tinham nem um ponto sequer fechado, sendo obra de causar admiração.

Quando veio buscar a encomenda, o freguês pagou mais do que havia tratado, tão satisfeito ficou.

Com o dinheiro dessa venda, o sapateiro foi comprar couro para fazer dez pares de botinas.

Trouxe-o para casa, e à noite cortou-o, deixando-o para fazer a obra pela manhã.

Mas, ao outro dia, quando se dirigiu para a sua mesa de trabalho, encontrou tudo pronto, como na noite anterior.

Desta vez também, não faltaram fregueses. Com o dinheiro que produziu a venda, êle pôde comprar couro para outros pares.

No terceiro dia as botinas estavam prontas. E assim sucedeu noites e noites seguidas, durante bastante tempo. Todo o couro que Custódio cortava de noite, aparecia pronto, transformado em pares de botinas, muito bem feitas, de modo que o sapateiro foi melhorando, a ponto de ficar quase rico.

II

Uma noite, na véspera de Natal, quando acabava de cortar couro, indo deitar-se, voltou-se para Adelina, sua mulher, e disse:

— “E se nós passássemos a noite em claro, para ver quem nos ajuda dessa maneira?”

Adelina concordou no que lhe propunha o marido. Deixando uma lamparina acesa, ocultaram-se os dois dentro de um guarda-vestidos, por trás da roupa, e esperaram.

Quando o relógio bateu meia-noite, dois anõezinhos, completamente nus, sentaram-se na mesa do sapateiro, e apanhando o couro cortado, com as suas mãozinhas, começaram a coser, furar e bater

com tanta ligeireza e cuidado que não se ouvia barulho algum.

Trabalharam sem cessar, até que a obra ficou pronta, desaparecendo então súbitamente.

No dia seguinte, Adelina disse:

— “Aquêles anõezinhos nos têm enriquecido; é preciso que nos mostremos reconhecidos. Eles de-



vem sentir muito frio, andando assim nus, sem nada sôbre o corpo. Sabes? vou coser uma camisa para cada um, um paletó, uma calça e um colete, e lhes fazer um par de meias de tricô, e tu fazes para cada um, um par de botinas”.

Custódio, aprovou a idéia da mulher; e, à noite, quando tudo estava pronto, colocaram os objetos sôbre a mesa em vez do couro cortado para os sa-

patos, e ocultaram-se de novo, para ver de que modo os anões recebiam os presentes.

A meia-noite, os anões chegaram, e iam começar o trabalho, quando em lugar do couro encontraram os vestidinhos. A principio mostraram grande espanto, que depressa se transformou em grande alegria.

Vestiram imediatamente a roupinha, e começaram a cantar e saltar:

— “Nós somos uns lindos rapazes!... Adeus, couro, sapatos e botinas...”

Depois começaram a dançar e saltar por cima das cadeiras e bancos, e sempre dançando, ganharam a porta e desapareceram.

Desde aquêlê momento ninguém tornou a vê-los. Custódio, porém, continuou a ser feliz o resto de seus dias, e tudo quanto empreendia saía conforme os seus desejos.

III

Havia numa casa uma pobre criada muito trabalhadora, chamada Isabel. Todo o dia que Deus dava, ela varria a casa, e depois juntava o cisco, que colocava em frente à porta da rua.

Uma manhã, quando começava o trabalho, achou uma carta no chão. Como não sabia ler, pôs o caixão de cisco no chão, e foi levá-la aos patrões.

Era um convite da parte dos Anões Mágicos

que lhe pediam para ser madrinha de um dos seus filhos.

Isabel não sabia que resolver, mas depois de muitas hesitações, como lhe disseram que era muito perigoso recusar, aceitou.

No dia marcado, três anões vieram buscá-la, e levaram-na para uma caverna, na montanha onde moravam.

A mãe do anãozinho que nascera, estava num leito de ébano incrustado de pérolas, com colchas bordadas a prata. O berço do recém-nascido era de marfim, e a bacia de banho, de ouro maciço.

Depois do batismo, a criada quis voltar imediatamente para casa. Os anões, porém, pediram-lhe muito para ficar mais três dias com eles. Ela anuiu ao pedido, e passou esse tempo em festas, porque os anõezinhos lhe faziam o mais agradável acolhimento.

No fim de três dias, como quisesse absolutamente regressar, os anões encheram-lhe os bolsos de ouro, e conduziram-na até à saída do subterrâneo.

Chegando à casa dos patrões, Isabel recomeçou o trabalho de todo o dia, e apanhou o caixão do cisco, o qual ainda estava no mesmo lugar em que deixara o que a admirou sobremaneira. Estava varrendo quando saíram da casa uns homens desconhecidos para ela, que lhe perguntaram quem era e o que queria.

Foi só então que a criada soube que não estivera com os anõezinhos apenas três dias, como julgara, mas sete anos inteiros, e que durante êsse tempo, seus patrões haviam morrido.

IV

Um dia os anões roubaram a uma mulher o filhinho, que estava no berço, e puseram em seu lugar um pequenos monstro, que tinha uma cabeça muito grande e dois grandes olhos fixos, e era insaciável, esfomeado, querendo comer e beber a todo o momento.

A pobre mãe foi pedir conselhos a uma vizinha.

Esta aconselhou-a a levar o monstrengo para a cozinha, e colocá-lo em cima do fogão, acender o fogo ao lado dêle, e ferver água em duas cascas de ovo. Isso faria rir o monstro, e se êle se risse uma vez, seria obrigado a partir.

A mulher fêz o que a vizinha lhe tinha ensinado. Assim que viu as cascas de ovo cheias d'água, sôbre o fogo, o monstro exclamou:

— “Nunca vi, se bem que não seja novo, ferver água em casca de ovo!”

E soltou uma gargalhada.

Apareceu imediatamente, um bando de anões, que trouxeram o verdadeiro filho, collocand-o no berço, e levando o monstrengo em sua companhia.



OM JABUTI seguia uma vez, distraído, preocupado com os seus negócios, filosofando nas coisas desta vida, por um caminho no meio do mato, quando esbarrou com uma velha e enorme Anta, enforcada num laço, que caçadores haviam armado. Mais que depressa principiou a roer a corda que prendia o pescoço do bicho, e depois de esconder a corda, num buraco, começou a gritar:

— “Acode, gente!... acode depressa!...”

Dona Onça, que passeava na ocasião, foi ver porque motivo tanto gritava o Jabuti.

— “Que é isto?”, interrogou.

— “Estou chamando gente para vir comer a Anta que acabei de caçar agora mesmo”.

— “Queres que eu parta a Anta?”, propôs a comadre Onça.

— “Quero, sim. Dividirás a metade para mim e a outra para ti”, disse êle.

— “Então, vai apanhar lenha, para assarmos a carne da Anta”.

Quando o Jabuti voltou apenas encontrou o couro da Anta, e disse:

— “Deixa estar, Onça velhaca, hás de me pagar algum dia êsse desaforo que me fizeste”.



Saindo dali, andou por muitos dias seguidos. Ia pelo caminho pensando como se vingar da Onça, quando se encontrou com um bando de macacos, em cima de uma bananeira, comendo bananas.

— “Olá, compadre macaco, atira uma banana para mim”, disse o Jabuti.

— Por que não sobes? Não és tão prosa, Jabuti?”

— “Vim de muito longe, e estou cansado”.

— “Pois o que posso fazer é ir buscar-te daí de baixo cá para cima”, disse um dos Micos.

— “Pois, então, vem”.

O Macaco desceu, pôs em cima o Jabuti, que ali ficou dois dias, por não poder descer.

* * *

No terceiro, apareceu uma Onça, a mesma que se tinha encontrado com êle perto da Anta.

— “Olá, Jabuti, como subiste nesta bananeira?”

— “Muito bem, Onça”.

A Onça que estava com fome, disse:

— “O’ Jabuti, desce cá para baixo”.

— “Só se me aparares na bôca, Onça. Não quero me machucar, pulando daqui no chão”.

A Onça abriu a bôca e o Jabuti deu um pulo, mesmo na guela do bicho, que morreu imediatamente.

Então o Jabuti saiu gritando:

— “Matei uma Onça, meus parentes, vão ver debaixo das bananeiras!...”

Uma outra Onça que passava, ouviu-o e perguntou:

— “O’ Jabuti, que estás dizendo?”

— “Não é nada, Onça, é cá uma cantiga que sei”.

E foi procurando um buraco para se esconder. Assim que encontrou uma furna, parou e disse: — “O’ Onça, sabes o que estava cantando? E’ isto: matei uma Onça. Vão ver embaixo das bananeiras”.

A Onça correu para pegá-lo, mas o Jabuti meteu-se pelo buraco, onde a Onça também introduziu a pata, segurando-o por uma das pernas.

— “O’ Onça, pensas que apanhaste a minha perna, mas enganas-te: apenas seguraste numa raiz”.

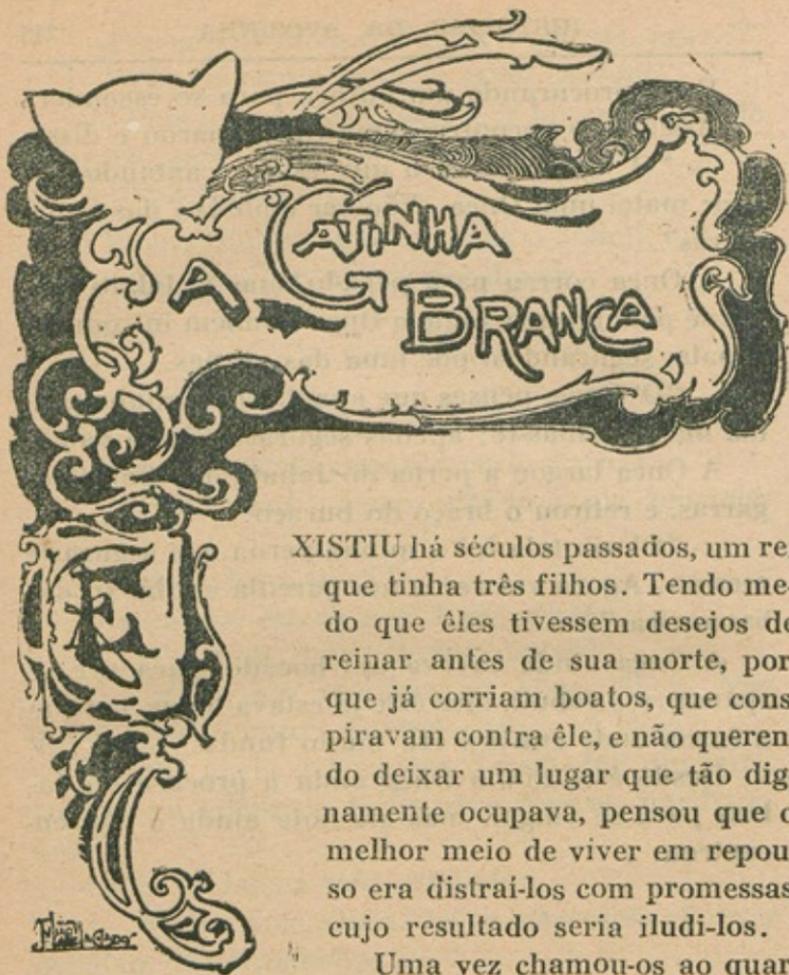
A Onça largou a perna do Jabuti, que tinha nas garras, e retirou o braço do buraco.

— “O’ sua tola foi a minha perna que seguraste mesmo. Agora vai ver a tua parenta em baixo das bananeiras”.

A Onça ainda cavava um bocado, para ver se apanhava o Jabuti, mas êste já estava longe, porque a furna onde entrara era muito funda.

Desde êsse dia, a Onça anda à procura do Jabuti para se vingar, mas até hoje ainda o não encontrou.





XISTIU há séculos passados, um rei que tinha três filhos. Tendo medo que êles tivessem desejos de reinar antes de sua morte, porque já corriam boatos, que conspiravam contra êle, e não querendo deixar um lugar que tão dignamente ocupava, pensou que o melhor meio de viver em repouso era distrai-los com promessas, cujo resultado seria iludi-los.

Uma vez chamou-os ao quarto e disse-lhes:

— “Meus filhos, a minha avançada idade já não permite que me dedique aos negócios do reino com tanto cuidado como dantes, e quero que os meus vassallos não sofram. Por isso quero colocar a mi-

nha coroa na cabeça de um de vós. Haveis, porém, de concordar comigo que, para isso é preciso que façais uma ação digna de tão grande presente. Quero, pois, que vós três procureis um cão, lindo e fiel, que me faça companhia no resto dos meus dias. Aquêlé que me trouxer o animal mais bonito será o dono da minha coroa, e portanto meu herdeiro”.

Os moços ficaram admirados com o desejo de seu velho pai, mas resolveram ir procurar o animal que lhes havia de dar a sucessão do reino, prometendo que, no fim de um ano, àquela mesma hora, estariam de volta dando o resultado da incumbência.

Partiram os moços, cada um para o seu lado.

O Príncipe Nestor, como era chamado o mais jovem, seguiu viagem, e não havia dia em que não comprasse um cachorrinho.

Mas, como não podia andar acompanhado de tantos animais, à proporção que comprava um mais bonito, abandonava os outros.

Ia seguindo sempre à procura de um animal lindo, quando uma noite foi surpreendido por uma tempestade no meio de uma floresta.

Subiu a uma árvore muito grande, que havia perto do lugar onde estava, para se abrigar da chuva, e poder passar a noite, quando viu ao longe uma luzinha.

Desceu imediatamente, e foi caminhando na direção daquele farolzinho.

Chegou à porta de um castelo, o mais soberto que se pode imaginar, todo de ouro, com muros de porcelana transparente, representando tôdas as histórias de fadas que há no mundo.

Aproximando-se da porta, bateu a campainha, cujo som, repercutindo lá dentro, parecia ser de ouro ou de prata.

Passados poucos segundos, abriu-se a porta, sem que êle visse outra coisa senão uma dúzia de mãos no ar, segurando archotes para alumiar sua passagem.

Ficou tão admirado que hesitava em entrar, quando sentiu que o empurravam para a frente.

Começou a andar ao acaso, e sempre maravilhado de ver salas, com mais de mil velas cada uma, e cada qual de uma qualidade: de ouro, de prata, de marfim, de pérolas, de tudo quanto é precioso neste mundo.

Depois de ter atravessado as salas, as mãos que o conduziram até ali fizeram-no parar, e viu um sofá encostado a um fogão.

Sentou-se, e sentiu mãos começarem a despir-lhe a roupa molhada que trazia, substituindo-a por uma bela camisa bordada a ouro com botões de pérolas.

Com êsse novo vestuário, as mesmas mãos empurraram-no a um quarto contíguo, onde viu um lavatório, espelho, perfumarias as mais exquistas,

enfim tudo quanto é necessário a um moço para se vestir.

Sentou-se em uma cadeira de marfim, e começaram a fazer-lhe a barba, penteá-lo, frisá-lo e mudar-lhe a camisa por uma roupa mais própria e de riqueza nunca vista.

As mesmas mãos, depois do príncipe Nestor estar pronto, conduziram-no a uma sala, admirável pelos seus enfeites.

A mesa estava posta com dois talheres, o que intrigava em excesso o príncipe, ao ponto de se julgar no inferno.

A sua admiração chegou ao auge, quando, a um sinal dado, viu uma porção de gatos, de diversas raças e côres, entrar cada um com um instrumento e seguidos de um gato de óculos, com um rôlo de papel em baixo do braço.

Subiram os bichinhos para um estrado, e começaram a tocar, cada qual de sua maneira, de sorte que formavam a orquestra mais engraçada que já-mais se tem imaginado, pelas caretas que os bichinhos faziam, o que provocaram ao príncipe gargalhadas estrepitosas.

Pensava Nestor em tôdas as coisas que lhe haviam acontecido naquele castelo, quando viu entrar uma figurinha, coberta com um véu de crepe, e com dois gatos fardados segurando a cauda do seu vestido preto, também de luto e de espada à cinta.

Seguia-se um cortejo de gatos, cada um trazendo ratoeiras cheias de ratos, camondongos e morcegos.

O príncipe não sabia como se ter de tanta surpresa, quando a figura se aproximou dêle, e viu uma bela Gatinha Branca:

Tinha um ar triste, e começou a miar tão docemente que quem a ouvisse se sentiria pesaroso.

Chegou-se ao moço, e falou-lhe:

— “Filho de rei, sê benvindo; a minha real majestade te recebe com gôsto”.

— “Excelentíssima Gatinha”, disse o príncipe, “sois tão generosa em me receber com tanto agrado, que não me pareceis uma gatinha qualquer; o dom da palavra, que possuis, e êste castelo tão rico, são provas bastantes evidentes do que vos digo”.

— “Príncipe”, respondeu a Gatinha, “acaba com teus galanteios; sou simples, em meus discursos e em meus modos, porém, tenho bom coração. Ordeno que sirvam ao nosso hóspede, e que os músicos se calem, porque o príncipe não entende o que êles dizem”.

— “E êles dizem alguma coisa?” replicou o príncipe.

— “Sem dúvida”, continuou ela. “Temos aqui poetas de muito espírito; e se demorares aqui algum tempo, ficarás convencido do que te digo”.

Serviram o jantar, e o príncipe viu dois pratos,

com um ratinho assado, e outro com uma carne que êle não conheceu.

Ficou com repugnância em comer tal comida, porém a Gata, adivinhando o que se passava no espírito do moço, asseverou-lhe que o outro prato era feito de propósito para êle, e que por isso não precisava ter escrúpulos.

O príncipe acreditou no que lhe dizia a Gatinha e jantou muito bem, admirando somente um retrato que viu no colar da gatinha, onde reconheceu a fotografia de um homem muito bonito, e que se parecia um pouco com êle.

Perguntou, de quem era aquêle retrato; a Gatinha ficou mais triste e não respondeu.

Com medo de contrariá-la, levantaram-se da mesa, sem mais o jovem moço se ocupar com a fotografia.

Depois do jantar, foi o príncipe Nestor convidado para assistir a um espetáculo no teatro do palácio, e ficou maravilhado de ver doze gatos e doze macacos dançarem como as mais afamadas bailarinas.

Acabado o espetáculo, estêve o príncipe a conversar com a Gatinha, admirando cada vez mais como ela era instruída em tôdas as histórias dos príncipes e reis do mundo.

Já era mais de meia-noite, quando os dois se deram as boas noites, e foram deitar-se.

No dia seguinte, estava o príncipe ainda deitado,

quando lhe apareceram duas mãos que traziam numa bandeja de ouro e brilhantes um cartão da Gatinha, convidando-o para uma caçada.

O príncipe levantou-se, vestiu-se, e foi ter com a Gatinha, que já encontrou montada em um macaco, oferecendo-lhe ela um cavalo de pau, que corria mais que o melhor animal dêste mundo, e tanto como o vento.

A caçada era feita pelos gatos aos coelhos, e era de se admirar como podiam êstes animais caçar aquêles.

*
*
*

Levava Nestor essa boa vida, e havia esquecido o fim da sua viagem, entretido como estava pelos divertimentos que a tôda a hora lhe proporcionava a Gatinha, quando um dia esta lhe disse:

— “Sabes que só tens três dias para procurar o cãozinho que teu pai deseja, e que teus irmãos já encontraram dois, lindos?”

O príncipe, admirado de sua negligência, exclamou:

— “Por que encanto secreto esqueci a coisa mais importante dêste mundo, para mim? Onde poderei encontrar um cão como desejo, e um cavalo bastante rápido para fazer tantas léguas em tão pouco tempo?”

A Gatinha, vendo-o tão inquieto, acalmou-o:

— “Sossega; sou tua amiga; podes ficar ainda um dia em meu palácio; e, conquanto daqui ao teu reino haja quinhentas léguas, o meu cavalo de pau vai lá ter em menos de doze horas”.

— “Agradeço-vos muito, bela Gatinha, mas não é preciso somente chegar à casa de meu pai; é necessário também encontrar um cão, e onde irei agora achá-lo?”

— “Pois toma esta amêndoa”, disse-lhe a Gatinha: “lá dentro está um cãozinho”.

— “Oh!, disse o príncipe, “vossa majestade quer caçar comigo?”

— “Não; se não acreditas, encosta-a ao ouvido, que escutarás o latido”.

O príncipe obedeceu; e, quando ouviu o “áo-áo” do cachorrinho, ficou maravilhado; e queria por força abrir a amêndoa para ver o animalzinho.

A Gatinha proibiu-lhe que assim procedesse, dizendo que só devia abri-la em presença do rei seu pai.

Nestor despediu-se da bichinha, dizendo-lhe que se sentia pesaroso em deixar uma gata tão gentil, e suplicou-lhe ardentemente para que fôsse a seu palácio, onde seria muito bem tratada.

A Gatinha deu um suspiro triste, e não respondeu.

O moço montou no cavalo de pau e voou ao palácio do rei, onde encontrou os irmãos, que estavam chegando naquele instante.

Quando os três príncipes chegaram à presença do velho rei, êste não sabia qual dos dois cães trazidos era o mais bonito, tão lindos eram. Perguntou a Nestor onde estava o animal que devia trazer. — “Está aqui, meu pai”, e mostrou-lhe a amêndoa.

O rei supôs que o filho queria caçoar, e já estava disposto a mandar castigá-lo severamente pela sua falta de respeito, quando o moço abriu a amêndoa, de onde saiu um cãozinho, do tamanho de um caroço de feijão, a latir, a pular e a saltar, que era um gôsto.

Todos foram de acôrdo haver sido Nestor quem trouxera o animal mais lindo. Mas o rei, que não se achava com disposição, de lhe ceder a coroa, disse:

— “Na verdade, meu filho, foste tu que ganhaste o prêmio. Mas, para não descontentar a teus irmãos, quero uma segunda prova. Tragam-me, daqui a um ano, um pano que seja capaz de atravessar o fundo da agulha mais fina que houver em todo o reino”.

Partiram os príncipes à procura do que lhes pedia seu pai, pensando onde poderiam encontrar pano tão fino que passasse pelo fundo de uma agulha, e desanimados de conseguir o que lhes fôra pedido.

Nestor montou no cavalo de pau, e partiu para o palácio da Gatinha, a quem foi pedir proteção e conselho. As mãos que da primeira vez o tinham recebido, assim que êle chegou, levaram-no à presença da Gatinha que lhe falou:

— “Príncipe, senti muito a tua partida, e não contava mais te ver, porque te estimo muito, e desejava a tua volta. Infelizmente, do que desejo neste mundo, nada tenho conseguido. Falemos sôbre assunto que mais te interessa. Já sei a que vens; o que teu pai pede é muito difficil de se conseguir, senão quase impossível. Como tenho, porém, aqui no meu reino, tecelões admiráveis, vou fazer a tua encomenda e estou certa que êles envidarão todos os esforços para me serem agradáveis”.

Nestor começou a viver no palácio da Gatinha a mesma vida que dantes. Tendo sempre com que se distrair — festas de tôdas as espécies — esqueceu-se do fim da sua segunda visita.

Uma tarde em que conversava com a Gatinha, cada vez mais admirado de tanto espirito do animalzinho, ela lhe disse:

— “Príncipe, é amanhã o dia em que deves apresentar a teu pai o pano que êle te encomendou. Já te esqueceste?”

— “Palavra que me tinha esquecido, minha formosa Gatinha, do fim a que voltara a êste palácio. A vossa companhia é tão encantadora, que de bom gôsto passaria o resto de minha vida aqui. O úni-

co sentimento que tenho e não serdes mulher, para eu viver de joelhos, vos adorando. Mesmo assim, basta que me dêes consentimento, que aqui ficarei, não querendo mais saber do direito que tenho, sobre a coroa d'el-rei meu pai”.

— “Príncipe, o que me pedes é impossível. Volta ao palácio de teu pai, a quem não deves abandonar por amor a uma triste gata”.

— “Mas como voltarei eu, se de todo me esqueci de procurar o pano, e de hoje até amanhã não o poderei haver, nem que tenha o auxilio do cavallo de pau?”

— “Sossega, príncipe Nestor”, disse ela muito triste, “eu me incumbi de arranjar o pano que teu pai deseja. Ei-lo aqui. Vai, lembra-te da tua amiga, a Gatinha”.

Entregou-lhe uma caixinha do tamanho de um dado.

O príncipe não podia supor que dentro de uma caixinha tão pequena houvesse uma peça de pano. Mas, como a Gatinha não gostava de caçoar, aceitou o microscópico embrulho, com recomendação de só abri-lo em frente do rei.

Montou no cavallo de pau que lhe dera a Gatinha, e em dez horas viajou quinhentas léguas.

Assim que chegou ao palácio, viu dois cavaleiros saltando de dois cavalos, e reconheceu os dois irmãos.

Estes indagaram do príncipe Nestor se tinha ar-

ranjado a peça de pano, ao que lhe respondeu que não, porque o mais fino pano que encontrara só passava pelo anel de uma criança.

Chegaram os dois príncipes à presença do rei, que os julgou logo sem direito à coroa, por isso que a peça de pano que levavam só passava pelo fundo de uma agulha de coser sacos.

Voltando-se para seu filho mais moço:

— “E tu meu filho, foste tão feliz como da outra vez?”

— “Suponho que sim, meu pai. Aqui está a peça de pano que o senhor deseja. Tem cem metros de comprimento por trinta de largura”.

Apresentou a caixinha que lhe havia dado a Gatinha.

O rei não quis acreditar que uma caixa do tamanho de um dado pudesse conter tanto pano, mas para se certificar abriu-a.

Encontrou dentro uma caixa de vidro.

Todos começaram a duvidar do jovem príncipe, quando este pediu a seu pai que abrisse a segunda caixinha.

Este abriu-a e encontrou um grão de milho.

Aumentaram as zombarias ao príncipe Nestor, dizendo que tinha sido enganado, e ele mesmo, um tanto envergonhado, disse consigo mesmo:

— “Será possível que a Gatinha Branca me tenha ludibriado?”

Nestor sentiu uma arranhadela na mão. Com-

preendeu que era a Gatinha, que não queria que êle duvidasse de sua palavra; e, virando-se para tôdas as pessoas presentes, disse:

— “Garanto a todos que encontrarão cem metros de pano de comprimento por trinta de largura”.

O rei já se via satisfeito, por ver que a coroa não passaria a nenhum dos seus filhos, e, para contentar o príncipe Nestor, mandou que êle quebrasse o grão de milho.

Êste imediatamente partiu-o, e encontrou um grão de ervilha; que também quebrou tirando de dentro um pano tendo em todo o comprimento e largura pintadas tôdas as qualidades de pássaros, peixes e animais.

Todos se admiraram de ver um pano assim, e foram de acôrdo que a coroa pertencia a Nestor.

Todavia o rei desta vez ainda não quis ceder, dizendo:

— “Meus filhos, é a última experiência que faço. De bom grado daria o meu reino a meu filho mais moço, que é o que se tem saído melhor em suas aventuras, porém acho que um homem solteiro não governa bem um reino tão importante como é o meu. Por isso dou-vos um ano de prazo para trazer a mulher mais bonita que encontrardes. Aquêlle que trazer a que mais me agradar, será o rei meu substituto, e casar-se-á com a moça. Quero gozar a minha velhice cercado de netinhos”.

Os três príncipes saíram do castelo, indo Nestor, no seu cavalo de pau, em direção ao palácio da Gatinha.

Chegando ali contou-lhe qual a incumbência que o pai lhe fazia, dizendo achá-lo impossível conseguiu-lo.

— “Não, príncipe, eu te ajudarei no que puder. Talvez saiba de alguma moça formosa, que queira ir em tua companhia”.

— “Não, minha Gatinha, estou disposto a não voltar mais ao palácio; e peço-te o que já pedi uma vez: amo-te muito, e o meu maior desespero é ficar sem tua companhia”.

— “Não penses nisso, príncipe. Cuidemos do meio de fazer a vontade a teu pai, e, enquanto não o encontrarmos, divirtamo-nos”.

Passou o príncipe mais um ano no palácio da Gatinha, e já estava esquecido do que viera ali fazer, quando um dia lhe disse a sua amiga:

— “Meu caro príncipe, é depois de amanhã que deves estar no palácio do rei, com a moça que levarás, e previno-te que arranjei uma, linda como os amores”.

— “Pois, eu minha Gatinha, desisto de tudo, porque uma das condições que meu pai apresentou foi aquêla que levar a moça mais bonita e casar-se com ela, e eu não quero deixar de gozar tua preciosa companhia”.

— “Não, príncipe Nestor, deves fazer o que te

digo, que é para teu bem, e talvez para o meu. Arranjei a moça que procuras, mas é preciso um sacrificio de tua parte, para levá-la”.

— “Dize-me qual é, que o farei, uma vez que é para meu beneficio, e talvez para o teu, como dizes”.

— “Só terás a moça, que é de uma beleza nunca vista, se me cortares a cabeça e a cauda, e as jogares no fogo”.

— “Isso, não, Gatinha: prefiro morrer, abandonar todos os reinos da terra, a ter que fazer tal barbaridade”.

— “Mas olha que é preciso; e se me tens a amizade que dizes, faze o que te peço de joelhos, que é para meu beneficio”.

— “Pois bem, fá-lo-ei, se jurares que nada te acontecerá”.

— “Garanto-te que até serei mais feliz”.

Nestor fêz o que lhe disse a Gatinha.

Com mão trêmula pegou num facão, que ali apparecera por encanto, e de olhos fechados cortou-lhe a cabeça e o rabo.

Quando abriu os olhos, ficou deslumbrado.

Em sua frente estava uma moça de uma beleza extraordinária, que lhe disse:

— “Obrigada, príncipe, pelo serviço que acabas de me prestar. Estou às tuas ordens, para irmos ao palácio d’El-rei teu pai. Sou uma princesa, transformada na Gatinha que conheceste, por uma fada má, inimiga da minha madrinha, a fada Beleza.

Só me desencantaria quando um príncipe me amasse no meu envólucro de gata, e me matasse. Salvaste-me, e hoje sou a rainha Marocas, senhora de seis reinos. Vamos ter com teu pai que, estou certa, não me recusará para nora”.

O príncipe estava estupefacto ante um fato tão estranho, e em frente de uma formosa mulher, tão linda como nunca vira nem em sonhos.

Marocas mandou que seus vassallos, que eram os antigos gatos, também desencantados, preparassem a carruagem que os devia levar ao reino do pai do príncipe Nestor.

Era um lindo carrinho puxado por dez mil casais de pombos brancos, atrelados por cordões de ouro, onde, de espaço a espaço, havia um brilhante do tamanho de um grão de milho.

Quando os dois jovens chegaram ao palácio do rei, foi uma surpresa geral.

Os dois irmãos de Nestor não quiseram mostrar as suas noivas, envergonhados, embora fôsem formosíssimas.

O rei, vendo aquela mulher com seu filho, lhe disse:



— “Agora, meu querido filho, tens o direito à minha coroa, e estimo-o bem, vendo que vou ter uma nora como não há igual. Só ela vale todos os reinos que existem”.

— “Real Majestade”, disse a rainha Marocas, “desculpai se não aceitamos a vossa coroa. Pretendemos somente o vosso consentimento para nos casarmos. Podeis ficar com o vosso reino, e com mais um, que vos ofereço. Os meus cunhados serão reis de dois reinos, também meus, desanexos da minha coroa, porque nos bastam, a mim e ao príncipe Nestor, três reinos que governaremos em boa harmonia”.

O rei ficou contentíssimo com o que acabava de ouvir.

Efetuaram-se os casamentos dos três príncipes irmãos, no mesmo dia, com as maiores pompas que tem havido em casamentos de príncipes.

Cada um dos três príncipes foi tomar conta dos seus reinos, ficando satisfeitos e vivendo felizes por muito tempo.





ILHO de um simples operário, Carolino lembrou-se um dia de se intitular adivinho. Era um moço esperto como poucos, e viu que este mundo era dos espertalhões. Anunciou que curava tôdas as doenças e que era capaz de adivinhar quantos segredos houvesse.

Lembrando-se, porém, que ninguém é profeta em sua terra, Carolino mudou-se da cidade. Foi residir na capital do reino, onde tôda a gente o conhecia por dr. Grilo, em vista da sua imensa altura e extraordinária magreza.

Em pouco tempo, o dr. Grilo tornou-se célebre. Com charlatanice, conseguia coisas maravilhosas.

*
* * *

Sucedeu, entretanto, que o rei, sabendo daquilo, mandou chamá-lo ao palácio.

O dr. Grilo para lá se dirigiu, tremendo de susto, sabendo que o soberano era malvado, e que com êle ninguém brincava.

Apresentando-lhe a mão fechada, ordenou-lhe sua majestade que dissesse o que era que ali estava.

Vendo-se naqueles assados, o rapaz exclamou:

— “Ah! Grilo! em que mãos estás metido”.

— “E’ verdade”, disse o rei abrindo a mão. “E’ mesmo um grilo que tenho aqui”.

*
* * *

Tempos depois, o monarca fê-lo comparecer novamente à sua presença:

— “De que bicho é êste sangue?”, indagou, apresentando um frasquinho.

O adivinho, desesperado, não tendo outra coisa que fazer, disse:

— “Aí é que a porca torce o rabo”.

— “E’ de porca mesmo. Adivinhaste”, disse o rei.

Passado um mês, como prosseguissem os su-



cessos assombrosos do rapaz, o soberano mandou que o trouxessem, pela terceira vez.

Ordenou-lhe sob pena de morte, que descobrisse os ladrões de um tesouro real.

Os verdadeiros gatunos, que eram três criados do paço, receiando que o dr. Grilo de fato adivinhasse, foram ter com êle e suplicaram-lhe que os não deitasse a perder.

O rapaz, sem perda de tempo, denunciou-os ao rei.

Grilo foi nomeado, então, médico do hospital militar.

Havia nessa ocasião uma grande epidemia que grassava entre os soldados, sem que médico algum soubesse descobrir o que era.

Assim que foi nomeado, o falso doutor dirigiu-se à enfermaria, e declarou que, no dia seguinte, iria autopsiar todos os enfermos mesmo vivos.

Pela manhã estavam todos bons, e o hospital completamente vazio, pois os soldados nada tinham, fingindo-se doentes, a fim de não irem para a guerra.

O rei, acreditando na ciência de Carolino, deu-lhe carta de nobreza e grandes riquezas.





USTAVO era um simples lavrador, mal sabendo ler e escrever.

Desejando, porém, ter um doutor na família, mandou Lucas, seu filho, para S. Paulo estudar Direito.

O rapaz, porém, meteu-se na pândega, gastou todo o dinheiro que o velho lhe enviava, com grandes sacrifícios, e, ao cabo de cinco anos, sabia tanto como quando ali chegara.

Forçoso foi, no fim dêste tempo, voltar para a roça.

Ai chegando, quis aparentar que era muito instruído, e vendo que os cães latiam, não o conhecendo, bradou-lhe:

— “O’ canes de mi patri, nos conhêcetis vostrum amum?”



O pai, ouvindo aquilo, ficou cheio de alegria e disse para mulher:

— “O’ Joana! que bem empregado foi o nosso dinheiro. Olha que o doutor atã Tala latim com os cachorros!”

O lavrador nessa ocasião estava a braços com uma demanda e mandou que o filho fôsse advogado-la.

Vendo que os juizes, escrivães, e mais gente do fôro, eram tão lorpas como êle, o rapaz apresentou-se sem receio, impando vaidade, de chapéu à cabeça, falando alto:

— “Ed nabis in saqui! Quid espígoide! Ego mettidum cum ladrones e burrorum. Pagavít cum lingue de pau!”

Ouvindo aquêlê arrazoado os demandistas acharam mais razoável desistir do processo, mesmo porque não tinham razão, e o velho lavrador era o legítimo dono das terras.

E foi assim que o rapaz se viu elevado a grandes alturas, considerado o primeiro advogado do mundo.



OS ANÕEZINHOS FETICEIROS



ONÓRIO Pereira e Leandro Pacheco saíram um dia de casa, para correr mundo, até encontrarem onde pudessem ganhar honradamente a vida.

Ao cabo de muitas semanas de jornada, à hora do anoitecer enquanto caminhavam, cansados de tanto andar, ouviram improvistamente os sons longínquos de uma deliciosa música, cada vez mais distintos, à proporção que se iam aproximando.

Era uma harmonia estranha, mas tão suave ao mesmo tempo, que esqueceram a fadiga sentida depois de tão longa e penosa viagem, para se enca-

minharem a tôda a pressa em direção ao lugar de onde pareciam vir aqueles dulcíssimos sons.

A lua brilhava majestosa e clara, quando chegaram à encosta de um monte.

Aí viram numerosos grupos de pequeninos anões dançando alegres, de mãos dadas, fazendo roda como na brincadeira da "Sinhá viuvinha das bandas dalém".

No centro achava-se um velhinho, mais bem vestido que os outros, imponente, com a sua longa barba muito branca, que lhe chegava quase até aos joelhos.

Assim que o velho — naturalmente o Rei dos Anõezinhos — avistou os dois companheiros, fêz-lhes amistosos sinais com a mão, para que se aproximassem, e os dançarinos abriram a roda dando passagem franca.

Leandro, que era um pouco corcunda, e ousado, como a maior parte das pessoas assim defeituosas, penetrou no círculo, sem a menor hesitação. Pereira, mais acanhado e tímido, vendo a resolução do camarada, resolveu-se a imitá-lo.

Fechou-se em seguida a roda dos alegres fôliões que recomeçaram com as suas músicas, bailados e cantigas.

Os dois aventureiros estavam admirados. Era a primeira vez que viam homens e mulheres, perfeitos como todo o mundo, com a única diferença

que o mais alto não chegava a ter um metro de altura.

Contemplava com espanto aquela cena, quando o anãozinho-chefe tirou do bôlso, uma grande navalha, afiada, e dirigiu-se para êles.

Ficaram transidos de medo, mais mortos do que vivos, pensando que iam ser assassinados.

O velhote, sem pronunciar palavra, agarrou os dois viajantes — primeiro um e depois o outro — e, num abrir e fechar de olhos, raspou-lhe completamente as caras e as cabeças, dizendo depois:

— “Vocês fizeram muito bem em consentir que eu os barbeasse. Em paga vou dar-lhes um presente. Levem consigo um bocado daquele coque que ali está”.

Apontou para um monte de carvão, que havia a um lado, e os dois, obedecendo, encheram os bolsos de pedras de vários tamanhos, embora não pudessem saber para que lhes serviriam elas.

Saindo dali, caminharam para a vila mais próxima. Na estalagem em que pernoitaram, de tão fatigados que estavam, dormiram assim mesmo vestidos, esquecendo até de tirar os pedaços de carvão de pedra que haviam guardado nas algibeiras.

Pela manhã, ao despertarem, quando iam levantar-se, sentiram-se extraordinariamente pesados, quase sem poderem mover-se. Lembraram-se, então, do presente dos anõezinhos e foram vê-los.

Em vez de pedaços de coque, feios e pretos, foi

com surpresa e contentamento que encontraram lindíssimos e enormes diamantes de extraordinário brilho e fabuloso valor. Em lugar também das cabeças peladas e caras lisas com que se tinham deitado, viram-se de novo com bons cabelos e belas barbas.

Estavam ricos, mas o corcunda Leandro Pacheco não se contentou com a sua sorte.

Não quis prosseguir na viagem naquele mesmo dia, e mal anoiteceu dirigiu-se sozinho — porque Pereira não o quis acompanhar — para a montanha onde encontrara os anõezinhos.

Chegaram aí, repetiu-se ponto por ponto a cena da véspera. Depois que o chefe dos anões o barbeou, mandou-o apanhar carvão. Pacheco, que se tinha prevenido, encheu dois grandes sacos, transportou-os dificilmente, arfando de cansaço, suando com abundância, até à hospedaria.

Na manhã seguinte, despertou cheio de curiosidade, pela madrugada ainda, e correu pressuroso a ver os sacos, mas só encontrou as mesmas gros-



seiras pedras que tinha catado na véspera. Ficou desesperado, mas lembrou-se que ainda era muito rico, possuidor dos brilhantes da primeira noite.

Foi contemplá-los; êles, porém, haviam tornado à sua primitiva forma, e êle estava outra vez pobre, paupérrimo, como saíra da sua aldeia.

Para cúmulo do caiporismo e castigo de sua desmedida ambição, viu-se sem um só fio de barba e de cabelo, e a sua corcunda crescera, muitíssimo desenvolvida.

Honório Pereira, porém, consolou-o, pondo à sua disposição metade dos diamantes que possuía, depois de aconselhá-lo que, para o futuro, não fôsse ambicioso de riquezas, e se contentasse com a sorte.





ISOLADA de outras habitações havia uma casa onde ninguém morava, porque se dizia que era mal assombrada: à meia-noite ouviam-se ruídos de correntes, gritos, gemidos e suspiros, e uma luzinha brilhava, ora numa janela, ora noutra. O proprietário não achava alugador, e mesmo não queria saber dela, que ia se aruinando pouco a pouco.

Um dia procuraram-no duas mulheres — mãe e filha — muito pobres, que acabavam de ser expulsas da casinha em que moravam. Pediam-lhe licença para ocupar a casa mal assombrada.

O homem admirou-se daquele pedido, e depois de avisá-las dos perigos que corriam, consentiu sem dificuldade.

As duas mulheres no mesmo dia mudaram-se.

Eram onze horas da noite, quando foram se deitar, nada tendo visto nem ouvido de extraordinário. A mãe, como já era velha, e se sentia cansada das arrumações, dormiu logo. A filha, porém ficou acordada, rolando na cama, sem conseguir adormecer.

Uma hora depois, ouviu o sino da matriz bater meia-noite. No mesmo instante a moça escutou um ruído estranho, enquanto uma voz gemia.

— “Eu caio!... eu caio!...”

Ela olhou para cima, de onde parecia vir a voz. Nada via, mas disse:

— “Pois caia, com Deus e a Virgem Maria!”

Do teto do quarto caíram duas pernas.

A mesma voz assim falou mais três vêzes, e a rapariga dando sempre a mesma resposta, viu cair sucessivamente o tronco, os braços e a cabeça de um homem.

Os quatro pedaços reuniram-se, e apareceu uma criatura humana, tão pálida como um cadáver que lhe falou:

— “Se não tens medo, vem comigo”.

Adelaide acompanhou-o atravessando tôda a casa, até chegarem ambos ao quintal.

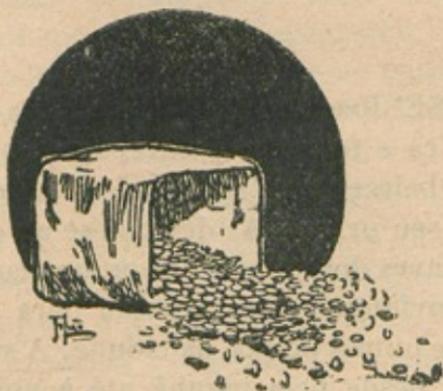
Aí debaixo de um tamarindeiro, o morto mandou-a cavar a terra, encontrando uma lata com dinheiro, que transportaram para dentro.

Chegando ao quarto, disse-lhe o defunto:

— “Eu sou uma Alma Penada, que ando sofrendo por causa dêste dinheiro. Quando era vivo roubei-o a uma pobre viúva, desgraçando-a bem como aos órfãos, seus filhos. Dêste dinheiro, a metade é para você e sua mãe, e a outra metade é para distribuir com os pobres, e mandar rezar cem missas por minha alma”.

Acabando de falar, a Alma Penada desapareceu.

Adelaide fêz tudo o que êle havia mandado, e ficou rica para o resto da vida.





JOSE' Joaquim de Sousa e Silva veio da terra e foi para Jacarepaguá, onde se estabeleceu, protegido pelo Manuel da Venda, seu primo. Aí dedicou-se ao comércio de aves domésticas e ovos, que comprava em porção, enviando-os em seguida para a Praça do Mercado, e outros pontos da cidade. A sua lida com a criação, desde pela manhã até à noite, durante

anos, sempre na mesma casa, eternamente no mesmo lugar, valeu-lhe a alcunha de Zé Galinha, porque era conhecido, verdadeiramente, popular em Jacarepaguá e terras adjacentes. Ninguém sabia quem era o Sousa e Silva, nem José Joaquim. Perguntassem, porém, pelo Zé Galinha, que todo o mundo apontaria a sua casa.

E o Sousa desesperava-se com aquilo: ralava-o a autonomasia que lhe haviam pôsto, e daria bem um par de mil cruzeiros se conseguisse ser chamado de outra forma. Nos primeiros tempos, quando começara a vida, pouco se lhe dava que o chamassem assim ou assado: queria ganhar dinheiro, fazer fortuna e volver à aldeia.

Mas, depois de vinte anos, aclimado em Jacarepaguá, rico, já casado e com filhos, resolveu-se ficar. Abraçou outro ramo de negócio, abriu um um grande armazém de secos e molhados, e acabou o negócio de galinhas, patos e perus.

A alcunha, porém, ficou. Ele era o Zé Galinha. Parecia até que aquilo era proposital. Quanto mais se enfurecia, e maiores esforços empregava para que a antonomasia fôsse esquecida, tôda a gente se obstinava em chamá-lo assim.

Foi então que o Sousa resolveu comendadorizar-se. Veio ao Rio, e conversou com o barão de São Caetano, chefe da Colônia, assinou dez mil cruzeiros para o Asilo dos Órfãos Lusitanos, recentemente fundado, e esperou a comenda.

Durante uma semana passou êle na cidade, divertindo-se à farta, para compensar um pouco a sua vida cheia de trabalhos.



Havia chegado no domingo, e o João Carne Sêca, da rua das Violas, em cuja casa se hospedara, levou-o ao teatro, que êle não conhecia.

A princípio o Zé Galinha não queria ir, mas o outro influiu-o tanto, animou-o de tal forma, que se resolveu finalmente.

Enfiado numa sobrecasaca de pano, comprada feita na rua do Hospício, encartolado, de calças brancas e botinas de verniz, o futuro comendador ficou disfarçado. Nem êle mesmo se conheceu!

Ao entrar no Cascata, onde o João ia tomar café, a sua figura exótica refletiu-se em um dos espelhos. E como caminhasse em frente, vendo aquêle cavalheiro que se dirigia para êle, em sentido opôsto, recuou delicadamente para a direita, a fim de ceder o lugar. E vai o "outro" justamente na mesma ocasião, recua. O Zé tomou a esquer-

da; o "outro" idem. O Zé parou; o "outro" imitou-o.

Vendo aquela contradança, o João, que já estava sentado, perguntou-lhe:

— "Que diabo estás a fazer aí, ó Sousa?"

E o Sousa, sorrindo-se, medonhamente encalis-trado:

— "Estou dando lugar para aquêlê cavalheiro passar".

O João rompeu numa gargalhada colossal:

— "O' rapaz! pois não estás vendo que aquilo é a tua imagem no espelho?"

Saindo do café, dirigiam-se os dois para o teatro.

Deslumbrado, nunca tendo visto daquilo, o nosso homem quase não podia caminhar. Foi com dificuldade que o João o arrastou até as cadeiras, em uma das filas centrais.

Já havia começado o espetáculo, e o negociante permanecia de pé, não consentindo assim que os espectadores das filas atrás vissem o que se representava.

Então, algumas pessoas, aborrecidas com aquêlê estafermo, das torrinhas e da platéia bradaram:

— "Senta!... Senta!..."

Zé Galinha, imperturbável, voltou-se para trás, e no meio do silêncio que se fizera, respondeu:

— "Não se incomodem, meus senhores; estou bem de pé, muito obrigado."

Cessado o ligeiro incidente, depois de alguns segundos de prolongada hilaridade, tendo João obrigado o companheiro a sentar-se, o Sousa e Silva, conhecido em Jacarepaguá por Zé Galinha, assistiu calmamente à representação.

O primeiro ato correu sem novidade, salvo uma ou outra asneira, que perguntava ao companheiro, em voz baixa, para não fazer novo fiasco.

Representava-se a comédia "Uma hospedaria na roça". Quando o ator entra em cena e procura pela mulher, que está escondida atrás da porta, volta-se para a platéia, e interroga: "Onde estará ela? Onde estará Chiquinha? Onde estará?" E leva alguns minutos a procurá-la com açodamento, examinando o aposento.

Nessa ocasião, o ilustre jacarepaguense não pôde resistir, e, querendo mostrar a sua perspicácia, berrou:

— "Está aí atrás da porta, escondida para que o senhor não a veja".

Durante a semana em que Zé Galinha passou no Rio de Janeiro, nem um só dia deixou de ir ao teatro. Ficara gostando imensamente e andava maníaco.

De volta para Jacarepaguá, levava na mala uma enorme coleção de dramas, comédias, cenas cômicas e monólogos, comprados na Livraria Quaresma que principiou a ler com animação.

Estava lá à espera da comenda que o barão de S. Caetano lhe prometera, e que havia de fazer desaparecer para sempre a sua terrível alcunha. Lembrou-se, então, de mandar edificar um teatrinho, onde tencionava representar, fundando também uma sociedade dramática.

Em menos de um mês estava tudo pronto, e inaugurava-se o "Ginásio Dramático Beneficente Estrêla de Ouro de Jacarepaguá", sob a presidência do comendador José Joaquim de Sousa e Silva.



O ilustre comerciante queria realizar imponentes festas para comemorar dignamente a sua comenda. Seriam três dias de pândega, havendo em tôdas essas noites espetáculos e bailes.

A primeira peça escolhida para a estréia foi a tragédia em 8 atos "D. Nuno Álvares" ou o "O Poder do Lusitano".

O comendador Sousa e Silva fazia o papel de conde de Tomar.

Ao aparecer na primeira cena, passeiava lentamente, mudo, pensativo. A marcação da tragédia dizia: "O conde entra, mas não fala..."

E vai o Zé avança pelo palco, e exclama com voz de trovão:

— “O Conde entra, mas não fala!”

Como estava radiante o comendador José Joaquim de Sousa e Silva! Durante aquêles três dias nem uma só vez ouvira pronunciar a terrível alcunha de Zé Galinha. Jacarepaguá em festas tinha esquecido e agora só o chamava comendador.

Havia chegado a terceira noite, e nova tragédia ia exhibir-se: “O punhal envenenado”, ou “A Nódoa de Sangue”.

Logo no primeiro ato, ao erguer-se o pano, o Sousa aparecia disfarçado com longas barbas e longa cabeleira, de capa e espada. A cena, quase às escuras fingia um bosque.

D. Rufo, o chefe dos salteadores, entrava, e dizia:

— “Noite propícia; nem uma estrêla brilhando no firmamento!”

Faz-se profundo silêncio quando êle appareceu, e a frase foi bem lançada..

Mas de repente, no meio da quietação sepulcral, ouviu-se uma voz de criança exclamar:

— “O mamãe! Aquêles não é o “seu” Zé Galinha?!”

Escândalo nunca visto! Rebentou uma gargalhada, unissona, colossal.

Então, o Sousa, vendo perdido o seu tempo, o trabalho que tivera e o cobre com que comprara

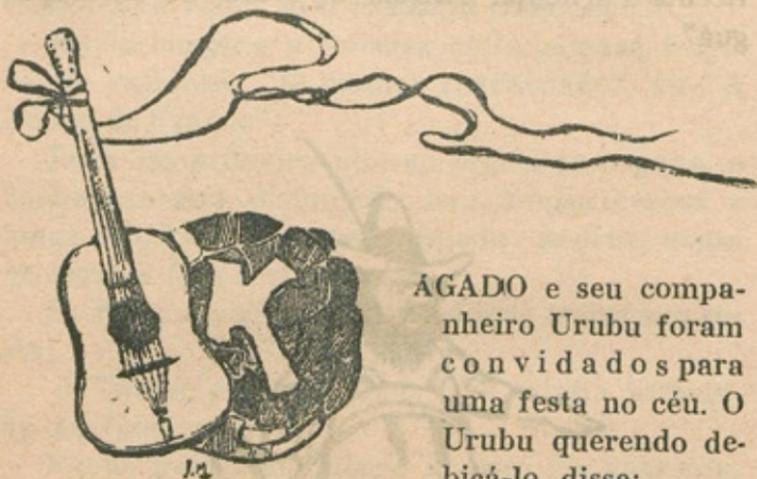
a comenda, ficou desnorteado; e arrancando com gesto brusco as barbas e a cabeleira, exclamou indignado:

— “Zé Galinha é você, seu malcriado! O culpado fui eu, metendo-me com essa gatinha! Arreia o pano!”

E assim acabou-se o “Ginásio Dramático Beneficente Particular Estrêla de Ouro de Jacarepaguá”.



O KÁGADO E O URUBU



KÁGADO e seu compa-
nheiro Urubu foram
convidados para
uma festa no céu. O
Urubu querendo de-
bicá-lo, disse:

— “Então, compadre Kágado, já sei que vai à festa e eu quero ir em sua companhia”.

— “Pois não”, respondeu o outro, “contando que você leve a sua viola”.

Separaram-se, ficando o Urubu de ir à casa do Kágado, para irem juntos.

No dia seguinte, logo muito cedo, o Urubu apareceu. O Kágado estava à janela, e assim que o viu voando escondeu-se.

O outro entrou, e foi a mulher quem o recebeu. Convidou-o a passar para a sala de jantar.

— “Venha cá para dentro tomar uma xícara de café. Deixe aí a sua violinha, que ninguém a quebra”.

O Kágado, assim que o Urubu passou, meteu-se dentro da viola.

— “E seu marido, comadre?”

— “Ora, mandou pedir muitas desculpas, mas já foi adiante”.

O Urubu, acabando o café, pegou na viola sem nada desconfiar, abriu vô e chegou ao céu.

Perguntaram-lhe pelo Kágado, sabendo que haviam combinado vir juntos.

— “Qual! Pois vocês pensam que êle vem? Quando lá em baixo êle nem sabe andar, quanto mais voar!”

Pilhando-o distraído, o Kágado saiu da viola e apareceu no meio dos outros, que se admiraram muito ao vê-lo.

Dançaram e brincaram até tarde.

Acabada a festa, usando do mesmo estratagemma, o Kágado meteu-se dentro da viola.

O Urubu descia voando, quando o Kágado se mexeu sem querer.

— “Ah! é assim que você sabe voar? Pois voa mais depressa”, exclamou o companheiro, virando a caixa.

O Kágado despenhou-se daquela imensa altura, e, quando vinha chegando à terra, vendo que ia se esborrachar sôbre uma pedra, começou a berrar:

— “Arreda, pedra, senão eu te esborracho!”

Quem caiu foi êle, que se achatou completamente, ficando com a forma que ainda hoje se conserva.





LUÍSA era uma princesa, que tinha tudo quanto podia haver de mais formoso. Quem a via, ficava perdido de amôres.

Pretendentes sem conta, todos os reis da terra, apareceram, pedindo-a em casamento. Luísa recusou-os, declarando que só se casaria com o homem, fôsse quem fôsse, capaz de fazer uma adivinhação, que ela não conseguisse decifrar.

Sabendo disso, um rapaz, conhecido por Zé Tolinho, quis ver se obtinha aquêle impossível. Filho de um viúvo que se casara em segundas núpcias, a

madrasta maltratava-o. Era um desgraçado, tanto lhe fazia viver como morrer.

Saiu de casa, em companhia de uma cachorra chamada "Pita", levando um pedaço de pão, que a madраста lhe dera.

Ia reparando em tudo quanto via pelo caminho.

Sentindo fome, estava para trincar o pão, quando se lembrou que a madраста podia tê-lo envenenado.

Para experimentar deu-o à cadelinha, que caiu morta no mesmo instante.

Estava a enterrar o pobre animalzinho, e ia pô-lo no buraco que cavara, mas não teve tempo: uma nuvem de urubus desceu, e alguns, mais ousados, devoraram-na de pronto. Sete mais esfomeados, morreram.

Tolinho caminhou adiante, levando os urubus mortos.

Chegando a uma casa que havia à beira da estrada, três bandidos, tomaram-lhe à fôrça os urubus. Havia muitos dias que se achavam foragidos da policia, e morriam de fome. Atiraram-se aos urubus, julgando que eram galinhas, e morreram envenenados.

Vendo-os mortos, Tolinho escolheu a melhor espingarda, e prosseguiu na jornada.

Um pouco mais longe avistou um macaco trepado sôbre uma árvore. Apontou a espingarda, fêz fogo, mas errou o tiro, indo porém matar uma pom-

ba-rôla que não vira. Depenou-a, assou-a, fazendo fogo com a madeira conhecida por santa cruz, e comeu-a. Sentia sede, e não tendo água, apanhou o suor que lhe escorria do rosto, e bebeu-o”.

Terminado o frugal jantar, marchou pelo caminho em fora, encontrando um cavalo morto, levado pela correnteza do rio, enquanto que urubus o comiam.



Meia légua mais além, reparou que um burro escarvava o chão, até encontrar uma panela com dinheiro, ali enterrada. Apanhou o dinheiro, montou no animal e chegou ao palácio.

Quando Luísa soube que um novo pretendente se apresentava, marcou a hora para a audiência.

No salão principal do régio paço, perante a côrte, na presença dos maiores sábios, e mais illustres literatos, Tolinho compareceu, e propôs o enigma:

*“Eu sai com massa e Pita;
A massa matou a Pita;
E Pita matou a sete,
Que também a três mataram.
Das três a melhor colhi,
E atirando no que vi,
Fui matar o que não vi...
Foi com a madeira santa
Que cozinhei e comi;
Bebi água, não do céu;
Um morto vivos levava;
E o que os homens não sabiam,
Sabia um simples jumento...
Decifre, pra seu tormento...”*

Em vão Luísa tentou adivinhar o enigma.

Não o conseguindo, cumpriu a sua palavra, desposando Tolinho.





MIRAMIL III, grande e poderoso monarca, tinha três ministros que se gabavam de saber tudo quanto havia, quando não passavam de homens vulgares.

Uma vez, saindo a passeio com eles, encontrou um velho, que lhes tirou respeitosamente o chapéu.

— “Quanta neve vai pela serra!”, disse o rei.

— “Já é tempo dela, real senhor”, respondeu o velho roceiro.

— “Quantas vêzes já queimaste a casa?”

— “Duas, real senhor”.

— “Quantas vêzes tens de queimá-la?”

— “Três, real senhor”.

— “Se eu te mandar três patos, serás capaz de mos depenar?”

— “Quantos mandardes, real senhor”.

Saindo dali o soberano ordenou que os três ministros respondessem o que êle havia conversado com o velho, sob pena de serem enforcados.



Os sabichões pediram uma semana de espera. Leram quantos livros encontraram, mas não puderam entender o que queria dizer o rei.

Resolveram, então, ir consultar o velhote às escondidas.

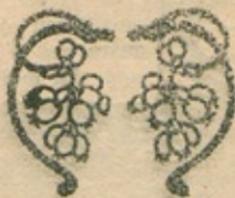
O velho comprometeu-se a responder com a condição de lhe darem êles a roupa que traziam consigo.

Os ministros aceitaram. Despiram-se:

— “Quanta neve vai pela serra, quer dizer que já tenho a cabeça muito branca, e pōr isso respondi que já era tempo dela, pois já era bem velho. Queimar a casa, é casar uma filha, porquanto, quem casa uma filha, gasta tanto, como se tivesse tido um incêndio. E os três patos para depenar são os senhores”.

Quando o ancião acabou de falar, apareceu o rei, que se achava escondidō.

Os três ministros, ficaram com medo, mas o mo-larca sossegou-os. Não os mandou matar, condemnou-os, porém, a dar bons dotes às três filhas do velho que ainda estavam por casar.





U

UMA terra selvagem havia o barbaro costume de levarem os filhos os pais para o mato quando ficavam velhos e já não podiam mais trabalhar, para os deixar morrer de fome.

Um dia, um rapaz, seguindo aquella tradição, carregou com o pai às costas, e foi abandoná-lo no mato. Chegando aí, como tinha bom coração, deixou-lhe uma capa, afim de o resguardar do frio.

— Tens aí uma faca, rapaz? perguntou-lhe o velho, quando o filho se ia retirando.

— Tenho, sim, senhor. Para que?

— E' para cortar um pedaço desta capa, afim de servir para ti, quando teu filho te trouxer.

O rapaz ficou comovido, reconsiderou o seu ato, e trouxe outra vez o pai, acabando assim com tão malvado costume.



REINO da Pérsia foi há séculos passados governado pelo rei Nebhul.

Esse rei, que vivia muito feliz governandõ o povo com sabedoria, um dia ficou cego.

Mandou chamar todos os médicos do seu reino, todos os curandeiros, tôdas as feiticeiras, para lhe darem algum remédio que o curasse.

Nada puderam conseguir.

Já estava Nebhul desanimado, e conformado com a sua triste vida, quando um dia, apareceu uma velhinha, pedindo esmola.

Sabendo que o rei havia cegado, pediu para lhe ensinar o remédio que havia de o curar.

O rei mandou entrar a velhinha, que lhe disse: — “Saiba vossa real majestade que no mundo só existe um remédio capaz de o fazer recobrar a sua preciosa vista. Existe num reino muitíssimo distante daqui, uma fonte chamada da “Rainha das Águas”. Se alguém conseguir um pouco dessa água, e colocá-la sobre os olhos, imediatamente verá tão bem como um pássaro. Mas é muito difícil ir a esse reino. Quem fôr buscar a água deve se entender com uma velhinha que mora perto da fonte. Essa velhinha é quem há de informar se o dragão que vigia a entrada da fonte está dormindo ou acordado, porque a fonte está situada atrás de umas montanhas muito altas, e, se alguém fôr visto pelo terrível bicho, morrerá no mesmo instante.

O rei Nebhul deu à velhinha grande quantia, e retirou-se para os seus aposentos.

Mandou preparar uma grande esquadra composta de duzentos navios, e enviou seu filho mais velho, o príncipe Agar, para buscar a água, dizendo que lhe dava o prazo de um ano para estar de volta, aconselhando-o que não saltasse em país algum, para não se distrair; e que, se naquele prazo não voltasse, considerá-lo-ia morto pelo dragão.

O moço partiu; e, depois de viajar muito, foi aportar a um país estranho e muito rico.

Saltou em terra, e começou a se divertir a ponto de gastar todo o dinheiro que levava, e a contrair dívidas, pelo que ficou prêso.

Passado o ano, Nebhul, não o vendo voltar, ficou triste, julgando-o morto.

Mandou preparar nova esquadra de quinhentos navios porque supunha que seu filho morrera na guerra que travara no Reino das Águas, em busca do remédio para a sua cegueira.

Enviou seu filho segundo, o príncipe André.

Fêz-lhe a mesma recomendação:

— “Se no prazo de um ano, meu filho, não estiveres de volta, terei que chorar tua morte”.

Partiu André, e, depois de muito viajar, aportou ao mesmo país que seu irmão Agar.

Aí, fascinado pelas festas, gastou tudo quanto levava, contraiu grandes dívidas, e, como seu irmão, ficou prêso.

Passado um ano, vendo o rei que o seu outro filho não voltava, ficou desanimado, e sem esperanças de recuperar a vista, pois supunha que André houvesse tido o mesmo fim que o primeiro.

Então, o mais moço, o jovem Oscar, que ainda era menino, foi se oferecer para ir buscar o remédio.

— “Agora, quero ir eu, meu pai; e se fôr, garantando que lhe trarei a água”.

O rei começou a brincar:

— “Como queres tu ir, meu filho? Não vês a sorte de teus irmãos mais velhos? Que é feito dêles? Morreram. Como posso eu deixar que faças semelhante viagem? Seria até um contrassenso’.

O menino tanto insistiu, tanto pèdiu, tanto ro-gou, que, afinal o rei, para o contentar, lhe concedeu a licença pedida.

Mandou preparar uma esquadra de cem navios, menor que a dos outros dois príncipes, e disse a Oscar que partisse quando quisesse.

O menino, antes de partir, foi assistir à missa no palácio, e pediu com todo o fervor a Nossa Senhora que o protegesse na emprêsa a que se ia ar-riscar.

Partiu no dia seguinte, e, depois de muito nave-gar, foi aportar no mesmo país onde estavam seus irmãos presos por causa das dívidas.

Pagou-as e soltou-os.

Os dois irmãos aconselharam-lhe que não con-tinuasse a viagem o que era tempo perdido, pois aquêle país era muito divertido, e que se deixasse ficar por ali.

O menino nada quis ouvir, e, embarcando de novo, partiu em direção ao Reino das Águas.

Chegando aí, desembarcou sòzinho, e foi pro-curar a velhinha, que morava perto da fonte, a qual, quando o viu, ficou admirada e disse:

— “O’ meu netinho, que veio cá fazer? Olhe que você corre grande perigo. O dragão, guarda da

fonte, que fica por trás daquelas montanhas, é uma princesa encantada, que tudo devora. Procure uma ocasião em que esteja dormindo, para entrar e repare bem que, quando estiver com os olhos abertos, é que está dormindo; mas, se estiver com os olhos fechados, acautele-se, senão morre”.

O menino tomou as suas precauções, de modo que, ao chegar à fonte, encontrou a fera com os olhos abertos”.

Aproximou-se da fonte, e encheu a garrafa que levava.

Já se ia retirando, quando o dragão acordou, e avançou sôbre êle.

— “Que atrevimento é êsse, menino mortal, que faz com que tenhas a audácia de vir aos meus reinos ”

O moço só teve tempo de desembainhar a espada.

Em um dos botes a fera foi ferida, e, com o sangue que gotejava, se desencantou numa formosa princesa.

— “Devo casar-me com o homem que me desencantou. Dou-te um ano, jovem príncipe, para me vires buscar. Leva a água a teu pai, e volta. Se dentro dêsse prazo não estiveres aqui, irei buscar-te, onde estiveres”.

Como sinal para ser reconhecido, deu-lhe a princesa, um anel com um brilhante enorme.

O príncipe Oscar voltou ao país, passando pelo reino onde estavam seus irmãos, levou-os para bordo, com o fim de os conduzir ao palácio do rei Nebhul, seu pai.

Quando os dois irmãos mais velhos souberam que o príncipezinho tinha se saído bem da empresa, ficaram invejosos e planejaram roubar a garrafa que continha a preciosa água.

Essa garrafa estava na mala do príncipe Oscar que a não deixava um minuto sequer, guardando consigo a chave, quando se ia deitar.

Propuseram ao irmãozinho dar um grande banquete a bordo do navio, convidando para isso toda a oficialidade, banquete êsse em regozijo por se ter encontrado a água que havia de dar a vista ao velho rei Nebhul.

O príncipe Oscar consentiu, e os irmãos, cujo fim era embebedá-lo, durante as saúdes que se fizessem, ficaram contentes com a aquiescência do príncipezinho.

Fizeram a coisa tão bem feita que o jovem Oscar se excedeu nas saúdes, a ponto de ficar embriagado.

Os dois irmãos, assim que o viram naquele estado, correram à mala, e trocaram a garrafa da fonte, por uma de água do mar.

Oscar, assim que ficou bom, tratou de ver a sua mala, e, como a achou intacta, não desconfiou da troca.

Quando a esquadra se apresentou no pôrto da cidade onde vivia o Rei Nebhul, houve satisfação geral, sendo o príncipezinho recebido entre geraes aplausos.

Assim que deitou a água nos olhos de seu pai, este ficou desesperado de dor. Então, os dois irmãos, chamando o mais moço de impostor, trouxeram a garrafa que haviam roubado, e puseram a água nos olhos do rei, que recuperou imediatamente a vista.

Jagar e André recebiam aplausos de todo o mundo, que admirava a sua intrepidez, arriscando a vida em uma viagem tão perigosa.

O rei Nebhul, não quis que o príncipe Oscar assistisse às festas. Mandou matá-lo, dizendo que um impostor como êle, merecia ser queimado vivo.

No dia em que devia começar a festa em homenagem a tão valentes príncipes, seguiu de manhã cedo, para uma floresta muito longe do castelo, o príncipe Oscar, acompanhado de um batalhão enorme que devia matá-lo.

Os soldados, assim que chegaram no meio da floresta, tiveram pena do príncipezinho, e, em vez de matá-lo, cortaram-lhe um dedo, que foram levar ao rei Nebhul como prova de sua morte.

Oscar, assim que se viu livre da morte, começou a procurar a vida, porque naquele lugar, tão deserto, morreria de fome ou nas garras de algum animal feroz, dos que ali havia em quantidade.

Depois de andar muito, foi ter à casa de um lavrador, a quem ofereceu os seus serviços.

O lavrador, vendo aquêlê menino, só, naquele lugar deserto, tomou-o para escravo e o maltratava todos os dias.

Já havia passado um ano, e era êsse o tempo marcado pela Rainha das Águas para o príncipe Oscar ir buscá-la, e efetuarem o casamento.

Não aparecendo, resolveu ela ir buscá-lo.

Mandou preparar uma esquadra de cem navios, e partiu em direção ao reino do rei Nebhul.

Aí chegando, mandou um dos seus generais avisar ao rei que lhe mandasse o príncipe que, um ano antes, tinha ido ao seu reino buscar água de uma fonte que lhe havia de restituir a vista, e que tendo o príncipe lhe prometido casamento, e não voltando, ia à sua procura.

Mandava dizer ainda que se o príncipe não viesse, arrazaria a cidade em meia hora, com os poderosos canhões de sua esquadra.

Nebhul, à vista da intimação, ficou aflito, e mandou que o príncipe Agar fôsse a bordo se apresentar à princesa.

Chegando a bordo, lhe disse ela:

— “Homem atrevido, como tens coragem de aparecer aqui? Onde está o sinal que te dei para o nosso reconhecimento?”

O príncipe, que não tinha ciência de sinal algum, voltou para terra, envergonhado de ter feito figura tão triste diante de uma formosa dama.

A princesa enviou nova intimação ao rei Nebhul, e êste, cada vez mais aflito, fêz ir seu filho André, à presença da princesa.

O segundo filho foi tão feliz como seu irmão. Não tendo o reconhecimento da princesa, voltou envergonhado pelo fiasco que havia feito.

A princesa mandou nova intimação à terra, dizendo que, se em vinte e quatro horas, o príncipe que lhe prometera casamento não lhe aparecesse, mandaria arrazar a cidade, e depois incendiá-la.

O rei ficou aflitíssimo, pois não tendo mais nenhum outro filho, esperava com ânsia o prazo marcado para o extermínio de seu povo.

Já estava arrependido de ter mandado matar Oscar, quando um dos soldados do batalhão que acompanhou o menino à floresta disse que êles não tinham tido coragem de matar o jovem moço, e só lhe haviam cortado o dedo.

Quando o rei soube disso, teve um raio de esperança. Mandou emissários por todo o seu grande reino, à procura do jovem príncipe Oscar, dando a todo o mundo os sinais do moço, e prometendo uma grande fortuna a quem o trouxesse ao seu palácio.

Pedi à princesa que lhe desse cinco dias de espera, dizendo que seu filho Oscar, que lhe havia

prometido casamento, estava em viagem, mas que já o havia mandado chamar com urgência.

A princesa concedeu o prazo pedido, dizendo que mais um segundo não concedia, e que se, contados os cinco dias, o príncipe não chegasse, não responderia pela vida de ninguém daquela cidade.

Havendo tanta gente a procurar o príncipe Oscar, muito fácil foi encontrá-lo como escravo do lavrador, onde trabalhava todo o dia, fazendo serões até alta noite.

Quando o lavrador soube que o seu escravo era um príncipe ficou mais morto que vivo.

Carregou o mocinho nas costas, e foi chorando levá-lo ao palácio do rei Nebhul.

*
* * *

Estava terminado o prazo, e a princesa já tinha mandado preparar os canhões para bombardear a cidade, quando o príncipe lhe fez sinal que esperasse, porque ia ter com ela.

Assim que o jovem chegou a bordo do navio onde estava a Rainha das Águas, colocou no dedo o anel de ouro.

Esta, reconhecendo o príncipe, mandou o general avisar ao Rei Nebhul que era aquêlo o seu noivo, e que podia ficar descansado por que não mais bombardearia a cidade, e que partiria no dia seguinte, com o noivo para o seu reino.

O rei convidou, então, a Rainha das Águas para vir visitá-lo, porque queria conhecer sua nora.

Estavam todos no palácio, quando apareceu uma velhinha pedindo uma esmola.

Oscar, vendo que era a mesma que lhe tinha ensinado o remédio para seu pai recuperar a vista, voltou-se para sua noiva, e disse:

— “E’ esta velhinha, formosa princesa, a quem devo a felicidade de me casar e de ver meu pai com a vista que tinha perdido”.

A Rainha das Águas, voltou para o seu reino e casou-se com Oscar, que ficou sendo o rei que governava o país mais rico e mais formoso do mundo.





A MOÇA DO LIXO

PASSAVAM um dia duas fadas por um jardim formosíssimo e bem tratado, quando viram um monte de esturme que o chacareiro havia deixado para esterçar a terra.

— “Que coisa nojenta!” disse uma delas. “Como é que se consente num jardim tão belo, tamanha porcaria, ainda que seja por um momento?!...”

— “Tive uma idéia”, disse a outra. “Eu fado para que essa estercaria se transforme numa mulher tão linda como a Leona, a princesa adivinha, que é a mais formosa criatura do mundo”.

— “E eu fado”, retorquiu a outra, “para que ela tenha um anel no dedo: Enquanto estiver com êsse anel, só poderá pronunciar a palavra “porcaria” sem que nada mais possa dizer. Tirando-se-lhe o anel, será uma moça instruída e espirituosa, ao passo que, quem o usar, ficará com o mesmo defeito”.

As duas fadas desapareceram e, do estrume, surgiu uma moça maravilhosamente formosa.

Era nos jardins reais. O príncipe, passando por acaso, viu-a e sentiu-se apaixonado. Perguntando-lhe quem era, de onde vinha, como se chamava, só obteve em resposta:

— “Porcaria! Porcaria!...”

Admirado por ouvir aquela grosseria, tão suja, em boca tão formosa, sua alteza insistiu. Em vão! A deslumbrante moça, respondia sempre:

— “Porcaria!... Porcaria!...”

O príncipe quis fazê-la sua espôsa, mas o rei, os ministros, os conselheiros da coroa e os grandes dignatários não o consentiram.

Não podendo, entretanto, deixar de vê-la a todos os instantes, o futuro soberano fê-la alojar no palácio.

Tempos depois teve que se casar, como era obrigado por lei. Deram-lhe por noiva uma princesa, filha de um imperador vizinho e aliado.

Preparando-se a “toilette” da noiva, uma criada lembrou que Porcaria tinha um anel sem igual.

Tirou-o, e apresentou-o à sua nova ama, que o enfiou no dedo.

Quando o cortejo chegou à igreja, na hora da celebração do casamento, perguntando o padre à noiva, se livremente recebia o príncipe, ouviu-a dizer:

— “Porcaria!... Porcaria!...”

Não houve meios de se lhe arrancar outra coisa:

— “Porcaria!... Porcaria!...” falava sempre.

O príncipe, em vista daquilo, exclamou:

— “Não! não me serve! Porcaria por porcaria, tenho no palácio uma melhor.”

Foram buscar a outra, que encontraram falando e conversando com todo o espírito, e o casamento foi celebrado.





TENDO adoecido gravemente o lavrador Bernardo, foi preciso que alguém fôsse à cidade buscar um remédio receitado pelo médico. Na única botica da vila, não havia aquela droga, difícil e cara, que só se encontrava nas mais importantes drogarias.

Bernardo morava na sua situação, afastado da vila, e longe, muito longe, da capital. Para se ir até lá, era mister atravessar extensa floresta, onde costumavam reunir-se vários salteadores e povoada de animais feroces.

Vendo que só o tal medicamento poderia salvar o pobre velho, seu filho Heitor, que tinha apenas quinze anos, resolveu ir buscá-lo.

Era cedo, escuro ainda, quando saiu de casa, em companhia do seu cachorro Leão — um animal fiel e dedicado.

Caminhou o dia inteiro sem parar. Ia anoitecendo, mas ainda o dia não morreía de todo, quando avistou no meio da floresta uma pequena choupana. Resolvido a passar a noite aí, bateu à porta. Abriu-se uma janela aparecendo uma velhinha, feia e magra, devendo ter mais de oitenta anos.

Pedi-lhe hospitalidade e ela mandou-o entrar, recomendando primeiro:

— “Amarre o seu cachorro, moço, que parece um animal muito bravo, e eu tenho medo de cães”.

— “Nada receie, minha velha”, respondeu Heitor, “porque Leão me obedece cegamente e só ataca a quem me quiser fazer mal”.

— “Pode ser que seja verdade”, replicou a velha, “mas é que eu já fui mordida uma vez, e não o quero ser segunda. Amarre-o, senão ficará de fora”.

— “Mas é que eu também não tenho com que amarrá-lo...”

— “Isso não seja a dúvida. Basta que lhe passe ao pescoço um fio de cabelo meu...”

A velhinha arrancou um fio branco, e deu-o ao moço, que se riu daquela corda de nova espécie.

Quando viu o cão amarrado, a dona da choupana, mais que depressa atirou-se a Heitor. Ninguém diria ao ver aquela criatura já prestes a morrer que tinha tanta fôrça como qualquer ferreiro.

O mancebo, meio admirado, tentou lutar com ela, sentindo-se fraquejar, chamou o auxilio do cachorro bradando:

— “Avança! avança! meu Leão!...”

— “Engrossa bem meu cabelão!...,” gritou a velha.

O fio de cabelo que prendia o animal engrossou àquelas palavras, tornando-se pesada e forte corrente de ferro.

Tendo subjugado Heitor, a feiticeira amarrou-o sòlidamente, encerrando-o num quarto a fim de engordá-lo e comê-lo mais tarde.

*
*
*

Passados três dias, vendo que Heitor não regressava, Lauro, seu irmão, segundo filho do velho Bernardo, projetou ir em busca do remédio e ao mesmo tempo procurar saber o que sucedera ao outro.

Saiu de casa, levando por companheiro único um valente cachorro que possuía, e ao qual denominara — Capitão.

Seguindo o mesmo trajeto que Heitor, foi parar na mesma choupana, onde a velhinha o recebeu como recebera o primeiro, recomendando que amarrasse o cão com o fio de cabelo.

Lauro, vendo-se ameaçado por ela, chamou em seu auxilio o fiel companheiro, que por mais de uma vez experimentara:

— “Avança! avança! Capitão!...”

Do mesmo modo que procedera, quando prendeu Heitor, a megera berrou:

— “Engrossa, engrossa, cabelão!...”

O pobre animal, ligado por uma corrente grossa, não pôde desta vez socorrer seu amo.

A velha feiticeira prendeu Lauro num quarto escuro, até que chegasse a sua vez de ser comido.

*
* *
*

Só restava no sítio do bom e digno Bernardo sua mulher e o seu terceiro filho Raul.

Não obstante ter somente onze anos, Raul era um menino animoso e ousado.

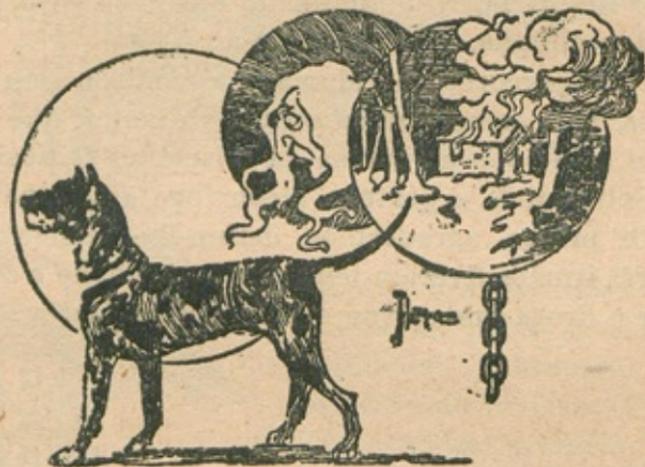
Quis ir buscar o medicamento receitado, que devia salvar o velho e procurar os irmãos, e foi.

Pela madrugada saiu de casa, despediu-se de seus pais, e partiu resolutamente.

Também êle chegou à cabana da velhinha, e pediu pousada por aquela noite.

Ao ouvir a recomendação para prender o cachorro que levava, disse consigo mesmo:

— “Para que quererá esta mulher ver o meu fiel Plutão amarrado? Um fio de cabelo não é corda, e se ela na verdade tem tanto medo dos cães, como diz, dar-me-ia outra corda. Aqui há algum mistério”.



Fingiu, todavia, que amarrava o animal, mas apenas pousou o cabelo no pescoço, sem dar nó.

A feiticeira, julgando o cão prêso, segurou Raul pelo braço, e disse:

— “Tu ainda és muito pequenõ para eu estar com cerimônias. Vamos para o quarto escuro, até que chegue a vez de te comer ensopado”.

— “Não, minha velhinha”, disse Raul, dando-lhe um sopapo.

A bruxa correu para pegá-lo, e o menino gritou:

— “Avança! avança bom Plutão!”

— “Engrossa bem, meu cabelão!...” bradou a velha.

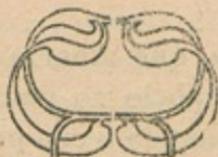
O cabelo transformou-se em uma corrente, mas como não se achava amarrado, caiu no chão.

O fiel cachorro de um salto atirou-se ao pescoço da velhinha, e estrangulou-a.

Raul percorreu a cabana, e encontrou seus irmãos, bem como muitos outros viajantes, que haviam caído sob as garras da miserável feiticeira.

Soltou tôda a gente, e ateou fogo à choupana.

Os presos, agradecidos, deram-lhe dinheiro, e os três irmãos tiveram tempo de ir à cidade e comprar a droga que salvou o velho Bernardo.





EINALDO era um moço estimadíssimo pelas excelentes qualidades, sobretudo por ser honrado e sério. Tinha dois irmãos, e todos três, eram filhos de um rico fidalgo.

Os irmãos casaram-se com moças da sua sociedade e posição. Vivia cada um em sua casa, tendo por costume irem jantar o primeiro domingo, de cada mês, no palacete do velho, onde se reunia toda a família.

Reinaldo gostava extraordinariamente de música. Qualquer que fôsse o instrumento, apreciava, e seria capaz de ficar um dia inteiro a ouvi-la.

Uma tarde passeava à margem de uma lagoa. Era ao pôr do sol. De súbito ouviu uma voz deliciosa, cantando uma "romanza" que êle desconhecia, de extraordinária harmonia e suavidade.

O moço parou, e deixou-se ficar enlevado a escutar. A voz parecia vir de perto, mas debalde procurou a moça que cantava.

Foi-se entusiasmando cada vez mais, até que, cessando a cantiga, êle exclamou:

— "Palavra de honra que me casaria com a dona de tão linda voz, se pudesse vê-la, ainda que fôsse uma sapa desta lagoa!"

Acabando de dizer isso, Reinaldo viu saltar d'água para a terra uma sapa enormíssima, e horrendamente feia.

— "Pois é uma sapa que estava cantando", falou ela. "O senhor é um moço sério, e tem que cumprir a sua palavra..."

— "Fui leviano em pronunciar tal frase", replicou Reinaldo. "Entretanto, como só tenho uma palavra, cumpri-la-ei. Vou apenas avisar meu pai, e amanhã aqui estarei".

Saiu e chegou a casa, tristíssimo, narrando o que lhe sucedera. O velho fidalgo concordou que êle devia cumprir a promessa, feita sob palavra de honra.

No dia seguinte, o jovem foi à lagoa. A sapa assim que o viu, falou:

— “Entre dentro d’água sem receio, e mergulhe”.

O rapaz executou à risca aquela recomendação, e viu-se de súbito num deslumbrante palácio, edificado em baixo do lago.

Aí estava tudo preparado para o casamento. Passou-se o mesmo que ocorre em nossas cerimônias, com a diferença que a única criatura humana era Reinaldo. O mais: padre, sacristão, testemunhas, convidados, lacaios, eram sapos e rãs que coaxavam desagradavelmente.

Durante quinze dias, o moço viveu satisfeitíssimo. Habitando um palácio real, nada lhe faltava, melhor do que no palacete de seu pai, e tendo ainda por cima concertos divinos, em que tomavam parte sapos músicos e sapos cantores inexcedíveis, tocando toda a sorte de instrumentos.

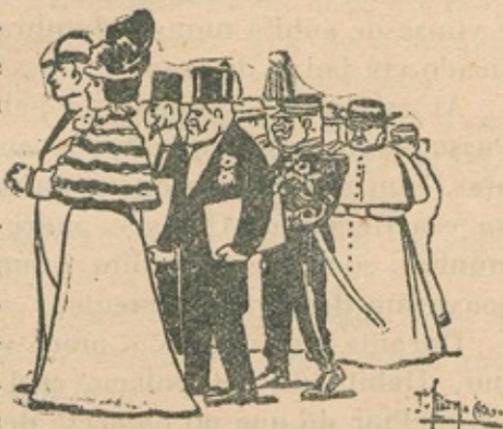
Ia se aproximando o primeiro domingo em que sua família — segundo antiquíssima tradição — devia reunir-se no solar paterno.

Reinaldo entristeceu-se, lembrando-se que tinha que ir forçosamente em companhia de sua horrenda mulher. Que não diriam seus irmãos? Como não haviam de zombar dele suas cunhadas e sobrinhos?

Chegou o dia marcado. Eram onze horas da manhã quando êle e a sapa se puseram a caminho, seguidos de uma infinidade de sapos, sapas e sapões.

Iam em ordem, enfileirados como se se tratasse de um cortejo real.

No palacete, a família reunida esperava a chegada de Reinaldo, zombando dêle, cheia de escárneos e ironia.



Avistaram de longe a multidão dos habitantes da lagoa.

Todo o mundo se ria.

Quando o séquito chegou no grande páteo do palacete, bateu a primeira badalada do meio-dia.

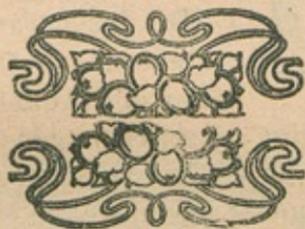
Nesse instante, os sapos, sapas, sapões e sapinhos, viraram fidalgos, fidalgas, lacaios, pagens, soldados e cavaleiros, escoltando Reinaldo e uma lindíssima jovem.

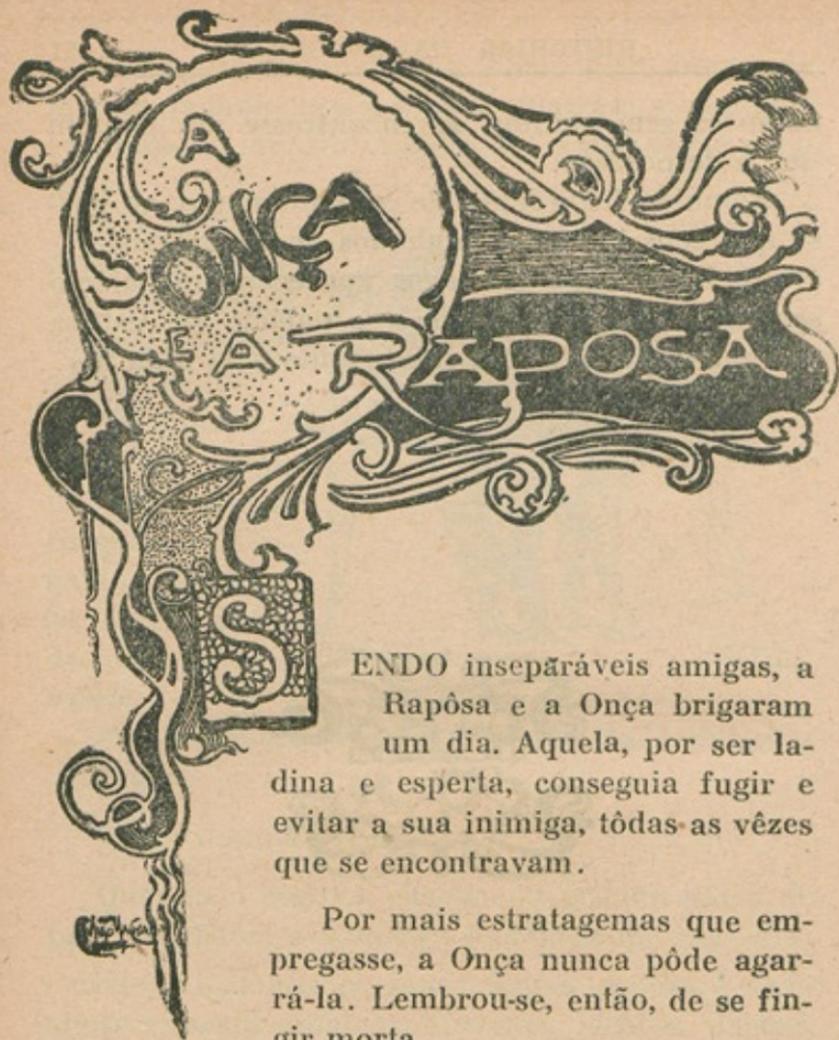
A sapa era uma princesa. Encantada por uma feiticeira, só devia volver à forma humana, bem

como os seus súditos, se encontrasse um homem que a desposasse.

Reinaldo ficou louco de contentamento, ao passo que seus irmãos e cunhados desapontaram.

No lugar onde era lagoa apareceu um palácio sem igual em todo o país — o palácio que estava no fundo d'água, e fôra submergido pela fada má.





ENDO inseparáveis amigas, a Rapôsa e a Onça brigaram um dia. Aquela, por ser ladina e esperta, conseguia fugir e evitar a sua inimiga, tôdas as vêzes que se encontravam.

Por mais estratagemas que empregasse, a Onça nunca pôde agarrá-la. Lembrou-se, então, de se fingir morta.

A notícia correu pelo mato, e os bichos foram ver o cadáver, deitado de barriga para o ar. Sabendo que a sua adversária morrera, a Raposa quis certificar-se se era verdade. Dirigiu-se com muita

cautela, para o lugar onde o corpo se achava, e, chegando perto, perguntou:

— “Então, a Onça está morta de verdade?”

— “Está” respondeu o macaco.

— “Ela já arrotou?”, perguntou a Raposa.

— “Ainda não”, disse o Lagarto. “Por que? quando a gente morre, costuma arrotar?”

— “Pois você na sabia? O meu defunto avô, quando faleceu, arrotou três vêzes”, respondeu a Raposa.

A Onça ouvindo aquilo, arrotou.

— “Os mortos não arrotam”, exclamou a Raposa, correndo.





ÃO dócil, meigo e de melhor índole, ninguém havia como o Carlito, e por isso tôda a gente o estimava. Os próprios bichos queriam-lhe muito, porque êle lhes não fazia mal algum, de modo que tinha amigos em tôda a parte.

Crescendo, ficando mocinho, Carlito nem por isso perdeu as suas qualidades e o seu excelente coração.

Uma vez, estava êle à porta de casa, quando viu passar um velhinho, tão velho e parecendo tão enfêrmo, que mal podia caminhar. O rapaz saiu à

rua, deu o braço ao velho, e trouxe-o para dentro, servindo-lhe de jantar, até que, restabelecido, criou forças e pôde caminhar.

— “Já que és tão bom moço, dou-te êste anel de condão. Com êle conseguirás tudo quanto quiserdes, bastando enfiá-lo no dedo, e formular o desejo”.

Carlito, achando-se possuidor de tão precioso objeto, vendo que nada mais tinha a receiar, foi correr mundo.

*
* *
*

Durante muitos anos viajou por terra e por mar, em quase todos os países do mundo, chegando finalmente à Arábia.

Aí passeando, em uma das cidades, teve o ensejo de ver Ercília, formosa filha de um importante chefe de tribu.

Loucamente apaixonado, foi pedi-la em casamento.

O velho árabe, naquela ocasião, estava em guerra com o rei de um país limítrofe. Declarou-lhe que só o aceitaria por genro, se êle mostrasse grande valor no combate que iam travar.

Carlito pôs o anel no dedo, e preparou-se para a luta. Armado apenas com uma espada, desprezando quaisquer outras armas, empenhou-se na batalha.

Ao primeiro embate, a tribo árabe viu-o, com espanto, abandonar as fileiras, e avançar sozinho de encontro ao exército inimigo, duas vezes mais numeroso.

Nunca se viu tamanha bravura! Jámais houve denodo assim! A cada golpe de sua espada, um combatente caía para jamais se erguer! Por onde passava, ia deixando um claro aberto! Começou a dizimar o inimigo, a tal ponto, que todos fugiram em debandada. Voltando para as fileiras da tribo árabe, não tinha um arranhão sequer.

O rei inimigo, consultando os mágicos do reino, no mesmo dia da derrota, soube que o poder estranho de Carlito lhe era dado pelo anel encantado. Resolveu roubá-lo.

Sabendo quanto o moço era caritativo, mandou um espião, disfarçado em mendigo, pedir-lhe esmola.

O falso pobre chegou à tenda, fingindo-se doente, sem poder caminhar, e pediu hospedagem por uma noite. Carlito concedeu-a de boa vontade.

Durante a noite, o mójinho sentiu-se roubado.

Soaram as cornetas, e novo combate se travou, tendo os árabes tōda a confiança, lembrando-se do sucesso da véspera ignorando o que se passara.

Carlito a ninguém confiou o seu segredo. No momento da peleja foi bravo, mas nada pôde fazer. As tropas inimigas, duas vezes mais numerosas, em pouco tempo desbarataram a tribo.

O pai de Ercília, desesperado, expulsou Carlito, não mandando matá-lo, por se recordar das incríveis façanhas do dia anterior.

O jovem saiu do acampamento, muito triste, por ter perdido as esperanças de desposar Ercília: Sentou-se à beira do caminho, e chorava, quando lhe apareceu o rei dos Camondongos, que lhe disse:



— “Não te desoles, Carlito. Vou mandar dois dos meus vassallos buscar o anel que te furtaram, e amanhã pela manhã te-lo-ás”.

O chefe inimigo, desde que teve o anel em seu poder, encerrou-o numa caixa de madeira muito forte, postando junto uma guarda de vinte soldados para vigiá-lo. Ninguém podia se aproximar daí.

Os guardas, por mais atentos que estivessem, não podiam vêr dois camondonginhos miudinhos, que começaram a roer a caixa.

Trabalharam sem cessar a noite inteira, sem fazer ruído, até que roeram um pedaço de madeira por onde um dêles entrou.

De posse do anel, foram levá-lo ao seu rei, que por seu turno o entregou ao moço.

Carlito voltou ao campo árabe, e fêz com que o velho chefe empreendesse novo combate.

Como no primeiro dia, fêz extraordinários prodígios de bravura. Abriu caminho por entre as cerradas fileiras inimigas, até que, encontrando-se com o rei, o matou. Estava terminada a guerra.

O chefe da tribo árabe, encantado com Carlito, não demorou o seu casamento com Ercília.





U
Heleninha

MA formosa manhã de maio, limpa, alegre, fresca, perfumada, é um dos maiores encantos da natureza.

Em uma dessas lindas manhãs de primavera, bem cedo, ainda à hora em que o sol se faz anunciar pelos seus primeiros raios, Helena, ainda dormia! Como sorri em algum sonho alegre! Ainda ninguém entrou no quarto dela, e apesar disto, a Heleninha já hoje recebeu um beijo. Quem foi então, que lho deu? Algum passarinho

que entrasse pela janela? Não; a janela está fechada. Foi um raio de sol que, penetrando por uma fenda, passou nos lábios de Helena, e ficou todo espantado por encontrar uma menina ainda a dormir. Mas, de repente, Helena acorda, esfrega os olhos, relanceia a vista por todos os lados para vêr quem a acordou, e dá com o raio de sol.

— “Raiozinho brilhante”, disse-lhe ela, “tiveste muito juizo em me vires visitar. Aposto que estás levantado há muito tempo; quem sabe mesmo se já trabalhaste muito esta manhã?”

— “É verdade que sim”, respondeu o raio “já hoje trabalhei muito. Quando meu pai me despede não dá licença que me divirta, e tem razão, porque eu, quando estou mais contente, é quando trabalho”.

— “Teu pai? Mas quem é teu pai?”

— “É o Sol. Mora lá em cima, muito alto, no céu. É tão grande, tão grande, que não poderia vir à terra por isso manda os filhos em seu lugar. Os filhos são os raios do sol meus irmãos, que à minha semelhança, alumiam e aquecem a terra”.

— “Mas”, tornou Helena, “teus irmãos poderiam entrar contigo no quarto?”

— “De modo nenhum; a fenda era estreitissima. Só eu pude passar. Os outros raios ficaram lá fora, estão alumiamdo a fachada da casa. Agora, si tu quiseses abrir a janela, entrarão contentíssimos no teu quarto”.

— “Ainda não”, disse Helena, “eu queria que tu, antes disso, me contasses tudo o que tens feito e o que viste no teu passeio esta manhã”.

— “Oh! já vi muitas cousas. Não t’as posso contar todas; mas, si gostas dir-te-ei algumas. Quando rompi da montanha, entrei numa floresta, e dei claridade a uma familia de cotias que se recolhiam à toca, e pareciam alegríssimas; naturalmente tinham dansado toda a noite nalgum gramado. Na mesma floresta alumiei um ninho de sabiás negros. A mãe, mal me viu, acordou o marido, depois os filhinhos e todas a um tempo, principiaram a cantar. Intentei alumiar também um bezouro muito velho, mas escondeu-se logo debaixo de uma folha, por me não querer ver. Por volta das cinco horas entranhei-me numa sebe à borda da estrada e fiz desabrochar uma formosa trepadeira, côr de rosa e branca. Quando cheguei, ainda estava toda fechada mas apenas a aqueci, logo se abriu e eu fiquei alegríssimo ao observá-la. Na mesma sebe alumiei uma aranha que estava a tecer a teia; espero que ninguém lha destrua, porque levou muito tempo, e teve muito trabalho, em a tecer. Mesmo ao pé fiz brilhar as gotas de orvalho suspensas nas vergõntes das ervas, ajudei uma pitanga amadurecer e aqueci uma mosca. Ainda fiz muitas mais cousas: amanhã t’as contarei. Agora já é tarde, e mais que tempo de te levatares”.

— “Oh! por quem és, conta-me ainda mais al-

guma cousa”, disse a pequenina. “Não vistes crianças esta manhã?”

— “Ora, se vi! e muitas! Levantaram-se bem cedo. A Luizinha, ainda não eram seis horas, já estava a dar de comer às galinhas, ao mesmo tempo que a leiteira saía para a cidade. O Joãozinho levava as cabras para o pasto em companhia do pai, que ia ceifar erva! Ah! já me esquecia dizer-te que



muitas vezes trabalho ajudado pelos meus irmãos; sózinho não poderia muito. Agora, uns com os outros, amadurecemos os trigos e as frutas todas, de que tu gostas tanto; aquecemos as costas da avó da Luizinha, que estava assenta-

da no páteo, e secamos uma camisa e uma touca, que estão penduradas na corda. Ai! ai! que tenho falado muito! é tempo e retempo de te vestires e de te pôres a trabalhar mas sempre te confessarei com franqueza que, si os raios do sol se devem dar por felizes por prestarem luz aos trabalhadores, não gostam muito de alumiar os preguiçosos”.

— “Lindo raio, obrigada por tantas cousas boas que hoje me ensinaste. Si voltares amanhã, à mes-

ma hora, eu te prometo que não me hás de encontrar na cama; aproveitarei a tua formosa luz para continuar a minha tarefa”.

Dizendo isto, Helena levantou-se e foi abrir a janela de par em par. Os raios de sol entraram todos ao mesmo tempo no quarto e encheram-no de luz. Helena, preparou-se, almoçou, e deu princípio ao seu diá, com a firme tenção de se tornar numa boa trabalhadorazinha.





ICENTE já está de volta da escola, sossegado, sim, mas a deitar sua olhadela para as vistosas lojas. De repente pára. Que estará êle a vêr com tanta curiosidade? Um açafate cheio de faquinhas brancas, lindissimas. Ah! como devem cortar bem! Que lâminas tão polidas e brilhantes! E não são caras: — a oito vinténs. Vão-se-lhe os olhos, mas falta-lhe o melhor;

oito vinténs é uma quantia demasiada para as suas finanças. A mãe, uma mulher pobre, apesar de trabalhar muito, pode-lhe lá dar dinheiro para comprar uma faquinha!

— “Oh!” diz o Vicente de si para si; “que poderia eu fazer para ganhar aquele dinheiro?”

Saía da loja um sujeito carregado de compras.

— “Oh rapazinho, ajudas-me a levar estas encomendas, para minha casa?”

— “De muito boa vontade”, respondeu-lhe o Vicente, “si não fôr muito longe, porque minha mãe se zanga quando venho tarde da escola”.

— “É muito perto daqui, não te demoras nada”.

O Vicente pegou em dois pacotes, e foram ambos andando até à rua onde morava o homem.

— “Está bem, rapazinho, aqui tens pelo teu trabalho”, — e deu-lhe dois vinténs.

— “Muito obrigado, meu senhor, mas eu não quero receber dinheiro por um serviço tão pequeno”.

— “Pois, então, guarda-os para te lembrares de mim”, tornou-lhe o sujeito, entrando em casa.

Para a rua correu Vicente, pulando de contente.

— “Ó mãe!! ó mãe! olhe o que me deram quando eu voltava da escola: dois vinténs, ambos novinhos” (e pôs-se a contar o caso à mãe).

— “Si eu pudesse ganhar mais seis vinténs, chegava-me exatamente para comprar uma faquinha. Ah! si a mãe soubesse como são bonitas!”

— “E para que precisas tu de uma faquinha?”

— “Oh! mãe! com uma faquinha posso fazer muitas cousas: aparar os meus lapis e os dos meus condiscipulos; cortar ramos na alameda para chicotes e flautinhas; arranjar um barquinho; e até ajudá-la a descascar batatas para o jantar, porque as nossas facas são muito grandes. Parece-me que já a estou a ouvir dizer: — “Então, ainda não viste a faquinha do Vicente? É tão bonita! E a mãe, quando eu tiver os oito vinténs, dá-me licença para comprar uma?”

— “Dou, sim filho. O que eu não sei é como tu os há de ter”.

Vicente passou o serão a imaginar como poderia ganhar alguns vinténs, mas, por mais que batesse na testa, foi-se deitar sem nada ter descoberto.

Um dia, às sete horas da manhã, havia apenas alguns instantes em que se levantara. Tirou a lama da porta. De repente, ergueu casualmente a cabeça e deu com o tio Martinho à janela. É um dos vizinhos.

— “Oh!” pensa o Vicente; “o tio Martinho está já tão velho para tirar a neve que lhe caiu à porta; depressa, depressa, para êle não escorregar quando fôr sair”.

Dito e feito. Quando o Vicente voltava para casa, abriu Martinho a janela e pôs-se a chamá-lo.

— “Fizeste bem, meu rapazinho, em me evitar alguma queda. Si repetires isto quando tornar a chover, dou-te um vintém”.

Vicente pensou nas faquinhas, e aceitou contentíssimo a proposta. Infelizmente, a chuva não cai todos os dias a cântaros, e decorreu muito tempo antes de ter o dinheiro necessário.

E assim passaram-se semanas e semanas. Trabalhando daqui e dali, mesmo assim o menino apenas conseguiu arranjar sete vinténs.

Só lhe faltava um, para completar a quantia com que poderia comprar a ambicionada faquinha.

— “Ah! si chovesse muito esta noite”. Era o pensamento fixo do rapazinho, em cada serão, quando se ia deitar.



Uma manhã levantou-se, correu à janela para espreitar o tempo, e a mãe viu-o andar aos saltos, e bater palmas.

Não sabia o que isso queria dizer, mas adivinhou-o quando viu o Vicente, depois de lhe ter vindo pedir a bênção, e de lhe dar um beijo, pegar na pá e na vassoura, e sair de casa.

A mãe pôs-se a espreitá-lo. Que azáfama! que desembaraço! As mãos roxas da friagem, mas a vassoura num corrupio.

Acabou. O Martinho abre a porta, sai, tira a bolsa, e o oitavo ambicionado vintém passa da mão do vizinho para a de Vicente. Correr a ir buscar os

outros sete vinténs, guardados com tanto carinho numa caixinha, almoçar e partir para a escola, foi obra de um momento.

Como êle salta pela rua fora! Que leva fechado na mão? Um tesouro que tem medo de perder: oito vintensinhos em que se vai revendo, contando-os e tornando-os a contar.

Lá está já a rua da loja sedutora. Um instante mais e a faquinha é dêle.

Do outro lado da rua vai uma menina, vestido pobrememente, e andando com muita cautela para não escorregar. Parece transida de frio; as mãos-nhas, roxas de todo. Leva uma bilha de leite. O Vicente ia já a entrar na loja, quando, de repente, vê a menina escorregar e cair ao atravessar a rua. A bilha quebrou-se-lhe! O leite que a ser o almoço da avó, todo entornado!

Quando a vê cair, corre para a ajudar a levantar-se. Já em pé, a menina, lavada em lágrimas, conta-lhe que não leva nem um real, e que a avó ainda não almoçou. Vicente olha para os seus oito vintens, depois para a loja onde estão penduradas as faquinhas, depois para a pequenina, que ainda continuava a chorar. Reflete um momento.

— “Vem comigo”, diz-lhe êle pegando-lhe na mão; “ambas haveis de ter que almoçar”.

Levou-a a outra loja em que não se viam faquinhas, mas uma grande quantidade de pratos, chincaras, bilhas de todos os tamanhos e de todas as



côres. O rapazinho escolheu uma bilha azul e branca, muito bonita, pagou um tostão à dona da loja, e ato continuo foi à leiteria, onde a mandou encher de leite. De todo o seu dinheiro, nada lhe sobrou.

A menina, doida de contente por ter uma bilha nova, sorriu-se e consolou-se. Retomou o caminho da casa, levando ao lado o seu novo conhecido, mas sempre com mil precauções para não tornar a cair.

E, ao separar-se d'ele, perguntou-lhe:

— “Como te chamas?”

— “Vicente”.

— “E eu, Mara. A minha avó diz que ainda sou pequenina para guardar dinheiro; mas, quando crescer, hei de ter muito, e hei de te comprar um brinquedo, porque hoje foste um anjinho para mim”.

As duas crianças ainda conversaram alguns instantes. Depois separaram-se, prometendo que haviam de ser amigos para sempre. Maria correu para a avó, mostrou-lhe alvoroçada a sua bilhinha nova, e contou-lhe tudo o que lhe aconteceu. Vicente seguiu para a escola, resplandecente de alegria, pela boa ação cometida.





AIRELADA deu à luz a um elegante burrinho, quando o sol principiava a alumiar as casinhas da aldeia de São Pedro. Ainda muitos habitantes se estavam espreguiçando, e já na cavalaria, no extremo da terra acordara tudo, havia imenso tempo. Ali está Xairelada, a burra benquista, a deitar a cabeça pela janela. "Hi han! hi! han!" cantarola, mostrando a dentaça. "Hi! han! hi! han!" repete, cada vez que ouve passar alguém pela rua.

Que prazenteira que está! brilham-lhe os olhos; até se pode dizer que sorri! Que lhe sucedeu? Venham vêr. Além, em cima de um molho de palha, está a dormir o seu recém-nascido, um formoso burrinho, com cada ôlho! A mãe acha-lhe as orelhas tão bonitas e tão compridas, que nem um instante deixa de lhas admirar e lamber, e, revendo-se, nêle, assim lhe diz:

— “Filhinho querido! o sol alumia-te o primeiro dia de vida. Oxalá que seja para tua felicidade!”

— “E de certo que há de vir a ser um burro famoso”, interrompe de lá a Parda, a burra mais velha da cavalaria. “Queres um conselho, Xairelada? Dá-lhe de mamar seis meses, pelo menos; tenhamos fé em que o nosso dono há de dar licença”.

— “Eu cá por mim”, diz dali um burro, “só desejo que êle seja menos tagarela que sua mãe. Desde o arrebol da manhã, ou ainda antes, que não faz senão zurrar. Não há meio de pregar o ôlho! Não estarás calada, Xairelada? Tens o dia todo para anunciar aos quatro ventos da terra o nascimento de teu filho”.

— “Meu querido amor”, interrompe Xairelada, “não me querem vêr feliz!”

Depois, deitando-se-lhe ao lado e ajeitando-se, continua:

— “Aqui tens um leite soberbo. Ninguém to poderia dar melhor. Quantos doentes o não desejariam beber! Não, minhas senhoras, êste não há de

ser para vossas excelências, já lhes dei muito no ano passado; êste, agora, reservo eu para o meu filho”.

Cresceu o burrinho, e já acompanha a mãe ao prado. Enquanto ela vai roendo as folhas, anda êle a saltar, a pular, a rolar-se todo pela erva; às vezes dá saltos tão grandes, que Xairelada chega a ter medo de lhe vêr quebrar alguma perna.

Ao filho estremecido puseram o nome de Grizão.

Uma vez Grizão descobriu um riacho no fim do prado. Por mais voltas que desse ao miolo, Xairelada não chegava a adivinhar porque ia êle sempre para aquele lado: para tomar banho, não podia ser, porque ela lho proibira, e, demais a mais, não é lá muito próprio de um burro estar a ensopar os pés na água. Fôra o caso; Grizão, indo uma vez beber água, descobriu no riacho o seu rosto burrinal, e nunca mais deixou de ir ali dia nenhum para vêr si lhe cresciam as orelhas, si a pontinha da cauda ia crescendo também, numa palavra, si no focinho se estampava o ar burrinalmente característico. Porque o seu desejo mais ardente era ver-se burro.

— “Quando chegar a ser grande”, dizia êle a cada passo, “hei de me pôr a comer cardos, como faz a minha mãe, hei de puxar as carroças, hei de trazer sobre o espinhaço todos aqueles senhores e senhoras e meninos que vão a passeio. A mamãe fica estafada, mas eu cá, se visse uma senhora mon-

tada em mim, havia de lhe mostrar que sou forte, que lhe poderia trazer isto e mais isto..."

Grizão tem um gênio muito alegre, caráter franco, e por isso adquiriu muitos amigos na aldeia. Mais que todos, um potrozinho preto, da idade dêle, depois uma cabra velha e o filho, um cabritinho. Andam muitas vezes juntos no prado. À sombra de uma mangueira, falam de uma infinidade de cousas, em favor dos animais de sua espécie. Chegam-se a zangar, e quasi a engalfinhar, mas fazem logo as pazes.

Um dia, o potro, voltando-se para Grizão, perguntou-lhe:

— "Ó meu amiguinho, não me dirás onde foste desencantar essas orelhas tão grandes, e de que te podem elas servir? Quando as deixas cair, ficas com um ar tão exquisito, que, por mais que eu faça, não me posso suster com o riso".

— "Que queres tu?" respondeu Grizão, "si eu sou um burro, como hei de ter orelhas de cavalo? Ora, toma sentido! não digas mal de minhas orelhas, olha que eu já percebi que elas ouvem melhor que as tuas".

— "Talvez", diz o potro.

Depois, dirigindo-se à cabra:

— "Ó Negrinha, haverá quem apresente um pé mais exquisito do que o teu? Parece partido ao meio. Aposto que o da tua avó era mais bem feito.

Repara no de Grizão e no meu. Duas belezas! Bem se vê que ainda somos primos!”

— “Somos, somos”, interrompeu Grizão. “Primos pelos pés, mas não pelas orelhas”.

— “Muito obrigado pelo presente dos teus pés bonitos”, disse Negrinha, “mas não aceito. Vão vocês com os seus pésinhos delicados trepar e saltar por sobre os rochedos, comer a erva e as florinhas que só crescem no cimo dos montes, e depois venham-me mostrar em que estado lhes ficaram os joelhos e os dentes. Sou uma sua criada! Ainda têm mais outra vantagem os meus pés: é não os ferrarem nunca; e, ou estou muito enganada, ou é vantagem que nenhum de vocês apetece”.

— “Tens sempre boas respostas”, disfarçou o potro, “não falemos mais nisto”.

— “Falemos, sim senhor”, continuou Negrinha, “porque é que os cavalos e os burros não têm nenhuma arma para se defenderem, nem mesmo um chavelho, enquanto as cabras possuem dois?”

— “É porque nós nos defendemos com os pés”, tornou-lhe o potro.

— “Olhe que defesa!”

Nisso o cabrito saltou sobre Grizão o que na linguagem dêles queria dizer: “Vem brincar comigo”. Grizão espojou-se nas ervas; Negrinha entrou aos saltos de outro lado com o potro. E assim passavam vida regalada os três amigos.

II

Grizão completou o seu segundo ano, e é já um burro feito. Xairelada gloria-se do filho que tem. Afirma que é o burro mais bonito do sítio. O dono mandou-lhe fazer uma sela, depois montou nele para lhe ensinar a comportar-se com juízo, quando levase cavalheiros e senhoras, mas o pobre dono regressou ferido na cara. Grizão estreicara tão contente, que saltou para a direita, saltou para a esquerda, acabando por ferrar com o dono em terra.

— “Meu querido filho”, disse-lhe, quando o viu chegar; “por quem és, anda mais a passo, olha que te há de acontecer alguma!”

— “Eu faço as diligências, mas não sei que formigueiro sinto nas pernas; é-me forçoso saltar: um homem para mim é peso muito leve. Si eu pudesse falar, dir-lhe-ia que montassem em mim ao mesmo tempo êle e a mulher”.

— “Que fôrça!” exclamou a burra tôda vangloriosa “como a mocidade é feliz!”

Sucedeu que uma manhã chegassem à aldeia um passageiro, os filhos pequenos e outros rapazinhos amigos. Uma passeiata.

— “Burros! burros!” gritavam todos êles ao mesmo tempo ao vêr a cabeça de Grizão à janela. “Ó papá, aluga-os para passeiarmos!”

— “Si houver para todos”, respondeu o pai. “Olá, tio dono dos burros, pode-nos alugar oito?”

— “São os que tenho; mas, por um, não respondo: a poucos passos deitará pelo pescoço fora o que montar nele”.

— “Quero êsse quero êsse!” gritou Eduardo, o rapaz mais velho; “eu sei me suster”.

— “Olha que não te quero vêr chegar com alguma perna quebrada”.

— “Não há de suceder mal”, continuou Eduardo; “não é a primeira vez que monto em burros”.

— “Está bem”, disse o pai, “como não há mais nenhum, monta nele, e eu vou ao pé de ti, para não te suceder alguma”.

Dalí a momento, largava a caravana. Grizão caminhava ao lado da mãe, que não cessava de lhe fazer advertências, aconselhando-o, sobretudo, a ir sossegado.

Os rapazes vão gritando todos ao mesmo tempo, em algazarra própria: — “Eh! Grizão! Eh! Xairelada! Eh! Branquinha!” E a burricada toda a trote, por ali fora, ficando para trás o pai e o burriqueiro.

— “Eh! Grizão!” disse Eduardo.

Grizão deu um saltinho, mas, de repente, lembrando-se da recomendação da mãe, conteve-se, e continuou a tratar com juízo.

— “Eh lá Grizão!”, repetiu Eduardo, dando-lhe uma palmada no pescoço. Desta vez Grizão esquecendo-se da camaradagem em que ia, partiu a toda a brida, sem se importar com as subidas nem descidas.

— “Pára! Grizão, pára”, gritava Eduardo. Mas, Grizão, cada vez a correr mais, até que o pobre rapaz, perdendo o freio, foi pela cabeça do burro fora, e de rôlo por um montículo abaixo.

Levantou-se todo aturdido, sacudiu os joelhos e os cotovelos. O pai, assustado, chegou correndo, mas ao ver que lhe não succedeu mal algum exclamou:

— “És um cavalheiro às direitas! Agora, olha para o teu burro”.

Grizão, tendo-se empoleirado numa altura, estava vendo passar a cavalgada, entoando a sua cantiga do “hi han, hi han, hi han”, como quem bradava a Eduardo:

— “Ora, apanha, meu menino; agarra-me, si és capaz; não viste como eu me livreí de ti?”

Grizão não se quis tornar a ajuntar à alegre companhia e voltou para a cavaliça por outro caminho.

— “Ah! Grizão” exclamou a dona, quando o viu chegar sôzinho. “Aposto que fizeste alguma das tuas!”

O dono, desenganado de que Grizão se tornava de dia para dia mais turbulento, e antevendo mais quedas aos freguezes, vendeu-o a uma leiteira, que morava ao sopé da montanha. Uma manhã foi levá-lo à nova dona. O mísero ia cabisbaixo e de orelhas caídas, todo tristonho, por se separar da sua querida gãe. Xairelada não fazia senão chorar,

e tinha-se conservado à janela da cavaliariça todo o tempo que pôde vêr o filho pelo caminho fora. Já ia muito longe, e ainda ela cá a bradar-lhe: "Hi han, hi han, hi han, adeus, adeus!..."

A leiteira era uma mulher velha que havia muitos anos levava todas as manhãs à cidade o leite das suas vacas. Acabara de lhe morrer o burro mais velho, de quinze anos, que apesar da idade conservou-se à carroça até o último dia. Agora é dado a Grizão o encargo de o substituir naquele penoso labor. Pois está satisfeito, porque se acha com fôrças, e, mal a dona e vem buscar para o pôr à carroça, logo dá um salto de contente.

Chegou o dia próprio. A carroça levava além do leite algumas canastras de legumes.

— "Muito bem, sr. Grizão", disse-lhe a velha fazendo-lhe uma festa: "Continue assim e seremos amiguinhos".

Grizão tem de esperar enquanto a dona vai tratar da vida. Vem à capital pela primeira vez, e por isso está todo maravilhado do que tem visto. Muitos outros burros esperam ambém pela chegada dos donos. Grizão, parecendo-lhe que êles têm um ar triste, perguntou ao vizinho o que significava toda aquela melancolia.

— "Bem se vê que ainda estás novo e forte!", respondeu-lhe o interrogado; "formosa se te afigura a vida, mas, para nós outros, velhos cujas fôrças vamos perdendo todos os dias, a carroça é pesada,

duras as arrochadas e o sustento pouco de cobiçar. Eu só tinha um amigo neste mundo: era um rapzinho que me levava todas as manhãs um pedaço de pão e me fazia festas, mas há duas semanas que desapareceu e receio que lhe tenha acontecido alguma desgraça”.

Nesse momento ouviu-se um rufar de tambor. O burro ancião estremeceu todo.

— “Que tens?”, perguntou Grizão.

— “Não é nada. O ruído do tambor incomoda-me sempre; não me posso esquecer de que seja em cima da pele de minha mãe que eles batem”.

— “Em cima da pele da tua mãe?”

— “De certo”, acrescentou o burro velho; “da nossa pele é que se fazem os tambores; é nosso destino o sermos espancados não só em vida mas também depois de mortos”.

Esse pensamento entristeceu profundamente Grizão no resto do dia, e, à volta para casa, vinha menos alegre do que fôra para a cidade, a passo e de cabeça baixa.

— “Eh! lá” dizia-lhe a leiteira, dando-lhe uma chicotada.

— “Ah! ela tem o atrevimento de me dar?” pensou Grizão, continuando muito a passo.

— “Eh! eh!”, chegando-lhe outra vez.

De repente, Grizão estacou.

— “Olá! êste é tão cabeçudo como os outros”,

murmurou a velha, tornando a mimoseá-lo com o chicote.

— “Bonito!” disse Grizão de si para si; “começa a minha vida de tambor”.

E não deu mais nem um passo.

A leiteira apeou-se para o puxar pela rédea; mas êle, vendo-a pôr os pés em terra, deitou a todo o galope, e chegou à casa muito antes dela. Como



estava cansado, queria beber água, mas a da fonte não lhe agradava muito, e Grizão, como todos os animais da sua família, não bebia senão água claríssima.

A dona, ao chegar, a pé, e banhada de suor, quis ajustar as contas com êle, mas refletiu que ainda era

novo, e que, a falar a verdade, para a primeira vez, não tinha sido demasiadamente caritativa. Desparelhô-o, foi-lhe dar de beber. (Grizão tem todo o cuidado de não meter o focinho na água), e levou-o para o pasto. Vendo-se à rédea solta, espojou-se pelas ervas. E' um modo de dizer à dona:

— “Ah! já que me não limpas, limpo-me eu, assim!”

À noite reentrou na cavaliariça, adormeceu pensando na mãe, e projetando ir um dia visitá-la.



O VESTIDO RASGADO



VONNE porque virá hoje tão triste da escola? Faria por lá alguma maldade? Não. A mestra ficou muito satisfeita com ela.

Foi isto: quando ela se levantou do banco, rasgou o vestido, sem querer.

E que buraco! Dar-se-á o caso que o saiba consertar, sem se ficar conhecendo?

Bem pode ser, porque a mãe (uma pobre lavadeira), quando chega à casa, vem mortinha de cansaço. Como estava escuro, Ivonne acendeu o candieiro, e foi procurar a caixa em que a mãe costuma guardar todos os retalhos.

— “Aqui está um azul, da côr do meu vestido”, pensou Ivonne, estendendo o retalho. “Si eu lhe puder meter uma tira!”

Despiu o vestido, deitou um chalinho pelos ombros, e pôs mãos à obra, com tanto afã, que nem deu pela chegada da mãe.

— “Aconteceu-te alguma coisa?”, perguntou-lhê, chegando ao pé da filhinha. “Estás a consertar o vestido? Rasgaste-o? Olha que seria uma desgraça, porque não tens outro, nem há mais nenhum bocado de pano azul”.

— “Há, sim, minha mãe”, respondeu a pequenina, mostrando-lhe o vestido.

— “Pois eu julgava que não havia; mas está me parecendo que sabes fazer muito bem um concerto”.

— “Já sei, já”, respondeu Ivonne, brilhando-lhe os olhos.

Naquela noite foi se deitar contentíssima.

De manhã, levantou-se, vestiu-se, lavou-se, olhou para o vestido, e chegou ao pé da janela para o examinar de mais perto.

— “Olhe! minha mãe! minha mãe!” gritou ela em choro; “venha cá ver. Pois não pus uma tira verde no meu vestido azul? Que hei de eu fazer agora? Não posso ir à escola com êsse vestido assim!”

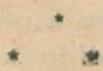
— “Então, como foi isso? Não sabes que muitas vezes, à luz do candieiro, o azul se confunde com o verde, e o verde com o azul? Mas, por causa disso, não há de faltar à escola. Talvez que o avental te esconda a tira”.

Ivonne vestiu o vestido, e pôs o avental. Qual história! O avental é pequeno demais, e a tira continuava a ser vista.

— “Lembra-me u.n.a coisa”, disse Ivonne: é por a pasta dos papéis mais para trás, e assim parece-me que não se verá”.

Lá foi para a escola, e empregou tanto cuidado todo o dia, que ninguém reparou.

À saída, porém, esqueceu-se da tira. Foi pôr a pasta a um canto do páteo, e começou a brincar com as condiscípulas. Não brincou por muito tempo, porque dali a pouco reparou em duas meninas, que olhavam para ela a rir-se. De repente, lembrou-se do vestido, fez-se muito corada, e sentiu duas lágrimas rolaem-lhe pelas faces. Pegou na pasta, e saiu.



Eugênia, uma das meninas que tinha feito escárneo do vestido de Ivonne, não voltou muito contente da escola, nem a mãe a ouviu cantarolar, como costumava, pela escala acima. Não fez senão pensar na colega, que viu sair da escola tão triste.

— “Eu é que fui culpada”, pensava. “Faz-me tanta pena ter-me rido. Mas também para que foi ela deitar uma tira verde num vestido azul? A falar verdade, era muito exqu岸ito”.

Eugenia pegou na boneca para brincar, mas a boneca não a distraía. Por mais que fizesse, tinha defronte dos olhos o rosto melancólico de Ivonne.

— “Foi de certo por ela não ter outra fazenda da côr do vestido; si eu a tivesse, dar-lha-ia”.

Correu, então, a casa toda, a ver si a achava. Perguntou à mãe. Tudo debalde. Por mais voltas que deu, não encontrou fazenda alguma azul, sinão a do vestido da boneca. Então pegou nesta, abraçou-a, olhou muito para ela, e parecia refletir:

— “Miha adorada Ida”, disse de repente: “bem conheço o teu bom coraçãozinho, por isso te vou pedir uma fineza. Não te lembras da Ivonne, que no outro dia viste em nossa casa? Hás de acreditar que deitou uma tira verde no vestido azul! Por mais que imagines, não podes fazer idéia da fealdade que ficou. Tenho a certeza de que não querias para ti um vestido consertado daquela maneira. Foi de certo por não ter outra fazenda. O vestido é da côr do teu. Farias tu o sacrificio de lhe dar êste, para mudar a tira? Bem sei que não tens outro para o inverno, mas a nossa casa é quentinha. Não te parece que, vestindo o teu vestido de verão, e pondo o teu chalinho de lã escarlata, ficarás ainda uma boneca senhoril?”

Ida olhou para a dona, com o sorriso do costume. Pareceu a Eugênia que ela fazia o sinal de consentir. Despiu-lhe, então, o vestido do corpo,

separou a saia, e pegando nesta, correu à casa de Ivonne.

Quando chegou, a porta estava entre-aberta.

Antes de entrar, parou um instante, e ouviu

— “Olha mamãe! eu não posso tornar à escola com êsse vestido!”

— “Has de tornar”, bradou-lhe Eugênia (abrindo de repente a porta), “olha, aqui tens um bocado de fazenda para o consertares. Só Deus sabe o que me afligi por ter sido a causa de te ver chorar. Não penses mais nisso, não?”

Diz a vizinhança que Ivonne ficou tão contente, que de todo se esqueceu daquele desgosto.

Deitou tira nova no vestido, e no outro dia entrou alegríssima na escola. Eugênia, pulando de contentamento, voltou para a boneca, encontrando-a a sorrir como sempre. E desde aquela ocasião, as duas meninas, Ivonne e Eugênia, ficaram amicíssimas.





ENEIDA tinha um namorado com quem queria a todo o transe casar-se. Sendo êle, porém um homem do povo, conquanto honrado e trabalhador, a família dela, orgulhosa, com fumaça de fidalguia, e rica, não o consentiu e tratou de lhe arranjar outro casamento.

Apresentando-se como pretendente um velho, que enriquecera no comércio, o pai obrigou-a a aceitá-lo por noivo. A moça obedeceu, a seu pesar, não gostando daquele marido que lhe ofereciam, e não se tendo esquecido do seu apaixonado.

Realizadas as bodas, os noivos partiram para uma longa viagem que devia durar três meses.

Uma vez jornadeando, e tiveram que passar um rio, largo e fundo, sobre uma estreita ponte de madeira. Zeneida, alegando muito medo, fêz o marido passar adiante, e, quando se viram em meio atirou-o à água.

Na ocasião em que estava prestes a se afogar, o velho ricaço, antes de desaparecer submergindo, exclamou:

— “Deixa estar malvada, que minha Alma te há de perseguir!...”

Desde êsse dia, uma voz invisível acompanhou-a sem cessar, noite e dia, repetindo tôdas as palavras que ela pronunciava.

A rapariga foi obrigada a se fingir muda, receiosa que viessem a descobrir o seu crime.

Continuando a viagem sózinha, Zeneida foi ter a um grande país, a cuja capital chegou.

Aí, passeando pelos arredores, foi vista por um príncipe, que dela se apaixonou, dirigindo-lhe de-

clarações de amor, e terminando por pedi-la em casamento.

Por meio de gestos mímicos, ela fêz compreender que aceitava, mas que não podia falar por ser muda.

O príncipe ficou sentidíssimo, porque a lei vedava-o casar com qualquer moça que não fosse absolutamente perfeita. Todavia mandou levá-la para o paço, confiando-a aos cuidados dos mais notáveis médicos do reino, que a examinaram, desenganando-se de curá-la.

Quando se achava a sós, Zeneida tentava falar. Mas, a menor palavra, que pronunciasse, a Alma de seu marido a repetia, e mesmo conversavam.

Um dia soube que o príncipe ia casar-se, vendo que ela não ficava boa.

A noiva devia chegar nessa manhã, e todos os criados do palácio tinham ido ver o seu desembarque.

Zeneida, ficando sózinha, dirigiu-se à cozinha real, também abandonada, onde se preparava o banquete. Destapou uma panela, e provando o guisado, exclamou:

— “Oh! como está gostoso!”

— “Oh! com está gostoso”, repetiu a Alma.

— “Queres um bocadinho?”

— “Quero”.

— “Então, chega-te aqui, para a ponta de meu dedo!”

A Alma chegou-se e, assim que a sentiu bem na extremidade do indicador, Zeneida estalou o dedo no fogão.

Ouviu-se um grande estrondo, e ela disse com um suspiro de alívio:



— “Uff! Felizmente estou livre!”
Falou, cantou, recitou, e não ouviu mais a voz da Alma que a importunava.

Foi se vestir deslumbrantemente.

O cortejo da nova princesa já havia chegado à palácio.

Zeneida dirigiu-se para o salão, onde viu a noiva sentada num trono, junto ao príncipe.

Ao avistá-la, a noiva, querendo fazer espirito, perguntou:

— “Esta é a muda mudona?”

A outra reforquiū:

— “E esta é a noiva noivona, que já está tão sabichona?”

Admiração de ouvi-la falar, o príncipe desmanchou o casamento com a primeira vindo a se casar com Zeneida.

F I M



INDICE

	Págs:
Prefácio da nova edição.....	5
Prefácio da 1.ª edição.....	9
O companheiro de viagem... X.....	11
O avô e o netinho..... X.....	29
O soldado e o diabo... X.....	32
O violino mágico... X.....	37
O miudinho... X.....	41
O sargento verde... X.....	46
O patinho aleijado... X.....	52
O bezouro de ouro.....	60
O moço pelado.....	69
Os três cavalos encantados.....	79
História de um pintinho.....	88
O papagaio dourado.....	95
O moleque da carapuça dourada.....	104
A onça e o cabrito.....	115
O afilhado do diabo.....	122
O príncipe enforcado.....	131
A princesa dos cabelos de ouro... X.....	140
O peixe encantado.....	164
O pássaro mavioso.....	172
Joaquim, o enforcado.....	178
O príncipe Querido.....	188
O anjo da guarda.....	204
A casa de maribondos.....	212
O macaco e o moleque.....	216
O bom juiz.....	220
A moça encontrada no mar.....	222
As três princesas encantadas.....	229
Os anões mágicos.....	235
Aventuras de um jabuti.....	242
A gatinha branca.....	246

	Págs.
O dr. Grilo.....	263
O grande advogado.....	267
Os anõesinhos feiticeiros.....	270
A casa mal assombrada.....	275
Aventuras do Zé Galinha.....	278
O kágado e o urubú.....	286
A princesa adivinha.....	289
Os três ministros.....	293
O pai e o filho.....	296
A rainha das águas.....	297
A moça do lixo.....	308
A velha feiticeira.....	311
A sapa casada.....	317
A onça e a raposa.....	322
O anel mágico.....	324
Um raio de sol.....	329
A faquinha e a bilha quebrada.....	334
A burra e o seu burrinho.....	341
O vestido rasgado.....	353
A alma do outro mundo.....	358

Composto e impresso na
GRÁFICA EDITORA AURORA, LTDA.
Rua Vinte de Abril, 16